



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
SOCIAL**

CRISTIANO CRUZ ALVES

**“Um Espectro Ronda a Bahia”:
O ANTICOMUNISMO DA DÉCADA DE 1930**

**SALVADOR
2008**

CRISTIANO CRUZ ALVES

**“UM ESPECTRO RONDA A BAHIA”:
O ANTICOMUNISMO DA DÉCADA DE 1930**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre

Orientação: Dr. Muniz Ferreira

SALVADOR
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

CRISTIANO CRUZ ALVES

“Um Espectro Ronda a Bahia”: O ANTICOMUNISMO DA DÉCADA DE 1930

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em História Social

Salvador, de 2008

Banca Examinadora:

Muniz Gonçalves Ferreira
Doutor em História , UFBA

Antonio Luigi Negro _____
Doutor em História, UFBA

Carlos Zacarias F. de Sena Júnior
Doutor em História, UNEB

Aos meus pais que jamais hesitaram em me apoiar nos mais importantes momentos e quando mais precisei do seu conforto e afago sempre estiveram presentes. São a eles que dedico esta dissertação, em especial para minha mãe, incansável guerreira que soube tolerar minha impaciência e inquietação.

AGRADECIMENTOS

Esta é uma das etapas mais relevantes e ao mesmo tempo alegres da elaboração de uma dissertação. É o momento de lembrar pessoas que direta ou indiretamente colaboraram de alguma maneira para o caminho que nos trouxe a esta etapa derradeira. Por isso, invariavelmente cometemos injustiças por que, infelizmente, a memória neste instante nos falta e em consequência disso, pessoas importantes não são lembradas, o que desde já me leva a pedir desculpas pelas ausências de nomes.

Como é de praxe e muito justo, agradeço primeiramente aqueles que me ofertaram a vida, meus pais. Companheiros de toda hora, parceiros das angústias e felicidades, aliados para os desafios e vitórias, meus pais sempre acreditaram em mim e me deram toda liberdade para efetuar as escolhas que desejei sem me pressionar ou fazer cobranças. Ao contrário, contei com o seu apoio incondicional, especialmente de minha mãe, D. Alda, que incorpora com todas as letras o sentido da palavra **mãe**. Nos momentos que precisei, ela estava presente ao meu lado. Para ela meu agradecimento todo especial.

Ao Prof. Dr. Muniz Ferreira, que sempre com bom humor e seriedade inatacável pelo seu rigor científico, pela precisão dos seus comentários e erudição pouco vista por mim entre todos que conheci até hoje, um agradecimento especial. Foi o Prof. Muniz Ferreira que nos primeiros semestres da graduação me fez despertar para a pesquisa científica e a partir de então não mais parei e a curiosidade e interesse só aumentaram. Tenha certeza Muniz que os laços de cordialidade, fraternidade e admiração aumentaram na mesma proporção pela figura que você representa para a minha trajetória acadêmica.

Aos colegas de graduação e mestrado que me acompanharam durante boa parte da minha vida acadêmica. Cito especialmente Célio Roberto, Vilson Menezes, Cristiane Santana, Mariana Pontim e Bruno Casseb. Todos eles e mais aqueles que não foram expressamente mencionados, contribuíram em diversos momentos com o

debate de vários temas, durante os intervalos no pátio ou em na sala de aula. Meu muito obrigado a todos. Estejam certos que uma parte deste trabalho tem por uma das raízes o exercício do raciocínio histórico que foi construído paulatinamente durante estes debates.

Aos professores da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia que contribuíram mais uma vez para a mudança intelectual de uma pessoa e sua disposição em cooperar. Decerto que neste momento não poderia me esquecer do ato de solidariedade que a Prof. Dra. Lígia Bellini prestou ao me apoiar numa hora difícil da minha vida como trabalhador-estudante. Um obrigado especial a esta especial professora.

Aos funcionários da Biblioteca Pública do Estado da Bahia pela presteza com que me atenderam. Um muito obrigado.

Ao Programa de Pós-Graduação em História Social. Obrigado.

RESUMO

Este trabalho tem por fim discutir as representações anticomunistas na Bahia, particularmente na imprensa. Esta se tornou ao longo de décadas uma disseminadora de idéias importantes para a consolidação de certas posturas e a construção de instrumentos eficazes de dominação por intermédio da divulgação de ideários. O principal deles, durante o século XX, foi, decerto, o anticomunismo. Elemento de agregação para os setores conservadores da sociedade em momentos de crise e justificativa para o cerceamento de direitos básicos, como os de sindicalização e associação, ele encontrou terreno fértil na Bahia. Nos períodos em que ocorria alguma manifestação mais contundente por parte das classes subalternas, as elites empreenderam um combate violento ao comunismo por intermédio da imprensa bahiana, geralmente desqualificando-o. Na Bahia, onde o contingente operário e o Partido Comunista não tinham a mesma força que em outros estados, como São Paulo e Rio de Janeiro, a imprensa terminou por instrumentalizar o anticomunismo e ao mesmo tempo foi um instrumento deste, através da contraposição entre o comunismo e os valores cristãos e ocidentais presentes na idéia de povo “ordeiro e pacífico”.

Palavras-chaves: anticomunismo, imprensa, década de 1930, política

ABSTRACT

This work intend to discuss the anticomunists representations in Bahia, specially in the press. The press became through out the decades very important to broadcast relevant ideas to consolidate certain positions and the construction of efficient instruments of domination by transmittion of ideologies. One of the most importants in the XX century was, surely, the anticomunism. Element of union for conservatives sectors of society in times of crisis and reason to limitate the basic laws, as sindicalization and association, the anticomunism found a good place in Bahia. In the periods that happened some strong manifestation by lower sectors of population, the *elites* used violent and argumentative ways or as usual, blamed them as comunists. In the society of Bahia, whose the workers and the Comunist Party didn't have the same power as in other places, like São Paulo and Rio de Janeiro states, the press instrumentalized the anticomunism and at the same time was a instrument of that, through of oposition between the comunism and the Christian and western values presents in the idea of "pacific people".

Key-words: anticomunism, press, 1930's years, politics

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	10
2.A REVOLUÇÃO DE 30: UMA VISÃO DOS JORNAIS BAIANOS.....	21
2.1.O prelúdio anticomunista.....	21
2.2.A Bahia e a política no início da década de 1930.....	25
2.3.A Revolução de 1930 e a imprensa bahiana.....	29
3.O DISCURSO INTEGRALISTA EM TERRAS BAIANAS: ENTRE A FUNDAÇÃO DA AIB ATÉ OS LEVANTES DE 1935.....	49
3.1.O integralismo.....	49
3.2.Os integralistas e o integralismo na Bahia.....	57
3.3.Os jornais e o integralismo antes da intentona.....	62
3.3.1.O Diário de Notícias.....	62
3.3.2.O Imparcial.....	69
4.O ANTICOMUNISMO DA INTENTONA ATÉ O GOLPE DO ESTADO NOVO.....	82
4.1.A Formação da ANL.....	82
4.2.A ANL na Bahia, os levantes e o discurso anticomunista.....	93
4.2.1.O fechamento da ANL.....	97
4.2.2.Os levantes de Novembro de 1935.....	102
4.3.Entre os anos de 1935 e 1937: a perseguição aos comunistas.....	107
4.3.1.O caso do ataque ao jornal O Imparcial.....	109
4.3.2.Os ataques às estações de energia da Lapinha e de Sant'Anna.....	110
4.3.3.A Prisão de Prestes.....	111
4.3.4.Campanha anticomunista.....	112
4.3.5.O ano de 1937.....	114
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	118
FONTES.....	124
ANEXOS.....	126

1.INTRODUÇÃO

O anticomunismo é um fenômeno social e político que encerra em si um conjunto de ações, discursos e estratégias que visa combater o objeto da sua crítica e recusa: o comunismo (MOTTA, 2002). Para tanto, a construção de um conjunto de idéias acerca do comunismo foi necessário para conformá-lo como um inimigo social, um ente que se contrapõem aos valores, instituições e estruturas sociais e econômicas vigentes na sociedade capitalista e ocidental.

Dentre os elementos mais importantes que estão presentes nos discursos anticomunistas é a idéia de que o comunismo tende a desintegrar a sociedade tal como as pessoas a conhecem e a aceitam, lançando-a numa desordem social. O discurso então é concatenado com os referenciais sociais que mantêm coeso o todo social em que as representações são criadas e transmitidas..

O anticomunismo se constituiu num ideário disseminado pelas forças conservadoras da sociedade cuja formação se deveu à propagação de uma noção de comunismo como ameaçador para a ordem social e o estabelecimento de uma sociedade comunista levaria ao fim valores cristãos e ocidentais. Neste sentido afirma Dutra que,

Ao projetar o mal, identificam-se nele todas as ameaças da decomposição do esfacelamento social e defendem-se instituições que garantam a identidade e projetam-se os alvos da decomposição: a Pátria, a Prosperidade, a Família, a Autoridade, a Civilização, o Cristianismo, a Moral (1991/1992, p. 136)

Por isto as classes dirigentes no intuito de legitimar as desigualdades existentes e negar a eficácia do comunismo, descaracterizavam-no ao apresentá-lo como um “perigo”, redefinindo conceitos e moldando ações políticas.¹

¹ Admitimos que só podemos definir classe quando se conhece o processo histórico na qual está inserido, pois é no desenvolvimento da inter-relação cultural entre os diversos grupos que se reconhecem como distintos dos outros, com o qual podemos definir quem são. Assim, não é o processo de produção e distribuição material entendido como economia pura e simplesmente que define classe sem nos reportarmos a outros aspectos sociais e a sua posição nas disputas de poder e espaço político. Classes dirigentes seriam aquelas que detêm a hegemonia na produção de valores, representações e idéias culturais que são comumente aceitas e permeiam direta ou indiretamente a construção e desenvolvimento de outros universos culturais.

A construção de um imaginário em torno do comunismo na década de 1930, cuja definição foi forjada pelos seus opositores mais radicais – a Igreja e os integralistas - tornou-se um produto do anseio das classes dominantes de constituir um “inimigo” ao torná-lo para a sociedade um ideário de desgraça, da emergência do caos social e do terror político. Assim, o comunismo seria destrutivo, constituindo sua principal meta a aniquilação da escala de valores sociais, pois o comunismo seria tão somente uma ideologia que cria o caos, elimina as distinções ou quebra escala de valores sociais.

O imaginário anticomunista brasileiro, longe de ter sido um mero decalque das produções discursivas estrangeiras - apesar de ter sido bastante influenciado - incorporou elementos característicos de um dos pilares da sociedade brasileira, o catolicismo. Ao mesmo tempo em que ocorreu a ênfase na oposição ao comunismo por intermédio dos jornais, há um chamamento para o seu combate, pois tem o discurso anticomunista, na sua gênese, a capacidade de se associar com um sistema de valores, como aponta Baczko:

o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira.[...] O dispositivo imaginativo suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum (BACZKO, 1985: 311 apud RODEGHERO, 2003: 110)

A imprensa, principal fonte de pesquisa para esta dissertação, desempenhou um papel fundamental para disseminar idéias e noções sobre o comunismo, em parte por que os jornais baianos eram de propriedade de membros das elites política, social e econômica que recusavam veementemente o comunismo, mas também por que era o único veículo de comunicação reconhecidamente legítimo para informar. Sua relação com a história guarda estreita ligação, porquanto seja a imprensa uma instituição que reivindica o papel de noticiar, é ao tempo que executa isto, um intérprete destes fatos.

Para o entendimento da produção jornalística, as formações imaginárias são importantes na concepção de análise do discurso e por consequência para a notícia. Para Mariani (1998), influenciada pela leitura de Pêcheux(1983), a formação

imaginária denomina o lugar que A e B se colocam um ao outro e a imagem que eles fazem de si próprio e do lugar do outro. Nos discursos jornalísticos, o que prevalece é o assujeitamento político-partidário de um dizer já posto pela formação discursiva dominante.

Nos meios de comunicação a ilusão da objetividade do discurso é mais visível porque intencional. O jornal transmite uma determinada ordem onde estão contidos certos valores, “onde o bem é o anticomunismo em função dos consensos, explicações com encadeamentos de causa e efeito etc., que vão sendo organizados”.(MARIANI, 1998, p. 122). Portanto a imprensa desempenha um papel dentro do espectro ideológico, por que institui uma realidade e ao mesmo tempo a classifica, atribuindo importância a certos aspectos em relação a outros.

A representação que visa a enfatizar determinada concepção se materializa na transformação do evento ou eventos que engendraram a própria representação. A representação fornece uma visão que não está desconectada com a percepção de certo e errado, e que pretende conformar uma realidade; uma interpretação da realidade, melhor dizendo. Nisto a imprensa, notadamente na década de 1920, por conta das suas mudanças, executou um papel primordial para que os leitores e parte da população em geral voltassem sua atenção para o comunismo. Sem isto, o comunismo não seria visto pelos olhos de parte da população como um “perigo”.

Outra característica das forças discursivas presentes nas matérias jornalísticas é a possibilidade de mudança dos lugares ocupados pelos interlocutores. Ou seja, um jornalista pode se colocar na posição do outro(no caso, o leitor) e ajustar a sua fala a partir disto. Assim,

Uma compreensão da recepção dos jornais, ie, no que se refere ao modo como os leitores significaram o discurso sobre os comunistas, esta pode ser detectada na própria prática discursiva da imprensa. Ou seja, se a instituição jornalística não funciona sem leitores, e se ela busca atraí-los como consumidores, há que se considerar que todo jornal noticia para segmentos determinantes da sociedade, produzindo para uma imagem de leitor suposta a tal segmento. (MARIANI, 1998, p. 57)

Em outras palavras: o discurso jornalístico não é inocente por que conhece para que público está falando, como produzir determinada informação e o que a informação gera em termos de expectativas, angústias, satisfações, preocupações, etc... Está embutida na informação a imagem de “quem vai ler” configurada pelo autor da notícia.

A imprensa se constituiu numa divulgadora de noções e valores, afirmando consensos e formando imagens. Sua função principal nas formações dos discursos é produzir explicações mais acessíveis para o público sobre aquilo que se fala. A produção dos fatos, principal meio para a divulgação de noções “verdadeiras” sobre a realidade está imersa em consensos de sentido. Isto se dá através “de um jogo de influências em que atuam impressões dos próprios jornalistas (eles também sujeitos históricos), dos leitores e da linha política dominante no jornal.” (MARIANI, 1998, p. 60)

O relato dos fatos que a imprensa faz mais do que uma interpretação é, sobretudo, uma constituição de uma nova “realidade”, expressão do contexto de lutas e contradições as quais o jornalismo não escapa, uma vez que é uma instituição socialmente determinada. Assim, os fatos que se aduzem nas matérias jornalísticas são representações do fato em si, portanto mediado e eivado de sentidos “através de instrumentos, tais como, a hierarquização, o agendamento, a seleção.” (RANGEL, 2004, p. 2).

O conceito de verdade, fundamental para o jornalista, é o pilar para seu trabalho de compreensão do fato. A preocupação em creditar os fatos tratados nas matérias como verdadeiros, acompanhou o crescimento da importância do trabalho do jornalista, paralelamente ao aumento do interesse de diversos segmentos da sociedade em divulgar suas visões dos fatos e disseminar idéias, colaborando para a construção de uma memória – peça fundamental e indispensável para a legitimação de valores e atos de toda ordem.

Geralmente o sujeito enunciador pretende que seu discurso produza um distanciamento com relação ao objeto, ou seja, o jornalista tende a formar uma auto-imagem de sujeito neutro na produção do discurso sobre a realidade para que o leitor não perceba seu engajamento político e social . Assim o discurso jornalista, somando-se a isso, exerce,

Um papel importante na produção/circulação de consensos de sentido. Isto perpassa os jornais como um todo – apesar das diferenças existentes em termos do posicionamento político de cada jornal – e organiza uma direção da produção dos sentidos políticos. Em outras palavras, consideramos que, na imprensa, o modo de denominar, descrever e narrar os eventos referentes aos partidos comunistas é regulado historicamente, resultado de uma memória institucional vinculada ao dizer jornalístico que ultrapassa a polêmica entre opinião/informação e a construção ou não dos acontecimentos. (MARIANI, 1998, p. 66).

A memória institucional, construída a partir do imaginário já existente e os modos de constituição do discurso jornalístico concorrem para a forma com que os jornalistas narram os fatos. Este papel de “dizer a verdade” fazendo propagar os acontecimentos que assim entendem importantes, por intermédio do seu relato, seguiu um processo de transformação que modificou o próprio trabalho do jornalista.

Segundo Nelson Werneck Sodré (1980), a partir do final do século XIX, no Rio de Janeiro e em São Paulo, o jornalismo passou por um processo de transformação que culminou na passagem de uma imprensa artesanal para uma imprensa industrial.² Na Bahia, segundo José Welinton Aragão dos Santos (1985), este processo se iniciou na década de 1910. Foi neste período que houve a mudança na “produção da notícia” nos jornais baianos, uma alteração no enfoque e na relação da imprensa com o fato e a sociedade. O autor em questão analisa esta mudança através das posições dos jornais diante de fatos relevantes do cenário político e sociais baianos e aponta as agências internacionais, *Reuters* e *Havas*, durante a I Guerra Mundial, como responsáveis principais pela inflexão na imprensa baiana.

Isto aconteceu quando os jornais adaptaram-se às estruturas capitalistas de produção, principal requisito para a inserção do jornalismo na era da “produção da notícia”, a imprensa, não obstante as mudanças tecnológicas – racionalização do parque gráfico, altos investimentos e, principalmente, cessão comercial de espaços nas edições – buscaram alterar o discurso sobre o fato, tentando atribuir-lhe uma aura de objetividade. O intuito era a venda maciça de exemplares ao maior número de leitores possível, pois se sabia que isto atrairia mais anunciantes e assim elevaria os lucros das empresas jornalísticas. A notícia transformou-se num produto que precisava ser vendido que para tanto, precisava sustentar uma suposta neutralidade.

Nesta mudança do jornalismo baiano, a notícia, como representação do fato, corresponderia a “verdade”, uma vez que o jornalista trataria o fato como uma coisa

² Este processo ocorreu, mas vários autores que discorrem sobre o tema não convergem para o mesmo período. Na visão de Wilson Bueno, este tipo de imprensa industrial no Brasil não ocorreu na época em que Sodré afirmou ter comprovado. O motivo para tal discordância está nas relações de produção que no início do século XX não estavam consolidadas visto que “a industrialização é um processo, um conjunto articulado de mudanças, dotado de certa continuidade e de sentido” (SANTOS, 1985, p. 21). A imprensa - indústria representava cerca de 10% da imprensa. Para Juarez Bahia, o jornalismo entre 1880 e 1930 se transformou em empresa passando a priorizar a reportagem sobre a crônica e a notícia sobre o comentário. Já em Edvaldo Simas Pereira, aponta que ainda na década de 1920, os jornais se comprometiam de tal forma com os grupos políticos ou enveredavam a tomar posições pouco isentas diante dos acontecimentos; a *contrario sensu* do princípio da isenção, insuflava a luta política. (PEREIRA, 1987, p. 191). Portanto segundo Pereira, não se pode detectar a existência de uma posição neutra no processo político-partidário.

onde seu trabalho se restringiria a um mero relato. Desta maneira nenhum resquício de parcialidade restaria à transmissão da notícia.

Considero, porém, que isso se constituiu num instrumento discursivo bastante eficiente para a divulgação e o reforço de valores, ao contrário da postura objetiva e neutra que a imprensa baiana pretendia postular. Se a notícia é o relato do fato, e não o fato em si mesmo, poder-se-ia afirmar que o conteúdo dos jornais não seria a verdade absoluta. A notícia é *uma* expressão de verdade, pois se constitui na parcela do discurso que se transmuta em poder político³, já que a imprensa nas primeiras décadas do século XX se colocava como uma instituição condutora do jogo político, como afirma Capelato (1992).

O jornal tem o papel peculiar de informar. A escrita da informação envolve técnicas que se constituíram em verdadeiros mitos. Nos manuais onde estão inscritos as regras para a construção da notícia, o poder dizer é enfatizado, numa verdadeira onipotência do sujeito em relação à linguagem. “Informar ou opinar desse ponto de vista resultam da capacidade (ou interesse) do responsável pela notícia em manipular a linguagem”. (MARIANI, 1998, p. 72).

A visão que os jornais têm do comunismo é fruto da visão do que seria um sujeito ocidental (formado por valores cristãos) segundo a imprensa como instituição. Isto tem ligação com a maneira que a própria imprensa passou a se ver a partir do século XIX - como um meio de comunicação neutro. Esta pretensa e propalada neutralidade que a imprensa diz para si e para a sociedade é falsa, pois a imprensa acaba,

instituindo uma ordem e fazendo circular os sentidos que interessam às instâncias que o dominam, devemos ter claro que, ao alegar seu compromisso com a ‘verdade’, a imprensa finge não contribuir na construção das evidências (ou mesmo, do sentido literal), atuando, assim, no mecanismo ideológico de produção das aparências de obviedade. Daí seu caráter ideológico, e não um pretenso compromisso com a verdade. (MARIANI, 1998, p. 81)

A negação dos comunistas nos textos jornalísticos é, portanto, ideológica também, por que produz um outro sentido de verdade que perpassa pela confirmação da idéia de civilização ocidental – onde se insere na visão dos jornais a identidade brasileira como o Bem e o comunismo como o Mal, embora não se

³ Ou como dizia Foucault(1982) em um *saber*

definam exatamente quais seriam os elementos que comporiam esta suposta “identidade brasileira”, tampouco “civilização ocidental”.

Na dicotomia Bem e Mal que correspondem no Eu e o Outro, quando os jornais se referem ao comunismo. A negação do discurso comunista - a exposição de seus princípios, tática e estratégias - é bem realizada pela afirmação do que constitui o Eu, ou seja, o que é o brasileiro. A imagem que os jornais construíram a partir do “mito da cordialidade” está implicitamente contida nos dizeres de comunista, como ferozes, tiranos e desvairados. Ou seja, era nisto que se baseavam os jornais durante a Primeira República quando falavam sobre o comunismo não ser algo capaz de ser implantado no Brasil, pois o brasileiro não se coadunava com o comunismo. Contudo esta vertente anticomunista iria se esvaír na década de 1930, principalmente a partir de 1935, como afirma Rodrigo Patto Sá Mota:

As vantagens embutidas na exploração propagandísticas da “Intentona” são evidentes: tratava-se de um caso real, ocorrido no Brasil, e não de informações relativas a terras longínquas. O comunismo deixava de ser uma abstração e adquiria perfil definido, concreto e próximo da realidade brasileira; o anticomunismo passava a ter um apelo forte, sensibilizando setores significativos da sociedade que até então não davam ouvidos às advertências sobre o “perigo vermelho”. (2002, p. 76)

O comunismo era sinônimo de oposição e, por conseguinte de ameaça. Em um trabalho sobre o jornal *O Estado de São Paulo*, Maria Helena Rolim Capelato (1980) pôde observar que a imprensa se incumbiu de construir concepções acerca dos diversos processos políticos que se desencadearam no século XX. Sobre a Revolução de 1930, este trabalho apontou a postura crítica dos periodistas com relação principalmente ao novo governo e à suas medidas. A repulsa ao comunismo durante a Revolução de 1930 teria vindo em boa medida, como consequência do temor proveniente das incertezas, embora houvesse evidente conduta de combate dos líderes da revolução face comunismo. “Desde o primeiro movimento da revolução, portanto nota-se a assentida preocupação das autoridades com a repressão policial e com o controle da polícia.” (PINHEIRO, 1991, p. 260).

O Estado na década de 1930 estruturou um aparato autoritário sob a justificativa da “ameaça” comunista. Este período foi importante para a constituição de um anticomunismo que tomava como referencial principalmente o perigo de uma possível revolução mundial, consequência da Revolução Russa. O forjamento de idéias autoritárias justificou-se também pelo crescimento do comunismo. Por isto é

importante estudar o anticomunismo a partir da Revolução de 1930, mesmo não desconsiderando as representações anticomunistas anteriores, pois “é a partir daí que se articulava de forma clara o forjamento de propostas totalitárias justificadas em torno do ‘perigo comunista’” (SILVA, 2001, p. 16).

Parece-me que esta também tenha sido a compreensão da imprensa baiana em relação ao comunismo. Como porta-voz das classes dirigentes, ela reproduzia todos os anseios, medos, propostas e idéias que faziam parte do seu pensamento conservador, principalmente quando havia um ator político que se tornava um elemento de unidade das classes dirigentes. A imprensa foi e ainda o é, um recurso das classes dirigentes para impingir suas idéias ao restante da sociedade. Portanto é um instrumento ideológico. Diferentemente de outras empresas capitalistas, a imprensa leva consigo uma carga simbólica e mítica. Contudo, é preciso ressaltar que,

o jornal não possui um papel determinante do que é seguido pela sociedade, ele é um lugar onde pode se formar e divulgar ideais que transformam o imaginário social. Há sempre presente a possibilidade de conflito, na forma com que as comunidades apreendem a política institucional. (SILVA, 2001, p. 19)

É com esta perspectiva que pretendemos trabalhar. Compreendemos que a imprensa executa importante papel na formação de opiniões, mas estas não são recepcionadas pela população da mesma maneira com que são produzidas. As representações políticas presentes no discurso dos textos são assentadas, sem dúvida, em um imaginário já existente sobre o tema, embora isto não esteja explícito. É importante investigar nestas representações o conjunto de mensagens para saber quem diz o que e a quem, tomando-se por princípio que “os receptores, de maneira consciente ou inconsciente, interpretam, adaptam as idéias, costumes, imagens e tudo o que lhes é oferecido.” (BURKE, 2000, p. 249).

Nas matérias jornalísticas, podemos detectar o posicionamento dos periódicos diante do fato, a saber, a tentativa de neutralidade e distanciamento das posições partidárias. Embora isto tenha sido um dos pontos da reestruturação que ocorreu na década de 1910 na imprensa de um modo geral, não concordamos com a tese de que os jornais, não obstante terem procurado se afastar de posições político-partidárias, não atingiu a condição de grandes empresas sem terem recebido o apoio de destacadas personalidades da política baiana. Por isso, os

textos jornalísticos que estão imersos no suposto discurso da neutralidade não o realizam de fato, pois terminam por se constituir em mais um instrumento para convencer o leitor - o consumidor de informações na era da imprensa-indústria - , que a notícia é a expressão fidedigna da realidade.

O jornalista seleciona o telegrama, por exemplo, a partir de seu ponto de vista. Não é neutro, embora os jornalistas proclamem sê-lo. Os telegramas vindos do exterior ou aqueles que eram enviados dos grandes centros urbanos, como Rio e São Paulo são utilizados neste trabalho para entender os processos discursivos que servem para a conformação de representações anticomunistas. Importa-nos neste estudo se o comunismo ou os comunistas a que determinado jornal se refere estão presentes na Bahia e de que maneira os jornais locais os via⁴. É relevante saber o que, mesmo em pequeno número, os baianos liam e as representações que se faziam presentes sobre o comunismo.

Dos jornais pesquisados, aqueles que mais publicaram matérias cujo conteúdo fizesse menção à Revolução de 1930 e ao comunismo foram A Tarde, Diário de Notícias, O Imparcial, Folha do Norte (Feira de Santana) e Diário da Tarde (Ilhéus). Os dois primeiros produziram no ano de 1931 um número significativo de matérias sobre o comunismo, sendo que quase a totalidade destes o abordavam de forma negativa. Em boa parte dos textos, verifica-se um sentido educativo que mostrava, sobretudo, o comportamento dos comunistas, os fracassos do comunismo na Rússia, a inviabilidade da sua implantação no Brasil e a diferença do “caráter” do baiano em relação aos princípios do comunismo.

A partir da maior ocorrência de matérias sobre determinado tema, resolvemos dividir a dissertação em três grande blocos que correspondem aos capítulos. Esta divisão não significa que não tenha aparecido algum texto jornalístico que dissesse respeito a outro tema, pois alguns assuntos perpassaram toda a temática como a União Soviética (Rússia) e as greves.

⁴ Não há um estudo específico sobre a História do Partido Comunista na Bahia. O que sabemos está referendado na obra de Mario Augusto da Silva Santos, onde afirma que, baseando-se em depoimento oral de Astrogildo Pereira, o “Partido Comunista não contou com qualquer representação na sua formação, em Março de 1922. Em 1925, seu total de filiados em todo o Brasil seria de 300 a 500 membros, alguns dos quais na Bahia”. (SANTOS, 2001, p. 123). Contudo recente trabalho aponta uma forte presença de comunistas na região sul da Bahia. (LINS, 2007)

O primeiro capítulo examina a conjuntura da Revolução de 1930. Buscamos identificar quais foram as maiores preocupações das elites bahianas diante de um quadro de ruptura institucional e como as matérias jornalísticas trataram os episódios de conflito que aconteceram paralelamente ou o sucederam nos três primeiros meses de 1931. Ainda procuramos analisar quais as visões dos jornais acerca do movimento militar de 1930, tendo como foco principal a garantia da ordem que deveria ser o maior objetivo, segundo a imprensa, do governo que tomava posse no final de 1930.

O segundo analisa uma das principais organizações que combateram o comunismo no Brasil e, por conseguinte na Bahia: o integralismo. Nesta parte o capítulo busca estudar as principais características do integralismo para a melhor compreensão de sua disposição anticomunista. Através do exame detido de dois jornais bahianos, O Diário de Notícias e O Imparcial, analisamos algumas fontes que nos forneceram os elementos argumentativos do integralismo bahiano para o combate ao comunismo.

No terceiro capítulo, analisamos um período específico da história brasileira que representou um marco no anticomunismo brasileiro: a chamada “intentona comunista” e a perseguição mais sistemática e organizada aos comunistas até então vista que se sucedeu até o golpe do Estado Novo. Neste tema, uma quantidade enorme de matérias nos fez optar por analisar aquelas que se voltaram exclusivamente para fatos ocorridos na Bahia, sem contudo deixar de relatar como o jornalismo bahiano recepcionou os levantes de 1935 e a prisão de Prestes em sua páginas.

A relevância do tema é inegável. Tanto quanto poucos estudos tenham sido feitos até agora, eles aumentaram significativamente nas últimas duas décadas quando surgiram várias publicações acadêmicas, oriundas de Programas de pós-Graduação que começaram a descortinar o tema. E hoje, nos eventos que reúnem historiadores, podemos notar o grande número de pesquisadores que se interessam pelo tema, fruto sobretudo da mudança dos paradigmas da história e mais especificamente da história política

Contudo ainda quando é mencionado, o anticomunismo aparece marginalmente em conjunturas mais abrangentes. A tendência é creditar ao anticomunismo uma elaboração meramente imperialista ou de grupos apenas interessados em se alçarem ao poder sem considerarem que muitas pessoas e

grupos acreditavam que o comunismo era um “perigo” real. Acreditamos que outras motivações permanecerão encobertas se continuar seguindo este tipo de explicação do fenômeno anticomunista, pois existiram grupos que acreditaram no comunismo como uma ameaça real. Para além disto o anticomunismo se tornou um ideário muito útil como justificativa para a repressão política e policial e golpes de Estado.

Entretanto, não obstante a falta de atenção dada ao anticomunismo, a relevância do estudo do tema se deve, dentre outros motivos, ao embate que os dois principais modelos de organização social, econômica e política concretizam sob as mais diversas formas e que atravessou o século XX, como talvez a maior marca que se pode emergir das explicações sobre o movimento histórico no período. Considero então que, como é importante estudar a hegemonia do capitalismo estadunidense no mundo, também é fundamental analisar o anticomunismo, posto seu papel na definição de posicionamentos e princípios que nortearam em momentos cruciais da história mundial decisões que marcaram a vida nos últimos oitenta anos.

2.A REVOLUÇÃO DE 30: UMA VISÃO DOS JORNAIS BAIANOS

2.1.O PRELÚDIO ANTICOMUNISTA

Durante toda a Primeira República sob diversas formas e meios, tanto no plano nacional como no local, as autoridades instituídas no Estado ou fora dele procuraram exercer seu poder através da opressão física e simbólica para impedir o que consideravam “perturbação da ordem pública”, repulsando todo tipo de manifestação que questionasse certa *cultura política*⁵ dos estratos superiores, ocupantes das posições hierarquicamente mais altas nas diversas áreas da sociedade. Esta cultura política fazia sustentar no interior do Estado uma elite política, ao fazer dos meios pelos quais se construíram o modelo de relação entre governantes e governados os instrumentos de sua reprodução enquanto grupo distinto da sociedade, num processo de permanência de práticas políticas, com raras exceções temporais.

Um destes instrumentos foi a constituição do temor ao diferente, estranho, ou tudo aquilo que denotava rompimento de valores. Na Primeira República, a construção da figura que representaria o medo tinha por objetivo identificar com mais clareza quem seria(m) o(s) inimigo(s) a serem expurgados da sociedade. A preocupação de muitos jornais baianos em relatar para a população a respeito da Revolução Russa, por exemplo, ultrapassou a precípua função da imprensa de informar sobre o que acontecia na Rússia. As notícias sobre a Revolução de Outubro de 1917 trouxeram no seu bojo a suspeição de que valores caros às sociedades ocidentais e cristãs, como a brasileira, estariam seriamente ameaçados. Ao adotarem esta linha, os periódicos baianos produziam notícias que concorriam

⁵ Entendo cultura política como um traço característico das relações de poder, sejam institucionais ou não, entre indivíduos e/ou sujeitos coletivos com as formas de ver, organizar e exercitar o próprio poder. Chartier entende que as relações políticas se estabelecem entre os modos de organização e do exercício do poder de um lado e as configurações sociais de outro. Com efeito, são estas últimas que tornam possível a forma política que são em parte engendradas por ela (CHARTIER, 1994). Vê-se que Chartier nos indica um novo olhar sobre a política, na qual o que importa são as trocas, sobretudo as que ensejam condutas e pensamentos face ao poder. Apenas completaria dizendo que, não obstante as variações de conceitos entre vários autores que se debruçam sobre o tema, o imaginário e a memória coletiva fornecem base sólida para nos guiar no sentido de explicar o comportamento dos atores políticos em determinada sociedade, ao mesmo tempo em que nos ajudam a entender as interpretações acerca do passado que os grupos sociais fazem e que “circulam na sociedade se transformando e se consolidando ao mesmo tempo”, como aponta Ângela de Castro Gomes (2005, p. 33).

sobejamente para a dedução de que o comunismo era algo abjeto à sociedade brasileira.

A Revolução Russa tornou-se o fundamento prático para a constituição das figuras que deveriam ser sistematicamente repelidas pelo Estado e pela sociedade. O inimigo era o anarquista, geralmente estrangeiro, aquele que disseminava o ódio entre os nacionais.⁶ Para os jornais, a população teria que estar cônica da situação grave, pois tal como aconteceu na Rússia, manifestações nas ruas ou divulgação de idéias de pessoas “estranhas” poderiam ameaçar às instituições fundamentais da sociedade, como a família e o casamento, e em geral atentaria ao modo de vida do brasileiro, pois este não se coadunava com aquele tipo de comportamento⁷.

A ascensão dos bolcheviques na Rússia fez inaugurar uma fase no anticomunismo no plano internacional na qual o temor à revolução socialista passou a ser considerada como algo possível de ser realizada. A partir da Revolução Russa, a burguesia de outros países passou a considerar o comunismo uma ameaça que poderia ser concretizada em suas terras. Iniciava-se assim, uma exacerbada preocupação com os acontecimentos naquele país e as possíveis conseqüências que o comunismo poderia trazer se aqui fosse implantado. Contudo, ao mesmo tempo em que os jornais transmitiam esta descrição da Rússia, paradoxalmente, o comunismo havia sido implantado em terras russas tão somente pela peculiaridade histórica e social daquele país, como afirmava o próprio Góes Monteiro, um dos integrantes da Revolução de 1930:

-Tanto no ponto de vista da geographia physica como a geografia humana, a alma colectiva russa se formou de maneira diferente da nossa. E esses fatores não são absolutamente desprezíveis. Raça, religião, costumes, hábitos tudo isso é diferente, do russo, de nós. O slavo é um mystico, que

⁶ Em pesquisa realizada com o financiamento do PIBIC, apresentei juntamente com colegas do mesmo projeto, uma comunicação coordenada onde expus como resultado final, as visões da imprensa baiana acerca dos acontecimentos ocorridos na Revolução Russa. Dentre outras constatações, verificamos que o termo anarquista aparece com frequência em boa parte das matérias. Este se confundia com o termo comunista, ora por que a ignorância dos jornalistas baianos era devido à escassez de obras sobre o comunismo, ora por que a indistinção se devia ao envolvimento de ambos em movimentos congêneres, tanto no plano nacional quanto internacional. Isto evidenciou para mim, pelas matérias colhidas dos jornais do período, uma escolha sistemática por adotar uma sinonímia comunista/anarquista que encaminhava a associação do binômio ao estado de caos que a sociedade baiana vivia. ALVES, Cristiano Cruz. **Comunicação “A Geração do Demônio: o Imaginário Anticomunista na Bahia de 1917 até 1937”**. Anais do II Encontro Estadual de História: Historiador, “a que se destina?” Feira de Santana, Julho/2004.

⁷ Para um maior aprofundamento sobre a visão dos jornais brasileiros sobre a Revolução Russa ver BANDEIRA, Moniz; MELO, Clóvis; ANDRADE, A.T. **O Ano Vermelho: A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

viveu e ainda vive em servidão. Ele passou da servidão, à nobreza ao soviet – o que equivale ao trabalho forçado.⁸

Assim, considerava-se o comunismo uma idéia alienígena, “um exotismo típico das estepes asiáticas”, como se afirmava na década de 1920. Segundo esta visão, o comunismo pertencia à problemática de terras distantes e não ao Brasil, visto que o problema, para um jornal baiano “não é a insuficiência de economia brasileira, mas a preguiça e a falta de vontade do brasileiro (...). Os sem-trabalho no Brasil é uma questão de moda”⁹. Neste sentido, formava-se a idéia do comunismo como algo que não teria ligação com a formação política e cultural do povo brasileiro, por isso não teria chance de se expandir. (MOTTA, 2002). Para os anticomunistas, além do que, a situação social brasileira não suscitaria a sua transformação em um país comunista, uma vez que,

É um erro cuidar-se que o olho de Moscou possa nos alcançar, fitando-nos de tão longe. Ademais, o Brasil não é terreno propício, a essas sementes exóticas. Várias razões de ordem histórica, moral, geográfica, impedem o seu desenvolvimento, entre nós. Que quer o comunismo? Nada mais nada menos do que esta cousa difícil: tirar o capital das mãos do indivíduo, para o colocar nas mãos do Estado. Assim o comunismo não nega o Estado.¹⁰

Ora, mas se não teria chance de se expandir, por que então lhe dedicar tanta atenção? A partir do final da década de 1910, o Brasil conheceu um ciclo de agitações que começou com as greves paulistas de 1917, prosseguindo com a grande greve da Bahia de 1919¹¹ e se estendendo por outras formas de mobilização na década de 1920, notadamente as revoltas tenentistas. Se somarmos a isso, as frágeis alianças que eram feitas para se galgar ao poder tendo apenas como elo os vínculos personalísticos, marca constante na Bahia na Primeira República, podemos compreender que nos seus últimos anos a instabilidade foi sua marca constante, o que engendra certa aversão a qualquer idéia que pudesse representar mais um fator de crise para o sistema político.

É por este motivo que o aparelho repressivo estatal iria se voltar para os mais diversos setores da sociedade, por temor a agudização da instabilidade, já que

⁸Ver *Diário de Notícias* 16/03/1931, p.1.

⁹Ver *Diário de Notícias* 10/03/1931, p.1.

¹⁰Ver *Diário de Notícias* 13/03/1931, p.1.

¹¹ Para saber mais sobre a greve na Bahia de 1919 ver: CASTELUCCI, Aldrin Armstrong Silva . **Salvador dos Operários: uma história da greve de 1919 na Bahia**, 2001. 152 p. Dissertação (Mestrado em História). UFBA. Salvador.

concomitante a isto, cresceu muito o campo de forças políticas descontentes com o *ethos* da política. As revoltas tenentistas de 1922 e 1924, além da “Coluna Prestes” não foram apenas as únicas mobilizações existentes no período e os tenentes não foram os únicos a se insurgir contra o sistema político, o que pode parecer verdadeiro por conta da ênfase maior dada pela historiografia a estes movimentos e a estas pessoas. A repressão não foi infligida somente àqueles que participaram destas revoltas, mas a todos que se insurgiam contra as restrições de direitos ou que reclamavam por maior participação nas decisões governamentais, fossem eles praticantes de delitos leves ou líderes operários. Assim, “por temor ao populacho ou ao bolchevismo, o fato é que uma pesada repressão política se abateu sobre o movimento operário, apesar de este não estar presente organicamente na revolta de 1924, por exemplo.” (PINHEIRO, 1991, p.109).

No início do século, a repressão era contra os vagabundos, prostitutas, mendigos, capoeiristas, ou seja, todos aqueles que não respeitavam os limites da sua condição de classe, étnica ou de gênero, e que tentassem romper de alguma maneira com certos preceitos de uma “boa sociedade”. Nos anos 1920, a perseguição se abriu também contra os estrangeiros, anarquistas e comunistas. Em outros termos, a ampliação da repressão a mais sujeitos implicou no alargamento da ilegalidade e por conseguinte na discricionariedade do funcionamento do aparelho repressivo formal. O Estado passou a tratar como criminosos estes novos sujeitos políticos, tal como aqueles que cometiam delitos contra o patrimônio ou a vida.

Após a Revolução Russa, e mais intensamente a partir da década de 1930, os comunistas passaram a compor, então, o rol de figuras que ameaçavam a política tal como ela existia no Brasil. Considerava-se que ser comunista já era se colocar a margem dos valores que a sociedade propugnava como os mais adequados para a sua existência. Neste sentido o anticomunismo é uma ideologia, por que tende a impor uma representação (do comunismo) um sentido perversor do real (LE GOFF, 1994). Por isto, o comunismo aparece muitas vezes nos jornais sem estar inserido no seu contexto social e político próprio, o que segundo Marilena Chauí (2006), caracteriza um dos principais artifícios da ideologia: a abstração e a inversão do real. Mas também o conjunto das concepções acerca do comunismo e dos comunistas é um imaginário social e ao mesmo tempo político, por que são traduções criativas do real (e, portanto não são meras reproduções deste), mas socialmente instituídas, ou seja, como aponta Castoriadis, “não é *imagem* de ou *reflexo* de” (1982, p. 13).

2.2.A BAHIA E A POLÍTICA NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1930

Na Primeira República, apesar da pequena expansão industrial durante a Primeira Guerra Mundial, continuando logo após, os empregos aumentaram, mas a renda dos trabalhadores diminuiu e as condições de trabalho pioraram¹². O seabrismo, então no poder com Antonio Moniz¹³ que havia sucedido o próprio J.J. Seabra¹⁴, não empreendeu nenhum esforço para atenuar os males causados aos trabalhadores pelo aumento de carga de trabalho e esforços, durante a guerra. Contudo, se colocou retoricamente favorável aos trabalhadores quando eclodiu a greve de 1919, devido à conjuntura política anterior ao movimento grevista. (FONTES, 1982). As condições de vida de uma parte significativa da população, em particular do operariado, praticamente inalteradas, comprovam que não havia diferenças políticas essenciais entre o grupo que estava no governo e a oposição.

Isto se deveu em boa medida à mesma origem social e formação acadêmica que forjavam uma consciência de classe apesar das disputas entre as facções partidárias e a divisão em grupos personalísticos. Isto se configurou numa chamada “elite do poder”, expressão cunhada por C. Wright Mills. Esta *elite* não se erigiu necessariamente por intermédio de vinculações hereditárias. Contudo, selecionam

¹² O trabalho relevante que trata especificamente da condição de vida do operariado entre 1919 e 1921 é CASTELUCCI, Aldrin Armstrong Silva. Flutuações econômicas, crise política e greve geral na Bahia da Primeira República. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.25, nº. 50, p. 131-166, 2005.

¹³ Antonio Muniz Sodré de Aragão (1881-1941) foi um jurista, jornalista, professor e político ex-governador do estado da Bahia durante a República Velha. Era filho do Vice-almirante Francisco Moniz Ferrão de Aragão e D. Laurinda Augusta Freire Moniz. Fez parte da primeira turma da então recém-fundada Faculdade de Direito da Bahia, onde bacharelou-se em 1896. Exerceu o magistério em diversas instituições soteropolitanas de ensino médio e superior, tais como na Escola Normal, Politécnica e na Faculdade de Direito em que se formara e no Rio de Janeiro foi professor de Direito Penal da Faculdade de Direito e no doutorado da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Na Bahia sua participação política começou como deputado estadual (1909-1912), no grupo chefiado por José Joaquim Seabra, quem efetivamente o fez eleger e a quem sucedeu e também foi sucedido. Governou a Bahia entre a 29 de março de 1916 e 29 de março de 1920.

¹⁴ J. J. Seabra, (1855-1942) foi político e jurista, tendo governado a Bahia em duas ocasiões (1912 — 1916 e 1920 — 1924). Formou-se em direito na Faculdade de Direito de Recife em 1877, sendo posteriormente professor catedrático e diretor geral nesta mesma instituição. Foi deputado federal em outras três ocasiões, chegando à liderança do governo durante o mandato de Campos Sales, sendo o último mandato como deputado federal em 1916, até 1920, quando volta ao governo Baiano pela segunda e última vez. No governo de Rodrigues Alves ocupou o Ministério da Justiça (1902-1906) e, interinamente, o Ministério das Relações Exteriores (de 15 de novembro a 3 de dezembro de 1902); foi Ministro da Viação e Obras Públicas (1910-1912) na presidência de Hermes da Fonseca, e senador. Em 1922, foi candidato a vice-presidente na chapa dissidente "Reação Republicana", encabeçada por Nilo Peçanha, e apoiado pelas oligarquias situacionistas da Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco e Rio Grande do Sul, derrotada pelo candidato oficial Artur Bernardes.

seus quadros das camadas mais ricas da sociedade. Assim, não sendo o elo biológico o único,

O mais importante sobre um grupo de homens são os critérios de admissão, louvor, honra, promoção, que predominam entre eles sendo semelhantes dentro de determinado círculo, todos os seus membros acabarão como personalidades, por se tornarem semelhantes. Os círculos que compõem a elite do poder têm tais códigos e critérios em comum. (MILLS, 1975, p. 332)

A renovação da elite do poder acontece. Há a movimentação entre seus membros, não sendo formado por um pequeno grupo sempre. Para Mills, o conceito de elite do poder não repousa na amizade pessoal. Ela se assenta na coincidência de interesses entre as organizações política, militar e econômica. Apesar da renovação biológica e da constante movimentação, as tradições e práticas da elite se mantêm com seus próprios instrumentos de permanência no poder. (RÉMOND, 1994).

Para Consuelo Novais Sampaio, “solidamente apoiada no latifúndio, essas chamadas ‘classes conservadoras’ dominavam o aparelho do estado, intervindo diretamente no processo de decisão política” (1998, p. 40). O monopólio da decisão política não possibilita espaço adequado e mesmo integrado ao sistema político para outros setores sociais, como o operariado, o pequeno comerciante, o ambulante, a dona-de-casa e outros, que pudessem ampliar o debate político, por assim dizer, republicano em renovar de fato os quadros políticos bahianos¹⁵. Os debates aconteciam nos privilegiados círculos dos grupos da elite política baiana que representavam sem grandes diferenças as classes dominantes, a saber, os grandes latifundiários, produtores rurais e os comerciantes de exportação, estes últimos localizados geralmente na capital.

Havia seis anos, o grupo que havia convergido para pôr termo ao domínio seabrista, apoiara a chapa governista Julio Prestes/Vital Soares. J.J. Seabra, político baiano que havia ascendido ao poder em 1912 após uma intervenção federal, governou a Bahia entre 1912-1916 e novamente em 1920-1924, sendo que Antonio

¹⁵ Os dois elementos da República, proclamada em 1889, que se podem distinguir das práticas políticas do Império são a descentralização política que tornou alguns estados mais débeis economicamente, como a Bahia, e, por conseguinte, mais dependente do governo federal. Por mais estranho que isso possa parecer, segundo Mário Augusto da Silva Santos (2001), as disputas eleitorais que geraram a necessidade de organizar partidos para disputar eleições passaram a contar com um número maior de eleitores. Particularmente, relativizo o número de eleitores, pois, não sabemos ao certo se houve um crescimento ou não. Embora, as disputas já existissem no Império, agora o principal cargo do executivo estadual era o objeto da contenda eleitoral. Isso, ao lado da urbanização e da extinção do trabalho escravo foram fatores que, na minha visão, engendraram mobilizações e a conseqüente necessidade de organização de setores da sociedade.

Moniz, seu aliado político de primeira hora, esteve no poder entre 1916-1920. A ascensão ao poder de outros setores da elite política baiana foi concretizada a partir da queda do grupo seabrista em decorrência de outra intervenção federal ocorrida em 1923. Em 1930 J.J. Seabra estava na oposição, apoiando a chapa aliancista de Getúlio Vargas.

Este apoio não foi caracterizado por uma campanha ostensiva que pudesse vislumbrar a derrota da chapa governista à presidência da República. Primeiro por que a coalizão aliancista não contava com muitos adeptos na Bahia por conta da unificação de quase todas as divisões políticas do estado no Partido Republicano na Bahia ocorrida no acordo de 1927(SAMPAIO, 1998). Segundo, a oposição seabrista como todas as outras que encontramos pontualmente na história da Bahia na Primeira República, não se caracterizou pelas divergências de idéias e concepções políticas. A oposição existia como tal, somente em consequência das derrotas eleitorais não em torno de um projeto político - um possível retorno do grupo derrotado não significaria grandes alterações no quadro social. No máximo, ocorriam mudanças na estrutura administrativa que pudessem atender aquela fração das classes dominantes que a tivessem apoiado, como nas reformas do Governo Góes Calmon.¹⁶ A elite política baiana era extremamente conservadora ao não apresentar diferenças substanciais entre suas facções, ao mesmo tempo em que utilizava a estrutura administrativa e política para manter certa segurança com relação às possíveis fissuras no modelo social, desigual e altamente excludente.

A chapa governista à presidência da República em 1930 contava com o apoio dos grupos que estavam no poder - os mangabeiristas, calmonistas e ex-seabristas¹⁷ -, e todos eles por sua vez se valiam dos líderes locais, para eleger seus candidatos. Estes líderes, boa parte coronéis, exerciam forte controle sobre o eleitorado rural e analfabeto¹⁸, o que tornava o candidato ao governo do estado dependente das alianças que teria que fazer com os coronéis para ser eleito¹⁹. A

¹⁶ O estabelecimento do imposto territorial, a reforma da instrução pública através de Anísio Teixeira, a instituição da polícia de carreira, foram algumas delas.

¹⁷ O rompimento com Seabra não foi devido a qualquer divergência política. Eram ex-seabristas aqueles que não suportaram sustentar-se no quadro político baiano sem o aparato dos cargos e recursos do estado e assim, se integraram aos grupos vitoriosos nas eleições de 1923. Sobre a sucessão estadual, com a vitória de Góes Calmon assegurada pela arbitragem do então presidente Arthur Bernardes, a historiadora Consuelo Novais Sampaio asseverou acerca do comportamento dos *seabristas*: “Conscientes do papel decisivo que desempenharam, não queriam estar excluídos da partilha de cargos eletivos e administrativos sob o novo governo” (1998, p. 185).

¹⁸ Nesta época, cerca de 90% da população baiana era analfabeta, segundo Consuelo Novais Sampaio (1992).

¹⁹ Vitor Nunes Leal na obra clássica LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo: enxada e voto**. 3º ed. Rio de Janeiro:

máquina estadual era vista como um instrumento essencial de permanência no poder, além de predominar certo adesismo daqueles que eram derrotados nas eleições, por que sabiam que sem os recursos, cargos e obras, oriundos do governo do estado, seria bastante difícil manter determinada localidade sob seu jugo político.

Colaborava para esta configuração política um conservadorismo que repelia alterações cujos objetivos fossem quebrar os ciclos de revezamento no poder que aconteciam desde a Proclamação da República. Os partidos, instrumentos de coesão em torno de idéias e concepções políticas, não representavam nenhuma possibilidade de mudança profunda do quadro social, mas um agregado de pessoas que por interesses exclusivamente próprios se acomodavam numa claqué partidária, geralmente em torno de um líder para com isso terem suas aspirações particulares alcançadas. As mudanças de posições aconteciam, mas eram quase sempre motivadas por um rompimento em função de novos interesses ou o que a nova situação poderia propiciar. Isso não era conformismo, mas uma acomodação, uma espécie de mudança de comportamento que visava uma nova posição em face da pressão de determinada situação ou grupo, visando a sua auto-realização a fim de continuar no jogo político. (SAMPAIO, 1998)

Neste cenário político é fácil supor que o movimento revolucionário de 1930 não encontrou maciço apoio na Bahia, por conta da fragilidade da oposição constituída pelo seabrismo, do apoio do grupo que se encontrava no poder estadual ao candidato de Washington Luís, Júlio Prestes, e pela exígua participação de grande parte da população que era excluída do debate político por conta dos preconceitos e da hegemonia das classes burguesas - comercial e agrária – que impedia, principalmente através da imprensa, qualquer propagação de um projeto alternativo de sociedade.

Assim, tal como ocorrera em 1889, a Revolução de 1930 demonstrou mais uma vez o comportamento das classes dominantes locais em aderir às mudanças na ordem institucional sem grande resistência, não sem temor e apreensão, é verdade. O fim de uma situação favorável ao grupo calmonista-mangabeirista com a ascensão dos tenentes e de setores das oligarquias de outros estados como Rio

Nova Fronteira, 1997 aponta que a ausência do poder público em lugares mais longínquos contribuiu para a preservação da ascendência do poder dos coronéis sobre as demais pessoas. O poder público, por uma interpretação da referida obra, sucumbiu diante do poder privado.

Grande do Sul e Minas Gerais, fizeram os jornais baianos se questionar sobre o que era aquele movimento e que programa de mudanças carregava.

A Revolução de 1930 não teve participação efetiva e numerosa da população baiana, tendo contado com o apoio de alguns militares e políticos como Seabra (CALAZANS, 1980,). Contudo o movimento teve rápida adesão depois de vitorioso. Tanto que, segundo Sampaio (1998,), o jornal A Tarde, legalista desde o início do movimento de 3 de Outubro, mudou sua posição já no dia 23 de Outubro, quando o movimento venceu a resistência das tropas legalistas. Isto leva a crer que a estabilidade política social, principal anseio das classes dominantes em meio a uma crise econômica e a distúrbios propiciados por populares, era mais importante do que o tipo de diretrizes governamentais que estariam por vir. Contudo, ao examinar mais amiúde esta mesma imprensa, podemos detectar outras preocupações que não se apresentaram tão pragmáticas, notadamente em relação às possíveis mudanças sociais e ao comportamento das camadas mais baixas. Refiro-me a certa continuidade de pensamento acerca do que seria a sociedade brasileira para os jornais o qual se pode verificar a partir das matérias que versavam sobre o comunismo e os comunistas, ou mesmo os mencionavam.

O estudo do anticomunismo na Bahia neste período permite analisar a persistência do pensamento conservador das suas elites políticas. Os eventos que os jornais relacionaram com a Revolução de 1930 nos fazem entender como parte da sociedade entendia a si própria e aquilo que a circundava, possibilitando identificar características de uma *cultura política* em um momento de crise política a partir dos temores pelo que poderia vir. Isto só foi possível por que o anticomunismo que examinamos nos forneceu elementos que permitem configurar, em alguma medida, que jornais eram estes – seus instrumentos discursivos e argumentos e por que passaram a condenar de maneira tão veemente o comunismo que parecia tão distante e impossível de ser implantado no Brasil e, por conseguinte, na Bahia.

2.3.REVOLUÇÃO DE 1930 E A IMPRENSA BAHIANA

A Revolução de 1930 foi tema constante nos jornais baianos durante muito tempo. Não poderia ser diferente. Todo o país estava às voltas com o movimento iniciado no Rio Grande do Sul e que contava também com os estados da Paraíba e

Minas Gerais. Ao contrário destes estados, o movimento revolucionário não encontrou força política e social para que na Bahia se desenvolvesse uma extensa teia de articulações e manifestações de massa em prol dos aliancistas. Decerto que houve contatos entre revolucionários em solo baiano, mas isso ocorreu rapidamente, o que não nos faz caracterizar a Bahia como um dos principais espaços de organização deste movimento.

Deste modo a revolução não teve no cenário político baiano, as articulações e atividades que se verificaram em outros estados, pois contava com poucos adeptos. A Bahia se caracterizou desde o início da campanha eleitoral e mesmo durante as batalhas que começaram em 3 de Outubro em vários pontos do território nacional, por ter sido um forte centro antialiancista como mesmo afirma um de seus principais líderes, Góes Monteiro.²⁰

Não obstante a isto, os jornais baianos produziram em várias páginas mais de uma dezena de matérias sobre a Revolução de 1930, revelando intensamente a preocupação sobre o movimento. Subjacente a todas elas, pode-se notar a consolidação de um imaginário sobre o comunismo e os comunistas, através de uma leitura mais atenta e inserida em um quadro político: nacional com a cultura política local, bahiana, e internacional com os reflexos da existência do primeiro país socialista do mundo – a União Soviética. O imaginário anticomunista brasileiro valeu-se destes dois campos empíricos, mas também do modelo de construção do discurso jornalístico,

instituindo uma ordem e fazendo circular os sentidos que interessam às instâncias que o dominam, devemos ter claro que, ao alegar seu compromisso com a 'verdade', a imprensa finge não contribuir na construção das evidências (ou mesmo, do sentido literal), atuando, assim, no mecanismo ideológico de produção das aparências de obviedade. Daí seu caráter ideológico, e não um pretenso compromisso com a verdade. (MARIANI, 1998, p. 81)

No começo da Revolução de 1930, todos os jornais baianos demonstraram indicar alguma indiferença em relação ao movimento revolucionário ou a crença de alguns deles de que aquele movimento era efêmero e, portanto, seria facilmente contido pelas tropas legalistas como ocorrera nas revoltas tenentistas da década de 1920. A imprensa baiana acreditava que as tropas de Washington Luís deteriam o

²⁰ Acerca das considerações de Góis Monteiro sobre as articulações e estratégias adotadas para a Revolução na Bahia ver CALAZANS, José Brandão da Silva. **A Revolução de 1930 na Bahia**. Salvador: UFBa, 1980.

movimento revolucionário e, em certa medida, os jornais se esforçavam para fazer a população acreditar que a legalidade estava sendo vitoriosa veiculando notícias geralmente favoráveis ao governo.

A atenção da imprensa baiana se voltou principalmente para a manutenção da ordem política que estava sendo garantida, na sua visão, pelas sucessivas “vitórias” das tropas legalistas. Havia a preocupação patente nas matérias jornalísticas de que os embates militares entre os legalistas e revolucionários alcançassem a Bahia e assim pudessem estimular os ânimos de muitos que eram “arredios” ao sistema político e social até então vigente²¹. A publicação de notícias que transmitiam a idéia de paz e calma tinha o propósito de aplacar possíveis conflitos de rua que viessem a contribuir com a desestabilização da situação social, como nesta matéria:

Pela tranquilidade da capital bahiana

Ante o estado de apreensões em que se acha a nossa população, deixando-se electrizar pelo temor, como ainda hontem, ao primeiro sinal de desordem nas ruas estamos cumprindo nosso dever de imprensa popular, que vive do e pelo povo, levando ao espírito de nossos numerosos leitores, que são quantos se interessam pelo bem público a afirmação de que grave não deixa de ser o momento político, mas ainda não assumiu elle pelo menos na Bahia, proporções taes que justifiquem a intranquillidade, até ao desatino e a desconfiança até ao terror.

Felizmente nesta nobre terra, os seus governos bem se conciliam com o povo, zelosos de sua segurança e comodidade.

(...)

O que desejamos é que excessos de desconfiança não atirem o povo a uma situação de desespero e abatimento, incompatível com o trabalho e a vida.²²

O papel a que se propunham os periódicos baianos não foi algo casuístico, muito menos esporádico. Era recorrente e fazia parte do seu escopo de atuação: defender a normalidade institucional diante da eminência de perda de controle social. Não só em defesa da segurança ou mesmo para combater a desconfiança que os jornais falavam. A estabilidade política era pressuposto para a sua própria

²¹ Concordamos que a Revolução de 1930 foi resultado de uma série de fatores, dentre eles da própria contradição da política que não atendia mais aos setores que vinham adquirindo importância política e social como os tenentes e as camadas médias. Contudo não é prudente negar que a Era Vargas empreendeu uma reforma administrativa no Estado com o estabelecimento do intervencionismo na economia. Ao lado de um forte controle sobre os sindicatos e a repressão dura a oposição, o Estado varguista reprimia bastante os comunistas ou mesmo os sindicalistas. É neste sentido que houve uma conservação ou mesmo um retrocesso. Então no primeiro paradigma interpretativo da Revolução de 1930 teve um cunho modernizador, se observado *pos factum*. No segundo, conservador pois continuou a restrição à liberdade de sindicalização e mobilização das classes populares. Ver, dentre outras obras, DINIZ, Eli. (2004) e PANDOLFI, Dulce Chaves (2003).

²² Ver *Diário de Notícias* 10/10/1931, p.1

existência, tanto que a ameaça ao Estado era tomada como ameaça a sua continuidade, mesmo que em nome da manutenção da ordem política dela se pudesse aventar a possibilidade de limitação da liberdade de imprensa.

O temor aos rompimentos institucionais, mesmo considerando o caráter da revolução que a parcela descontente das classes dominantes se propuseram a fazer, produzia a sensação de perda rápida de uma determinada ordem que o Estado mantinha. Isto gerou uma forte preocupação por parte da elite política baiana espelhado na imprensa no tocante à dimensão que as transformações alcançariam a partir do novo governo.

No primeiro momento, as atenções dos jornais baianos estavam voltadas para a ordem. Não se deveria permitir que as pessoas se engajassem em qualquer movimentação que pudesse significar distúrbio. Provavelmente os jornais conhecessem bem o estado deplorável em que a maior parte da população baiana vivia e com o surgimento de um movimento revolucionário que se propunha a mudar o sistema político e alterar as estruturas sociais, isto serviria como um fator a mais para o instigamento a revolta popular.

Por falta de informação sobre o movimento ou expressando já um anticomunismo arraigado em preconceitos que contribuíram para a formação do imaginário anticomunista na Bahia, os jornais transmitiam uma apreensão que era o reflexo do momento: o comunismo poderia se aproveitar do momento conturbado que o país vivia para tomar de assalto o poder. É neste sentido que Rodrigo Patto Sá Mota (2002) aponta as mudanças trazidas a partir de 1930. Até então, segundo o historiador, o comunismo era uma ameaça apenas às nações do velho continente. As mudanças trazidas pela Revolução de 1930 contribuíram para o aumento da preocupação com o comunismo. Então este passou a ser visto como um perigo interno. Havia um temor que a facção esquerdista do grupo antiliberal do movimento revolucionário passasse a ter força dentro do governo. (MOTTA, 2002)

Esta apreensão reflete uma das matrizes do anticomunismo brasileiro, a saber, o nacionalismo. Este termo empregado para designar uma das raízes teóricas do anticomunismo, é inspirado pelo romantismo alemão do século XIX. O tipo de nacionalismo operado pelos anticomunistas, tinha uma visão da nação como uma unidade orgânica, superior aos conflitos. Foi largamente influenciado pelo corporativismo, pela defesa da ordem, da tradição, da integração e da centralização, uma vez que o povo, o território e Estado são intocáveis. Para os anticomunistas

nacionalistas o comunismo incitaria a destruição da ordem e do “corpo” nacional ao inflamar o ódio entre as classes aproveitando-se do momento de instabilidade. O comunista seria aquele que ameaçava destruir a ordem e a unidade nacional. Neste sentido, os comunistas eram perseguidos pelos “nacionalistas” por que insuflavam as classes a lutarem entre si, provocando uma fissura no tecido social e, como corolário, a integridade da nação. Segundo Rodrigo Patto Sá Mota, “o comunista seria o agente dessa agressão [à nação]; ele era o inimigo, o estrangeiro, o ‘outro’ que ameaçava despedaçar a unidade do corpo nacional.” (2002, p. 30)

Para alguns, o anticomunismo também era uma estratégia política para colher dividendos como defensor da nação e da família, mas também era para outros tatos um medo concreto devido a existência real da possibilidade dos comunistas adquirirem força suficiente para tomarem o poder e alterarem as estruturas sociais. Com efeito neste ambiente conturbado, a violência era entendida como um dos meios mais eficazes para combater os opositores ao novo regime e, por conseguinte os comunistas:

Communismo e violências

O governo revolucionário está novamente abordado com as audácias do communismo. Conta três meses e, por duas vezes, se viu obrigado à pratica de medidas violentas, para subjugar, os grupos que tentam estabelecer entre nós a ditadura nos moldes colletivistas. Da primeira, matou e feriu. A Nova República vagia nos cueiros e as metralhadoras arrasavam policiais e civis que armados sahiram à rua com o intuito de, em nome de Luiz Carlos Prestes, assaltar o poder. Da segunda prendeu e vai deportar. Vae enviar a Fernando de Noronha os cabeças e outros elementos da ‘passeata da fome’. De ouro trabalho esse, de vigilância e defesa.²³

Esta matéria mostra um dos elementos do anticomunismo que estaria presente nos jornais e em outras fontes escritas durante e após a “Intentona Comunista”²⁴ de 1935: o comunista é traidor, já que se aproveita arditosamente dos momentos de fraqueza do governo e da sociedade. Por ora, o que temos a destacar especificamente neste trecho é a repressão violenta contra os líderes da passeata mencionada. Apesar do uso expresse do termo *communismo* na matéria jornalística transcrita, acreditamos que o combate ao comunismo não se deu apenas contra os comunistas, mas contra aqueles que representavam algum perigo para a ordem vigente. Para Paulo Sérgio Pinheiro,

²³ Ver *A Tarde* 23/01/1931, p.1.

²⁴ Coloco esta expressão entre aspas, pois não é oriunda de um debate historiográfico. Ela traduz a interpretação dos militares face aos levantes promovidos por alguns membros da ANL em Novembro de 1935.

Após o golpe militar de 1930, a violência infligida às classes populares no policiamento de rua, nas delegacias e nas prisões não se alterou. Certamente não mudaram os termos da política deliberada de repressão aos dissidentes políticos, todas aquelas correntes que não se inclinaram à pauta de normalização do novo regime (1991, p. 259)

Um dos temores era a instabilidade que as manifestações populares poderiam causar em uma economia já combalida pela crise de 1929, aliada a presença da figura perigosa do estrangeiro, um dos principais atores das manifestações grevistas das décadas de 1910 e 1920.

Uma das principais características do anticomunismo na Bahia, embora também apareça em outros estados, é considerar o comunista um inimigo. O anticomunismo é um processo da construção do “outro” como inimigo que propõe um mundo diferente e aponta na realidade problemas e soluções diversos aos que estão em curso. Havia um reforço para configurá-lo como inimigo social. A consequência disso foi um agrupamento das mais diversas tendências políticas opostas às soluções comunistas para combatê-lo.

Isto levou na prática a possibilidade de, em alguns momentos, o anticomunismo tratar qualquer oposição ou manifestação a determinado aspecto da ordem instituída como uma ação comunista. Foi comum no Brasil, e na Bahia isto não se deu de maneira distinta, a estratégia de se nomear indivíduos com posicionamentos esquerdistas de comunistas. Os interessados nisto aproveitavam-se do temor que parte da sociedade tinha em relação ao comunismo e o propósito final era depreciar qualquer processo de mudança, por tênue que fosse. Para Rodrigo Mota,

Denunciando à sociedade como comunistas embaçados a todos os esquerdistas, alcançava-se o efeito de lançar desconfiança sobre as propostas reformadoras. Amedrontada pelas sinistras representações do comunismo divulgadas e cristalizadas ao longo do tempo, parte da população tendia a encarar com reserva o discurso “progressista”. (MOTTA, 2002, p. 164)

Não importa para o jornal que ele seja ou não comunista; suas atitudes já o revelam enquanto comunista, pois se assemelha a tal. Neste sentido, também não tem fundamental importância se havia um partido comunista ou não neste momento, pois o discurso anticomunista se valia da formação imagética da dicotomia Bem/Mal, capaz de produzir mecanismos que gerem um referente próprio.

O momento agudo que representava a Revolução de 1930 para setores das classes dirigentes bahianas se mostrava através de várias notícias que possuíam um tom de alerta quanto aos rumos que o movimento revolucionário poderia tomar. Para além disso, também havia uma interpretação de que a revolução tinha apoio dos comunistas cujas intenções eram senão de instalar um “regime vermelho” no Brasil - ao menos abrir possibilidade para que os comunistas pudessem agir livremente. Alguns faziam a seguinte pergunta: Que tipo de revolução é essa? Em meio a uma crise mundial com a falência do liberalismo, alguns passaram a acreditar que o comunismo poderia ser uma proposta viável. Jovens e intelectuais começaram a ver que, “o momento era de reforma, de encontrar caminhos alternativos em relação ao antigo modelo liberal, considerado falido, e a proposta dos seguidores de Lênin trazia a marca do novo e da esperança” (MOTTA, 2002, p. 9).

Muitos sabiam do que estava acontecendo, que a revolução em curso não tinha presença de comunistas ou propostas comunistas e se aproveitavam do desconhecimento de boa parte da população para formar idéias que melhor atendiam a sua conveniência²⁵. Entretanto sobre isto, outros realmente não sabiam do que se tratava. A imprensa desempenhou a função que se auto julgava ter, o papel de bem informar, mas, entretanto, dava voz às classes dominantes que expressavam sua apreensão quanto ao antiliberalismo do grupo, embora heterogêneo, que tomava o poder naquele momento.²⁶

Aliada a isto, as classes dominantes mesmo em um curto espaço de tempo viram uma série de conflitos que ocorreram na cidade e no campo. Em Salvador, em consequência do aumento da tarifa de bondes, populares destruíram dezenas de vagões e atacaram o edifício-sede d'A Tarde, como represália pelo seu apoio dado ao referido aumento. No campo, em virtude da seca e dos ataques constantes de Lampião e seus companheiros, muitos migraram para outras regiões, principalmente São Paulo.

Em se tratando da sociedade baiana, profundamente preconceituosa e segregadora, a Revolução de 1930 se tornou um evento que estremeceu o controle

²⁵Isto mais tarde, por volta das décadas de 1950 e 1960 passou a ser denominado de “Indústria do anticomunismo”(MOTTA, 2002). Tal como aconteceu nos E.E.U.U., por conta das propostas do senador McCarthy, muitos atacavam seus adversários chamando-lhes de comunistas para conseguir ganho político. Embora alguns tenham alertado que isto estava indo longe demais, esta prática continuou por muito tempo.

²⁶Para Caronne (1974), esta heterogeneidade se evidencia logo após a vitória do movimento. Para ele, a oligarquia dissidente, representada por Getúlio, passou a se chocar com os tenentes configurando o seguinte esquema: OLIGARQUIA DISSIDENTE X TENENTES.

opressor. Mesmo diante de uma estabilidade institucional e administrativa onde os impulsos personalísticos estavam aplacados pela fundação do PRB e a assinatura do acordo de Janeiro de 1927, o povo se manifestou e se colocou violentamente diante de algumas posturas e comportamentos que comprimiam seus anseios e aspirações de participação na vida política.

Uma destas manifestações foi o *Quebra-bondes*. Este episódio só pode ser compreendido no quadro da Revolução de 1930 somadas às causas específicas que retratavam o quadro de estagnação de uma economia exportadora e de um quadro social estrutural que só instigava à explosão de revoltas. O movimento revolucionário de 1930 entrou como um movimento que liberou estes sentimentos, fazendo-os vir à tona. A percepção que uma revolução estava em curso para apelar do poder o governo Washington Luís, gerou uma espécie de “brecha” urbana, oportunidade para demonstrar seu descontentamento e contribuir para acabar com a opressão econômica. O que particularmente nos chama a atenção e demonstra a existência da repulsa a manifestações contrárias a exploração, por conseguinte opostas às classes dirigentes, é a associação da revolta popular com o comunismo, como vemos no estrato a seguir:

OS GRAVES ACONTECIMENTOS DA BAHIA

O povo, num assomo de revolta, depreda edifícios e incendeia bondes da Linha Circular.

A Cidade viveu hontem uma noite de intensa agitação por ter um grupo numeroso de pessoas do povo, depois de engrossado e dividido por outros grupos, atacado o prédio da Companhia Circular apedrejando-o e modificando-o. Em seguida o referido grupo voltou-se para os bondes que desciam o Saldanha, rumo ao Terreiro, apedrejando-os rapidamente. Apareceu logo ahi kerosene e gasolina e vários carros foram incendiados(...)

Parece que há germen de comunismo nos graves acontecimentos de sabbado último.²⁷

É interessante notar os recursos argumentativos que são usados para reproduzir a idéia de que qualquer revolta em um momento de instabilidade como o revolucionário, deve ser repelida por toda a sociedade. Neste caso a suposição da presença do comunismo na revolta nos indica a tácita relação entre o mal e o comunismo. Esta simbiose já existia antes de 1930, por isso ela poderia ser

²⁷ Ver *Diário da Tarde de Ilhéus* 06/10/1930, p.1

entendida como artifício para convencer a sociedade do prejuízo que poderia causar a ela se revoltas como o *Quebra-bondes* se repetissem.

Apesar de outros jornais que trataram da revolta dias após não terem feito este tipo de abordagem, nos parece importante a matéria jornalística em questão, uma vez que, a negação da legitimidade da manifestação se processou pela presença do comunismo naquele evento. Logo, podemos inferir que já havia a intenção de relacionar o comunismo com revoltas violentas. Claro que a presença de comunistas em manifestações populares ocorria, mas nem sempre, o que nos permite supor que a intenção do jornal era transmitir um sentimento de aversão a qualquer movimento popular violento, posto que ali poderia haver comunistas.

Tanto no campo como na cidade o que se verificou verdadeiramente foi a emergência, mesmo breve, de anseios reprimidos duramente muito tempo que se manifestaram de maneira violenta. (SAMPAIO, 1992). As manifestações de alguns setores das classes dominantes, como a da Associação Comercial da Bahia com relação à crise que provocara um ambiente social conturbado²⁸, demonstravam que as cisões na elite política, legítima representante das classes dominantes baianas, eram personalísticas e não-programáticas. Assim, se a crise ensejou a virulenta exaltação dos setores mais baixos da população, para as classes dominantes ela representou um fator de agregação, de aglutinação.

Neste sentido, torna-se compreensível, notadamente pelo momento político vivido, que o comunismo estivesse presente como possível fundamento para a explicação de eventos como este que o Diário de Notícias relatou:

Será comunismo?

Ao Exmo. Cel. chefe de polícia.

Data venia, levamos á consideração de Vossencia e das altas autoridades do Estado que o sr. Manoel Leôncio está desrespeitando em Barra do Rio de Contas, em mandado de manutenção de posse concedido pelo m. juiz

²⁸ Diário de Notícias, 07-10-1930:

A solidariedade da Associação Comercial

(...) Presentes todos os directores e presidente do órgão das classes conservadoras desse e dos fins daquela sessão, pondo o assumpto em discussão. Manifestam-se todos com palavras de protesto aos attentados, ficando, afinal assentado que aquella corporação expressasse a sua solidariedade à direção das empresas prejudicadas. Foi cumprindo tal deliberação que o sr. Almir de Azevedo Gordilho, presidente da Associação endereçou o seguinte officio aos directores das Companhias em apreço:

Ilmos Srs. Directores da Companhia Circular e Elétrica da Bahia – Nesta: a directoria da Associação Comercial da Bahia, reunida hoje em sessão extraordinária, resolveu unanimemente, dentre outras medidas tomadas apresentar nossa inteira solidariedade e repulsa ao grosseiro attentado que soffreram os bens dessa companhia no movimento sedicioso de ante-hontem, à noite, havido nesta capital. Aproveitamos o ensejo para mandar a V.V.S.D. os nossos protestos de muita consideração e apreço - (a) Almir de Azevedo Gordilho, presidente.

de direito da comarca; o que o juiz respectivo já requisitou a força pública para ser respeitado o seu mandado; que com a aproximação da força ausentaram-se os malfeitores, voltando estes, logo após a retirada da mesma força; que nisso sobreveio a revolução e agora estão depredando nossa propriedade, derrubando para mais de cem tarefas de nossas matas. Os meios judiciários foram burlados e sem resultados práticos com o desrespeito “dos mandados” como poderá informar o escrivão do civil da mesma comarca.

Pedimos ante o exposto cuja documentação deve existir no Archivo da polícia uma providência para que cessem as depredações em nossa propriedade onde outros muitos elementos além deste estão depredando-a com derrubadas de nossas matas sob o fundamento de que com a revolução acabou-se nossa propriedade, passando a pertencer ao estado e consequentemente a quem primeiro derrubar.

Pedimos a abertura de inquérito presidido por criteriosa autoridade militar com funções de delegado ou sub-delegado porque o que se diz é verdade.

Outrossim, pedimos ainda a vossencia garantias de vida para os nossos empregados inclusive o nosso administrador que se acha foragido por falta também de garantia de vida e de propriedade alheia.²⁹

Dois pontos interessantes. Primeiro, o ataque a propriedade foi relacionado à Revolução de 1930. Por inferência, a interpretação dos fatos realizada pelo jornalista evidencia os perigos da revolução, pois quando constrói a notícia ele se fundamenta nas noções de Bem e Mal já dados, cuja referência neste caso é a propriedade que estaria ameaçada com o suposto desrespeito em relação ao exercício deste direito. Segundo pode ser que jamais o Sr. Manoel Leôncio tenha dito que o direito a propriedade deixou de existir. Mesmo assim, isso nos revela que um fato ocorrido em um clima de indefinições políticas levou o jornalista a concluir que a atitude poderia ter sido fruto da desordem causada pela Revolução de 1930. Subjacente a isto está a ameaça a propriedade com uma atitude direta do comunismo, pois o ataque a propriedade como ação em momentos de instabilidade institucional são estratégias que os anticomunistas entendem serem expedientes bastante usados pelos comunistas. O jornalista não menciona o problema da terra como causa para tais distúrbios; o fator motivador para os conflitos surgidos em torno da terra é a revolução. Deslocou-se, portanto, por extensão o eixo das preocupações dos problemas sociais para o comunismo, supostamente nas ações do Sr. Manoel Leôncio, como se este fosse o gerador da desordem. Eis um exemplo de construção da verdade objetiva cujos componentes se encontram na própria imagem de que tem o jornalista sobre ele mesmo e a relação notícia/fato e a visão sobre a matéria que obedece a noções já dispostas pelo imaginário anticomunista.

²⁹ Ver *Diário de Notícias* 10/01/1931, p.3

Os tipos de discursos variavam, muito embora alguns deles falassem do mesmo tema – a questão da propriedade. Contudo as estratégias discursivas se diversificavam com a utilização de relatos de histórias pessoais vindos do exterior, como neste exemplo:

O romance commovente e real duma princesa caucasiana

A commoção revolucionista que abalou, profundamente, nos seus alicerces a velha Rússia dos Tzares, espalhando como folhas suas tingidos pelo temporal uma série de famílias ligadas à dynastia reinante, sacudiu, igualmente, outras menos pobres e poderosas, mas nem por isso menos visada pelo ódio dos revolucionários. Entre essas achava-se a casa dos Abadridzé, cuja família vinha desde tempos immemoriais governando o Cáucaso.

Explodindo a barraca maximalista, os Abadridzé expulsos do Cáucaso tiveram suas propriedades confiscadas, sua fortuna seqüestrada, tendo, ainda, perdido muitos dos seus membros, mortos uns e outros sepultados em vida nas masmorras dos Soviets.

E um dos membros da casa dos Abadridzé, a princesa Tâmara Abadridzé, filha do então governador do Cáucaso, o general Ivan Abadridzé, foi uma dessas victimas. Obrigada a fugir da Rússia, Tâmara e seu marido conseguiram assim salvar as vidas. Mas não puderam fazer outro tanto aos haveres, que se perderam no confisco geral.

Disfarçados em mendigos, os dois, conseguiram transpor as fronteiras da Rússia e chegar à França, isso através de mil vicissitudes, de mil sacrifícios difíceis de narrar.³⁰

Por que se lembrar da Revolução Russa em tempos de revolução no Brasil? Por que a utilização de uma notícia que transcrevia uma história de amor com fim trágico? Não tão óbvio supor que os jornalistas de maneira consciente escreviam ou retransmitiam informações para construir imagens sobre o comunismo, sobretudo dos seus “malefícios”. Relacionar implicitamente os ataques à propriedade, à vida e a liberdade com o comunismo foi um meio para tornar vigilante a população quanto a qualquer movimentação de “estranhos” que atentassem a qualquer um destes valores mencionados. A nosso ver, esta relação só é possível por que anteriormente já se desenvolvera um processo de construção de uma visão do comunismo como um dos elementos que compunham as tendências políticas conservadoras, como nos aponta Carla Luciana Silva:

Em diferentes momentos da história política brasileira o ‘anticomunismo’ foi uma forma encontrada pelas elites políticas para legitimar as políticas conservadoras. As práticas anticomunistas existem, e têm importância histórica não apenas enquanto reação em momentos de instabilidade social (2001, p. 32).

³⁰ Ver *Folha do Norte* 18/10/1930, p.3

A tendência mundial era de adoção de doutrinas autoritárias por parte dos Estados sob a justificativa da ineficácia da democracia em enfrentar os novos problemas que surgiram após a crise mundial de 1929. Os ataques que redundaram no fim da democracia em muitos países partiram, como demonstra Hobsbawm (1991), da direita fascista ou hostil ao liberalismo, uma parte dela, de influência católica. O medo da revolução social inspirada na Revolução Russa existia por parte das forças conservadoras, mas concretamente ela era constituída mais por um discurso que foi utilizado para abolir conquistas democráticas do que para reforçá-las. Uma vez que, na sua maioria, os comunistas admitiam a democracia como regime fundamental para o funcionamento das suas organizações, a restrição mais importante quanto à interpretação de que as doutrinas autoritárias consideravam os comunistas uma ameaça à democracia, é que a direita não estava preocupada apenas com o comunismo, “mas com todos os movimentos que ameaçavam a ordem existente da sociedade ou podiam ser culpados pelo seu colapso, especialmente a classe operária organizada”. (HOBSEBWM, 1991, p. 128).

Isto corrobora a tese de que o anticomunismo praticado pelas forças do amplo arco da direita não era exclusivamente contra o comunismo. O anticomunismo foi usado como instrumento na luta política bastante exacerbado na Bahia na década de 1930, principalmente em momentos de acirramento, já que “é fundamental aos discursos anticomunistas reproduzir, formar e disseminar idéias sobre o comunismo” (SILVA, 2001, p. 13).

Para os anticomunistas, a proposta do comunismo indicava uma saída revolucionária para a exploração capitalista, esteio econômico das classes dirigentes. Portanto, era contra qualquer manifestação mais exaltada e/ou que defendesse uma luta encarniçada para alçar o poder, que os anticomunistas combatiam. Reside principalmente no fascismo o discurso de ataque aos comunistas e, ao mesmo tempo, o chamamento da classe trabalhadora para ficar atento ao poder “dilacerador” que esta ideologia tem sobre valores tradicionais. Este é mais um marco diferenciador da direita fascista em relação à direita tradicional: a capacidade de se relacionar com a classe trabalhadora e persuadi-la.

As medidas de repressão violenta se eram bastante elogiadas e dadas como salutares no momento de implantação de um novo governo, passaram a não ser suficientes. Em uma matéria apócrifa, são apontados outros instrumentos que

deveriam ser usados para rechaçar do meio social o comunismo e os comunistas. Um das medidas seria a propaganda:

Creio pouco no êxito do emprego exclusivo da violência. A força bruta, material comprime, suffoca, anemia, mas não destrói. Não extingui o mal. Deixa-lhe sempre os **micróbios** [grifo nosso]. Na cruzada de morte o comunismo vem produzindo resultados negativos. Embalde Nicolau II e seus antecessores matavam milhares, encarceraram milhões e torturavam todo um povo. Os religionários de Lenine multiplicaram-se, arregimentaram-se. Até a hora em que aproveitando a crise política creada pelas chancellarias inglesa e francesa e pela lamentável fraqueza de Kerensky, fecharam a Rússia nas mãos. Aqui mesmo, no Brasil, que tem servido prender bolchevistas? Afastá-los da luz solar e permitir-lhes a disseminação, à sombra.

(....)

A contrapropaganda affigura-se-me remédio salutar, O bolchevista mente às almas simples das casernas e das oficinas, pintando-lhes o regimen comunista como um céu aberto. Explora as necessidades dos pobres a estupidez dos lavradores, a ligurrena das Assembléias Patrióticas. Pioneiro da desordem espalha o crime sob promessas irrealizáveis. Pois bem va o governo à censura, às oficinas aos campos, às associações de classe trabalhistas e mostre, pela palavra chã, verdadeira, pelo cinema, pelos dados estatísticos, que a preconizada ventura da Rússia é grilheta no calcanhar de quem por lá respira. Lá, o direito se restringe a ser bolchevista, a trabalhar para o bolchevismo, a curtir fome, vestir mal, derramar sangue em baluarte ao bolchevismo. Lá desgraçado do que tiver o descoco de oppor embargos, theoricamente embora, às idéias dos dittadores. Cahe no tiro ou sepulta-se vivo nos ergastulos do Estado. Lá, o povo aprende com o pescoço na canga, as lições de reformadores illuminados, que, apoiados num exército rubro, querem mudar-lhe a mentalidade...

Não basta isolar o pestoso e queimar-lhe o cadáver. Urge higienisar o ambiente. A contrapropaganda colectivista fará muito mais do que o sobre esbirro”³¹

Apenas a repressão física não seria bastante para acabar com o comunismo. Primeiro, por que as experiências em outros países provaram isto e segundo, a inocência dos trabalhadores em geral, diz o jornal, é sabiamente aproveitada pelos comunistas para lhes ensinar que o comunismo é “o melhor de todos os sistemas”. Portanto, é a miséria do povo e sua “fragilidade intelectual” que contribuiriam para o crescimento do comunismo e sua adoção.

A propaganda contra o “pestoso” visaria então a “higienizar o ambiente”. Era comum a comparação entre ações e valores supostamente comunistas e as características de determinados animais, compondo um verdadeiro bestiário. (MOTA, 2002)

O jornal A Tarde, conquanto seu proprietário tenha sido um dos que foram apeados do poder pela Revolução de 1930, continuou não poupando linhas para

³¹ Ver A Tarde 23/01/1931, p.1. Observação: a parte direita desta edição está cortada.

divulgar, de maneira elogiosa, as ações do governo recém instituído para o combate ao comunismo, embora o referido periódico tenha permanecido ao lado de Washington Luís até o último momento.³² Quanto mais violenta fosse a resistência comunista mais a situação parecia exigir repressão, porque “o caso do comunismo é muito sério”³³. Esta seriedade de que fala o periódico baiano tem a ver com o tipo de tratamento que este reivindicava ser o mais correto para combater o comunismo, por que para o jornal, os governos o estava tratando com certa despreocupação, ou mesmo desacreditando na sua existência. Contudo, o crime e a agitação subversiva “transformam o aspecto social da questão em assumpto minimamente policial”.³⁴ Em outras palavras, as atitudes reivindicatórias da população em torno de melhores salários e condições das cidades, ultrapassavam o limite da questão social para adquirir um caráter em muitos casos violento.

Há um aspecto peculiar na edição do jornal *A Tarde* referida anteriormente. Existia uma solução proposta para o comunista, agitador das cidades:

O Ministro do Trabalho encaminhe para a lavoura em diferentes regiões do paiz, com residência obrigatória, o agitador das cidades. Dê-lhe uma enchada, três braças de terra, um arado. Faça-o plantar, colher e vender. Transforme o desocupado, nocivo à sociedade em agricultor – e esse homem não se lembrará mais da Rússia, dos bolettins vermelhos, da dynamite. Será assimilado pelo trabalho; torna-se-á um útil. Não há violência mais productiva. Não há castigo mais justo. Não há deportação mais opportuna. O communista é um homem que nada possui. Se o Estado o mudar em proprietário, elle passará a ser sentinella da propriedade. Assim é em toda a parte nesse mundo de Nosso Senhor Jesus Cristo.³⁵

Segundo o texto, o problema da agitação comunista seria resolvido com a integração do comunista ao trabalho. A falta deste é que faria surgir os comunistas. As crises do capitalismo não são citadas, por que o problema é direcionado para o indivíduo, já que ele por não ter terra para plantar ou outro lugar que possa trabalhar pode tornar-se mais um adepto do comunismo. Muito menos do que uma reforma

³² Foram arregimentados batalhões entre os coronéis do interior para combater ao lado das forças regulares, os insurgentes da Aliança Liberal/tenentes. Confiava-se que Washington Luís poderia conter mais uma revolta dos tenentes, por isso a crença de que aquela revolta era mais uma, tal como as outras que a antecederam na década de 1920. O jornal *A Tarde* havia ovacionado esta atitude. Entretanto, a vitória da coalização militar aliancista-tenentista fez com que sua postura mudasse e “vibrava agora com as manifestações ‘memoráveis’ da população, que, percorrendo ruas da cidade, aclamava os nomes dos chefes revolucionários”. (SAMPAIO, 1998, p.225). Parece que o povo sabia exatamente quem havia se colocado desde o início contra o movimento revolucionário e quem o reprimia quando se manifestava.(SAMPAIO, 1992)

³³ Ver *A Tarde* 28/01/1931, p.1

³⁴ Idem

³⁵ Idem, p.1

agrária, parece-me subliminar a idéia de isolar os comunistas, afastando-os dos centros urbanos.

A comparação com acontecimentos que ocorriam no exterior concomitantemente à Revolução de 1930 era também bastante utilizada pelos jornalistas com o intuito de esclarecer, sendo este seu principal objetivo e função.

³⁶Este instrumento de convencimento servia para alertar principalmente as autoridades que haviam acabado de ascender ao poder para não se “descuidarem” do comunismo:

Cuidado com as insídias comunistas.

Qual aconteceu na Argentina, por ocasião do recente movimento revolucionário que também lá foi vitorioso segundo relatam os últimos jornaes chegados da capital da República da manhã de 27 do corrente manifestou-se allí subitaneamente e sem causas verdadeiras, um grande choque entre as forças armadas a que se quis chamar como alhures contra-revolução.

Foram horas de pavor aterrador, de pânico sombrio, de indiscutível desvario, sob cuja, atmosfera pesada se viu de roldão, mergulhada a metrópole brasileira mal experimentara o advento da vitória da revolução.

Como em Buenos Aires incumbiram-se dessa ignominiosa tarefa de subversão da ordem, para implantar o domínio da anarchia, os elementos comunistas que se acoitam neste momento, nas grandes capitais as nações civilizadas aguardando a oportunidade propícia, para a sementeira dos seus planos machiavélicos. E, com esse propósito e, encorajados para esta finalidade, os comunistas do Rio de Janeiro, aproveitando-se daqueles instantes de irreflectidas deliberações, crearam, de chofre, uma situação de desentendimento entre as forças do exército nacional alli estacionados e a polícia militar e corpo de bombeiros que deixaram os seus quartéis e na praça pública entraram corpo a corpo em luta inglória, dahi resultando o desfecho conquistador de um morticínio.

Felizmente, porém à Junta Governativa Provisória não faltaram energias para suffocar o encontro lutuoso, e apurar a sem razão da lamentável ocorrência dada a união de vistas em que estavam e estão todas as forças de terra e mar, para prestigiar a ação dos governantes interinos do país.

Foram os communistas, esses opportunistas anarchicos, que tramaram toda a desavença, avisando simultaneamente aos quartéis que a polícia militar e os bombeiros iam atacar taes e quaes regimentos do Exército, e vice-versa, consoante o esclarecimento com as primeiras investigações do inquérito instaurado.

Os anarchists, entretanto, perderam o pullo já agora, não lhes será fácil nova tentativa, para semelhante escopo, restando apenas, lamentar a perda das vidas que desapareceram na falsa contra-revolução. ³⁷

As interpretações dos jornais baianos sobre o movimento de 1930 normalmente aliavam o levante militar que ocorria em vários estados com ações

³⁶ A função do jornalista, segundo Assis Chateaubriand era “opinar para a multidão que aguarda a sua palavra acerca de cada questão trazida ao debate dos cidadãos” (Apud CAPELATO, 1992, p. 56).

³⁷ Ver *Diário de Notícias* 30/10/30, p.1.

individuais e coletivas de opositores ou “perturbadores da ordem” que aconteciam concomitantemente ao movimento revolucionário.

Novamente a visão do comunista como um indivíduo ardiloso que parece estar sempre a espreita de uma conturbação social ou institucional para, no momento que lhe aprouver, tomar de assalto o poder. A constituição desta característica pelo anticomunismo, parece antever a construção feita sobre o comunismo feita após o levante de 1935, quando as fotos e imagens veiculadas sobre os eventos provariam o “ardil” e a “torpeza” da ação dos comunistas.³⁸

Estariam os jornais naquele momento influenciados pela idéia de que uma Revolução Mundial desencadeada pelos comunistas estaria em curso? Neste sentido, a Argentina e o Brasil então seriam as nações escolhidas pela Internacional Comunista para tal intento.

Sobre esta temática, segundo Paulo Sérgio Pinheiro (1991) as relações entre o Estado Soviético e os países latino-americanos se deram através da instalação de uma agência comercial, a *Yuzhamtorg*, com sede em Buenos Aires, para estabelecer contatos comerciais da União Soviética com os países do cone sul. Isto era visto pelos agentes da polícia política, como uma espécie de “máscara” para o envio de dinheiro para os PC’s sul-americanos.

Para os jornais da grande imprensa e alguns membros do governo, a União Soviética por meio de sua sede comercial em Buenos Aires, patrocinava financeiramente levantes seja de comunistas ou não. Contudo, Paulo Sérgio Pinheiro na mesma obra, não encontrou evidências de provimento de recursos para as insurreições por parte do *Yuzhamtorg*, conquanto possivelmente tenham ocorrido contatos e auxílios.

Muito embora a violência perpetrada pelo governo provisório contra posturas indesejadas tenha sido intensa, isto não significou um comportamento novo do Estado brasileiro. O temor básico ao comunismo, tanto pelas suas ações como pelo que ele representava – a instalação de uma “ditadura nos moldes coletivistas”, por exemplo – já sintetizava o tipo de relação do Estado com a sociedade que já era comum na Primeira República: conter e reprimir as demandas que abalassem profundamente as estruturas sociais que sustentavam um modelo de sociedade.

³⁸ Aprofundarei este tema mais adiante.

A partir da Revolução de 1930, o anticomunismo adquiriu uma nova dimensão por duas vertentes. A primeira é a possibilidade de manifestação das classes populares e sua participação no movimento revolucionário. E segundo, o elemento que provocava temores principalmente nas greves, o estrangeiro, continuava a existir como tal, mas o nacional também concorreria para ser uma possível figura perturbadora.

Ao mesmo tempo em que ocorria a revolução, o *Diário de Notícias* divulgava matérias sobre comunistas presos em outros países. As notícias estrangeiras – que chegavam ao Brasil por telegramas - funcionavam para os jornais como uma espécie de alerta para a população do que poderia acontecer se caso os comunistas permanecessem sem as devidas restrições às suas ações. Prisões eram notícias comuns sobre os comunistas:

O comunismo em Nova York
Várias prisões hontem em frente à municipalidade.
Um grupo de 200 comunistas tentou fazer hontem uma demonstração diferente da municipalidade, levando bandeiras com o distico “Salários ou Trabalho”. A polícia prendeu 12 dos mais exaltados.³⁹

A divulgação de notícias de prisões de comunistas não é por mero acaso – a revolução eclode no Brasil e um jornal divulga notícias de manifestações no exterior que associam violência e comunismo! Parece-me que não houve uma mera coincidência, já que por volta de meados de 1931 este tipo de relação não se fazia mais presente nos periódicos baianos. Os fatos correlatos a Revolução de 1930 transmitiam representações que produziram uma relação tricotômica: revolução – subversão – comunismo.

Ao contrário do que possa parecer, lembrando que aqui o que se analisa são possíveis representações dos jornais baianos sobre o comunismo e sua relação com a Revolução de 1930, a publicação de telegramas estrangeiros ou de outras praças transmitiam indiretamente a visão do jornal, pois ocorria uma espécie de afinidade entre os jornais e as agências de notícias. O que considero como importante neste sentido é o ato de concordância em reproduzir numa edição uma determinada notícia mesmo sem tê-la produzido. Neste ato, o jornalista está efetuando escolhas, a grande maioria delas imersas numa teia de significados que fazem sentido para ele e que encontram explicação no imaginário sobre determinado tema. Disto pode-

³⁹ Ver *Diário de Notícias* 31/10/30, p.1.

se extrair a representação sobre o comunismo e os comunistas que é resultado de uma instrumentalização ideológica, eis que, se baseia em elementos discursivos que se impõem como evidentes em si mesmos, mas que possuem uma base material.

Assim o discurso jornalístico não é neutro, mesmo quando se utiliza de notícias que não foram produzidas pelo seu próprio emissor. Entretanto, para o jornalista era necessário se colocar como um sujeito imparcial diante dos acontecimentos para que a notícia pudesse ser vista como o próprio fato. A intenção era gerar uma relação entre o produtor da notícia e o fato que mostrasse a realidade e não a opinião daquele que a escreveu.

Uma preocupação bastante patente e que nos revela muito do imaginário anticomunista baiano no final de 1930 e começo de 1931 é o operariado. Neste ponto, o Diário de Notícias deu grande destaque, buscando informar sobre possíveis greves, como nesta matéria:

Contra os movimentos grevistas.

Tivemos oportunidade de receber hoje, nesta redação, a visita de uma comissão de empregados da Companhia Circular, comissão esta que era constituída dos seguintes srs.: Américo Gomes da Silva, inspector; Gumerindo Ferreira, inspector; Juvencio Alves do nascimento, inspector; Argileu de oliveira Lima, fiscal; Albino Garcia Martins, motorneiro; Antonio Pereira Souza Filho, conductor e Euclydes Gomes da Silva, motorneiro. Em nome dos mesmos, falou interpretando a orientação geral o sr. Gumerindo, que disse dos sentimentos seus e de seus colegas, contrários a qualquer greve, nesta hora, em que urge a acção da paz e do trabalho , para que a população nada soffra nos seus interesses. Para comprovar a solidariedade dos companheiros, exhibiu-nos, então um abaixo-assassinado de cerca de quatrocentas assignaturas, estando já assignados 364 empregados e faltando ainda outros assinarem. Acrescentou a Comissão que, nos visitou que os ensaios de greve são promovidos por indivíduos estranhos à classe, tendo encontrado repulsa da mesma.⁴⁰

O comunismo não seria algo que fazia parte do operariado baiano. O comunismo, por ser uma ideologia estrangeira, não poderia pertencer às práticas políticas do operário baiano, uma vez que, em momento de crise institucional as greves só poderiam ser desejadas por espíritos adversos à ordem “estranhos à classe”, coisa que não fazia parte do espírito ordeiro do baiano.

⁴⁰ Ver *Diário de Notícias* 25/11/1930, p. 1

Em outra notícia, uma mensagem enviada do Rio de Janeiro, o então prócere do Ministério do Trabalho, Agripino Nazaré⁴¹, se comunica com o operariado baiano, corroborando, em alguma medida, com o teor da matéria transcrita:

Certo deveis prosseguir no trabalho de reivindicação do Centro Operário da Bahia para os operários, delle afastados os elementos estranhos que o converteram num colo de politicalha.

(...)

O homem que ora dirige os destinos da Bahia vem de uma campanha iniciada na propaganda liberal, prosseguida nas urnas eleitorais e victoriosa, afinal, no embate das armas revolucionárias com as dos defensores do regimen olygarquicos. É, portanto, o interventor federal um integrado na mentalidade do Brasil Novo e não opporá entraves à reorganização syndical dos trabalhadores bahianos até porque fiéis à antiga orientação de adeptos do syndicalismo puro, sem mescla de ideologia política ou philosophica, sereis uma barreira à penetração do bolchevismo dissolvente e da politicagem profissional, um e outra igualmente funestos à vida das associações de classe.

Com os meus agradecimentos às confortadoras expressões do telegrama que me dirigistes em nome do proletariado bahiano, o abraço fraternal a todos os companheiros e o concitamento a que retomeis o fio mentalmente interrompido da sindicalização obreira.⁴²

Já expressando a política do novo governo para o operariado, o líder dos operários da greve de 1919, caracterizava o novo regime como favorável aos trabalhadores, por isso estes deveriam confiar no interventor (neste período ainda era Leopoldo Amaral). Além disso, rechaçar o bolchevismo seria a tarefa do operariado para que ele adquirisse respeito e suas reivindicações fossem vistas de maneira justa. A sindicalização seria uma etapa na aquisição deste respeito, desde que não tivesse conotação política para que não atraísse idéias “indesejadas”. Por este discurso, o operariado baiano era um ser passivo que a tudo assistia e contemplava como se os processos políticos não lhe tocassem. Também não tinha memória, já que as lutas travadas nas décadas passadas deveriam ser esquecidas para vislumbrar um novo tempo de sindicalização ordeira e sob a supervisão do Ministério do Trabalho.

O imaginário anticomunista fez parte de um conjunto de ações que se configuraram em um novo projeto de Estado, autoritário e centralizado. Neste

⁴¹ Não há muito sobre Agripino Nazareth. Sabe-se que ele vivia no Rio de Janeiro. Colaborou com Mauricio Lacerda a preparação de uma revolta que tinha por objetivo implantar uma República Parlamentar Brasileira, juntamente com os sargentos do exército em entre 1915 e 1916. Após o fim da guerra mundial, antes da suspensão do estado de sítio, juntamente com José Oiticica e outros anarquistas tentaram recriar os acontecimentos ocorridos em Petrogrado no ano anterior. Depois disso veio expulso para a Bahia e aqui em 1919 organizou a maior greve vista na Primeira República. Voltou para o Rio em 1924.

⁴² Ver *Diário de Notícias* 08/01/1931, p.1

sentido, a propaganda sistemática nos jornais contra o comunismo e os comunistas se explica pela necessidade de construir uma identidade social a partir dos “vitoriosos” da Revolução de 1930, sem a qual o reforço de idéias e instituições como Religião, Pátria, Família não seria possível.

A memória, produto das experiências mais significativas de um grupo deveria ser reconstruída para se cumprir a nova formação do operariado em acordo com o papel de colaborador da “ordem nacional” que passou a ser-lhe atribuído. ⁴³Para isto, um marco fundador desempenharia um papel grandioso na formulação da nova relação do operariado com o Estado: a legitimidade da Revolução de 1930 expressa na concepção de um processo modernizador. Segundo de Decca (2004), isso só foi possível por que a memória sobre a revolução foi reelaborada e ao mesmo tempo consolidada pela prática historiográfica.

Na memória política da Revolução de 1930 construída pelos “vencedores” o papel do operariado era se comportar pacificamente diante do momento de estabilização do país (TRONCA, 1988). Assim as greves, não fariam parte deste roteiro, por que acima de tudo está o espírito ordeiro que está presente desde os primórdios da colonização brasileira.

Ao falar do comunismo entre os operários baianos, Agripino Nazaré reconhece que ele existe e mais, representa uma séria ameaça às estruturas que mais tarde iriam ser montadas para o controle da própria classe operária com a intenção de retirar-lhe do comunismo.

⁴³ Para Le Goff (1996) nas memórias coletivas, tornadas formas importantes das forças sociais pelo poder, aqueles que se tornaram seus ‘senhores’ se preocuparam bastante com o esquecer e o silêncio. Estes dois revelam mecanismos de manipulações.

3.0 DISCURSO INTEGRALISTA EM TERRAS BAIANAS: ENTRE A FUNDAÇÃO DA AIB ATÉ OS LEVANTES DE 1935

O discurso anticomunista nos jornais baianos em geral seguiu também a rota dos acontecimentos e a evolução dos novos grupos políticos – ANL e AIB - recém constituídos no início da década de 1930. Um destes grupos foi a Ação Integralista Brasileira, cujo líder, Plínio Salgado, havia criado um ideário inovador em relação aos ditames da política na República velha.

Neste capítulo tratarei a questão do discurso integralista no tocante ao comunismo com o objetivo de detectar os elementos comuns que há entres os extratos colhidos de jornais para analisar os instrumentos discursivos que existem e como eram usados. Contudo isso não deve induzir a conclusão de que outros temas correlatos ao anticomunismo como a prisão de comunistas, a Rússia, por exemplo, não estiveram presentes entre 1932 e 1935. O foco deste capítulo é o integralismo por que este se tornou o principal ideário fora do âmbito estatal que terá como um dos alicerces o combate ao comunismo. Para esta parte nos basearemos principalmente em dois dos jornais mais importantes da Bahia : O Imparcial e o Diário de Notícias.

Assim sem passar ao largo de matérias ou telegramas vindos de outros estados, priorizamos as matérias jornalísticas que versaram sobre fatos ocorridos na Bahia devido ao número grande de matérias genéricas sobre o integralismo relacionado com o anticomunismo.

3.1.O INTEGRALISMO

Entre a Primeira Guerra e a Segunda Guerra Mundiais surgiram na Itália, Alemanha, Portugal, Espanha, México, Bolívia e Brasil, dentre outros países, uma série de movimentos fascistas ou de inspiração fascista. Embora guardadas as vicissitudes de cada movimento face às peculiaridades regionais e culturais, segundo Trindade (1979), todos estes movimentos pertenciam a uma mesma matriz ideológica.⁴⁴

⁴⁴ Nosso papel não é discutir o caráter do integralismo, se foi um movimento de tipo fascista ou não, isso demandaria mais espaço e desviaria completamente dos objetivos traçados para este trabalho. Contudo há que

Entretanto, para qualquer trabalho acadêmico, se faz necessário elencar alguns critérios para a elaboração de certos conceitos que são vitais, mesmo tendo em vista que a compreensão do objeto siga variações de tempo, mudanças de paradigmas historiográficos e as indiossincracias do historiador. Para tentar identificar um movimento como fascista, pode-se estabelecer alguns aspectos básicos para sua caracterização. Assim,

caracterize-se o fascismo, em princípio, por um modelo de dominação política que apresenta os seguintes aspectos: controle exclusivo do exercício da representação política mediante a atuação de um partido único de massa, caracterizado por forte estrutura hierárquica; ideologia centrada no culto à liderança política; exacerbação dos valores da nacionalidade; recusa dos princípios que norteiam o liberalismo individual; oposição radical aos valores do socialismo e do comunismo; exaltação da colaboração de classes e crença no ideal corporativo; atribuição de um papel central ao aparato estatal no plano econômico, social e político; domínio absoluto do Estado sobre as informações e, especialmente, os meios de comunicação de massa; eliminação de qualquer forma de pluralismo político, com, o aniquilamento das oposições, embasado na violência e no terror (SACCOMANI, 1986, p. 466 apud MAIO, 2003, p. 44)

Como dito, este conjunto de aspectos que são comuns às doutrinas chamadas de fascistas pode evidentemente variar, segundo a posição política ou a corrente historiográfica que se adote. Marcos Chor Maio e Roney Cytrynowicz ao adotarem a caracterização de Saccomani, por exemplo não recepcionam como elemento essencial dos fascismos o anti-semitismo.

Várias são as interpretações sobre o integralismo, algumas se aproximando do fenômeno do fascismo e outras não. Alguns autores como Héglio Trindade (1974, 1º ed.) o coloca como um movimento fascista, pela estrutura social da sua composição, se aproximando então das suas congêneres fascistas. Já Chasin (1978) o classifica como um movimento de extrema-direita, romântico e reacionário, mas não fascista. Para ele não é plausível pensar que em um capitalismo dependente e retardatário, possa ter ocorrido um fenômeno típico dos centros capitalistas em crise. Na mesma linha, Gilberto Vasconcelos (1977) pergunta como

menção a postura de uma outra corrente de estudos sobre o integralismo que não concorda com a tese do movimento liderado por Plínio Salgado ser de matriz fascista, como por exemplo a de José Chasin (1978). Assim não discutiremos esta questão, já sobejamente debatida na historiografia do integralismo; apenas a pontuaremos quando for realmente imprescindível, já que foi em nome do fascismo que o integralismo foi muitas vezes combatido pelos seus inimigos.

pode ter havido no Brasil um movimento autonomístico, nacionalista extremado em um país dependente economicamente? (MAIO, 2003).⁴⁵

Ricardo Benzaquen de Araújo (1987) inaugura uma outra vertente: a tentativa de analisar o integralismo pela dicotomia proximidade/distanciamento do conservadorismo brasileiro. Examinando o pensamento pliniano, Araújo chega a conclusão que o projeto integralista de total mobilização e espírito revolucionário, com plena participação da sociedade pela sua transformação pode ser conceituado como Totalitarismo e não como mais uma vertente do conservadorismo brasileiro.

Sua tentativa se fundamentava no exame do integralismo com as devidas distinções em relação ao pensamento conservador. A primeira e mais importante é o espírito revolucionário que o integralismo carrega consigo ao contrário da pura e simples crítica que o conservadorismo faz em relação ao capitalismo. Ao colocar o integralismo um pouco distante do pensamento conservador, Araújo propõe o uso do conceito de totalitarismo. Dois dos elementos constitutivos do totalitarismo, pensados por Araújo, estariam presentes para explicar a doutrina integralista: primeiro, a absolutização da participação e segundo a identificação da noção de igualdade com o de uniformidade.

A igualdade pensada por Salgado, e aí está uma das principais inovações no âmbito das idéias de direita no Brasil, dentre elas o esparso e mal definido conservadorismo, é a dissolução da diferença e a negação do conflito. Já o conservadorismo procura resguardar alguns privilégios sociais e um grau de autonomia entre as instâncias sociais e políticas. (MAIO, 2003).

Não obstante a discussão historiográfica, o integralismo se constituiu em dos mais importantes movimentos de massas no Brasil, seja por que tenha trazido inovações na cultura política entre a Primeira República e a Era Vargas, como por ter reunido um número bastante significativo de adeptos em relação a população da década de 1930. Sua importância primordial e eficaz para este estudo reside no fato de que ele foi o movimento organizado mais significativo que se colocava contra o

⁴⁵ Nos últimos anos tem sido maior a preocupação dos historiadores e cientistas sociais com o pensamento autoritário produzido desde os primórdios da Primeira República até fins do período estadonovista. No final da década de 1980 três importantes trabalhos vieram se incorporar aos clássicos do tema: Wanderley Guilherme dos Santos “Paradigma e História: a ordem burguesa na imaginação social brasileira”, Bolivar Lamounier “Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação” e Jarbas Medeiros “Ideologia autoritária no Brasil (1930-1945)”. Estes trabalhos analisam mais amiúde o pensamento conservador e tentam traçar um panorama das principais características deste pensamento esparso e mal definido.

comunismo. No conjunto de suas idéias e ações, o comunismo era um fenômeno a ser combatido como condição precípua para a realização do objetivo principal que era a revolução espiritual e a instalação do Estado Integral pensado por Plínio Salgado.

Para um breve estudo deste movimento se faz necessário um célebre relato da construção ideológica do seu principal líder, Plínio Salgado, e como os acontecimentos o levaram a fundação da AIB.

Plínio Salgado nasceu em 1885 numa cidade do interior paulista, São Bento de Sapucaí, numa família de católicos tradicionais. Seu pai tinha inclinação para a política. Teve contato com autores na vinda para São Paulo, que depois o influenciaram na elaboração da doutrina integralista: Le Bon, Spencer, Haeckel e Lamarck. Participou da fundação do Partido Municipalista em 1918. Depois da morte da sua esposa (1919) passa a ler autores religiosos como Farias Brito⁴⁶ e Jackson de Figueiredo⁴⁷, ambos anti-spencerianos e antipositivistas, de onde vem a matriz católica do integralismo.⁴⁸

Além destes intelectuais um movimento que terá forte influência na formação intelectual de Salgado é o movimento Modernista. Tentou criar uma corrente renovadora – Ação Nacionalista, inspirada na leitura de Couto de Magalhães⁴⁹, *O Selvagem*, justificado pela busca das raízes da formação do povo, com a qual o

⁴⁶ A renovação do espírito é o combate a laicização da sociedade em seus diversos níveis sociais e políticos que tomou conta a partir da segunda metade do século XIX. Importância individual para este movimento é o filósofo Farias Brito (1861 – 1917), considerado pelo centro D. Vital como “precursores do espiritualismo e por Plínio Salgado, o inspirador da concepção integralista.” (TRINDADE, 1979, p. 31).

⁴⁷ Bacharelou-se em Direito na Faculdade Livre de Direito da Bahia. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde exerceu o jornalismo e dedicou-se à política. Em 1918 converteu-se ao catolicismo. Entre 1921 e 1922, fundou o Centro Dom Vital, com a finalidade de congregar leigos e religiosos no aprofundamento da doutrina católica e a revista *A Ordem*, para divulgar a doutrina católica. Através do Centro e da revista, combateu o liberalismo e o comunismo. A *Ordem* teve papel importante na elaboração das tendências de extrema direita no Brasil.

⁴⁸ O termo integralismo é sinônimo de integralismo para os círculos da intelectualidade católica do século XIX. Na metade daquela centúria, ganha seu contorno mais preciso, da qual se aproxima bastante o integralismo pliniano. O Integralismo ou integrismo é “uma concepção global e unitária do cristianismo, não só quando quer reafirmar a sua intangível integridade doutrinal, mas também e sobretudo quando quer ser um sistema de vida e pensamento aplicável a todas as necessidades da sociedade moderna....” (POULAT, 2004, p. 635)

⁴⁹ José Vieira Couto de Magalhães nasceu em Diamantina, 1 de novembro de 1837 e faleceu no Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1898. Foi político, militar, escritor e folclorista brasileiro. Iniciou os estudos no Seminário de Mariana. Estudou matemática na Academia Militar do Rio de Janeiro e frequentou o curso de Artilharia de Campanha em Londres. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1859, doutorando-se em direito em 1860. Foi conselheiro do Estado e deputado por Goiás e Mato Grosso. Foi presidente das províncias de Goiás, de 1863 a 1864, Pará, de 1864 a 1866, Mato Grosso, de 1867 a 1868, e São Paulo, em 1889, presidência que ocupava quando foi proclamada a república. Preso e enviado ao Rio de Janeiro, foi liberado em reconhecimento da sua enorme cultura e ações em prol do desbravamento dos sertões brasileiros. Falava francês, inglês, alemão, italiano, tupi e numerosos dialetos indígenas. Foi quem iniciou os estudos folclóricos no Brasil, publicando *O selvagem* (1876) e *Ensaio de antropologia* (1894), entre outros.

nacionalismo que Plínio Salgado irá construir é fundamentado. Para Trindade (1979), a atividade literária fez despertar Plínio Salgado para a política algo que a própria política não havia conseguido antes nele.

Não foi o tenentismo que o estimulou a uma alternativa ao modelo político da Primeira República. A concepção de Plínio Salgado em princípio se deveu, sobretudo a efervescência ideológica das elites intelectuais no pós-guerra que resultou da confluência entre o despertar nacionalista, a revolução literária e a revolução espiritual.

A inquietação de Plínio em relação a falência da democracia, vislumbrada após a Primeira Guerra e a Revolução Russa, geraram dois elementos que fariam parte do integralismo: o desejo de elaborar um pensamento novo e a existência de uma predisposição para o engajamento.

Em uma viagem à Europa no ano de 1930, observou a situação daquele continente e identificou uma grande efervescência de idéias que em grande medida representava um conjunto oposto a “força dissolvedora do liberalismo”. Ao lado do antiliberalismo acabaram por se conjugar como alicerces do escopo principal do integralismo, o anticomunismo, o nacionalismo, o integrismo e o conservadorismo. Aliás, eram estes princípios que deveriam apontar os rumos para o Brasil, totalmente compatíveis com o momento que o mundo vivia: a rejeição à liberal-democracia -, mas distinto do fascismo, no sentido de que não deveria ser copiado inteiramente. A princípio Plínio Salgado considerava o fascismo como mais uma ideologia exótica vinda da Europa.⁵⁰

O integralismo compõe-se basicamente de alguns conceitos básicos que também pertencem em maior ou menor grau aos fascismos europeus.

O primeiro deles é o Estado. O Estado liberal é um dos principais alvos das críticas de Salgado. O Estado idealizado pelo integralista deve ser corporativo e unipartidário, em que se fariam presentes todas as categorias profissionais e produtivas. Não devem existir partidos, pois estes não possuem programas e projetos nacionais, apenas atendendo aos interesses privados

⁵⁰ “Mas o que no fundo angustia o autor, com relação à concentração urbana e ao cosmopolitismo, é a grande permeabilidade das massas urbanas às ideologias exóticas e o efeito do mal urbano sobre a formação da consciência nacional....Ele [Plínio Salgado] está consciente que em razão do declínio da democracia liberal, a Europa se encontra frente a frente a um dilema: o comunismo ou o fascismo. ‘Ambos, profundamente materialistas, decretam a falência no ‘nacionalismo’, no ‘fascismo’, na ditadura militar’”(SALGADO, 1927, p. 63-64 apud TRINDADE, 1979, p. 52-53)

A Revolução é o segundo. O conceito de revolução para Salgado não se resume a um *putsch*, “é um processo de transformações cumulativas que surge de maneira quase mecânica quando certas condições estruturais prévias se articulam.” (TRINDADE, 1979, p. 88)

A Revolução é justamente a conscientização da importância do indivíduo participar na interferência do materialismo pelo espiritualismo: para o triunfo do espírito, então é indispensável a conscientização e a participação de todos para que, unidos, pudessem intervir e modificar o curso “natural” das leis da matéria. E é justamente essa intervenção que Plínio vai chamar de Revolução. Desse modo, toda revolução só seria considerada por ele como autêntica se implicar em um movimento de idéias, se for comandada por uma doutrina que possibilite a mobilização de todos os seus militantes em função dos princípios defendidos pela concepção espiritualista da existência. (ARAÚJO, 1987).

Apesar de concordar que houve em diversos momentos revoluções que se relacionava com idéias, Plínio Salgado as considerava como etapas de uma revolução maior que se concretizaria no momento em que o homem tivesse total controle do seu destino, onde as forças inconscientes que o governariam fossem totalmente apreendidas.

O nacionalismo de Plínio Salgado se baseia em três pontos. A unidade nacional, a consciência nacional e o anticosmopolitismo que convergiam para a rejeição dos ideários – o comunismo e o liberalismo - que para o integralismo, negam estes elementos. A monarquia havia começado a construção da unidade nacional, que foi retardada pela falta de expansão econômica. A República que fortaleceu o liberalismo e a democracia prejudicou esta construção iniciada no Império. O cosmopolitismo e a ausência de consciência nacional estão umbilicalmente ligados, pois o primeiro é um elemento que impede o segundo.

O antiliberalismo. Para Salgado o Estado liberal nasceu para beneficiar uma classe; era incapaz de ver o homem em sua totalidade; conservador, pois se recusa a intervir na sociedade. A idéia de liberdade constante no sistema liberal-democrático ameaçava a disciplina e o equilíbrio social.

Para o anticomunismo, Salgado não dedica muitas notas em suas obras doutrinárias até antes de 1935. Durante o governo provisório, havia ainda, para Salgado, o risco do retorno ao liberalismo.

O anticapitalismo. O progresso técnico proporcionado pela evolução do capitalismo foi importante, mas tal como foi realizado tornou o capital concentrado. A rapidez com que se processava provocava angústia no ser humano, pois este não conseguia se adaptar tão velozmente quanto as transformações porque passava o processo produtivo. Salgado não combate o capitalismo negando seus princípios. O faz tão somente ao capitalismo internacional, enquanto o capitalismo nacional precisa ser “humanizado”.

Os fascismos foram elementos estruturais da ideologia integralista. Plínio Salgado rejeitava o marxismo, como todo e qualquer tipo de materialismo e optava pela extrema-direita como meio para atingir patamares superiores da natureza intelectual, moral e espiritual. Contudo ao mesmo tempo em que adotava para o integralismo a postura de extrema-direita, tentava conceber um regime original para o Brasil.⁵¹

Uma questão importante e que vale uma nota são os conceitos de liberdade positiva e negativa. Para Plínio há uma incompatibilidade entre a liberdade positiva – a obrigatoriedade de participar – e a liberdade negativa – a proteção à esfera privada. Não havia porque defender a intimidade se o que estaria em risco é o coletivo.

A reunião de intelectuais em pró da construção de um nacionalismo que resgatou as tradições culturais e históricas brasileiras, possibilitou Plínio Salgado começar o trabalho de aglutinação de forças de extrema direita. Entrou em contato com o Partido Nacional Sindicalista de Olbiano Mello e com o diretor de *Hierarquia*, Lourival Fontes.

Sem necessariamente expor isso, os vários grupos que estabeleceram algum tipo de relação, Salgado procurou direcioná-las para suas pretensões políticas. “A evolução dos fatos até a criação da AIB, prova que Salgado soube manipular com habilidade os grupos ideológicos convergentes em favor de seus planos.” (TRINDADE, 1979, p. 122).

A AIB foi precedida pela organização da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) que juntamente com o jornal *A Razão* propiciaram a criação da AIB. O fim da SEP era preencher o vácuo ideológico deixado pela Revolução de 1930 diante das

⁵¹ Entre as décadas de 1920 e 1930, há entre muitos intelectuais brasileiros a rejeição da forma como as idéias estrangeiras eram operadas e implementadas no Brasil. Podemos afirmar até que neste período a intelectualidade brasileira adquire certa autonomia com relação às idéias estrangeiras

indefinições, segundo Salgado. Dentre seus objetivos principais estavam a colaboração para a construção da unidade nacional; o reforço da autoridade; a coordenação de todas as classes produtivas para o fortalecimento da nação; apoio ao pensamento político que seja baseado nas realidades nacionais.

As bases ideológicas estavam prontas, faltava a fundação do movimento. Nisto está a sua atitude em relação a Revolução de 1930. Em um primeiro momento, critica o movimento por tentar resgatar a liberal-democracia, contudo vê a vantagem da Revolução ter derrubado a velha oligarquia. No segundo momento Salgado apóia o governo provisório.

Para Ricardo Benzaquen Araújo (1987) Plínio Salgado vê o movimento de 1930 de duas maneiras. A primeira considera a revolução liberal demais. Na segunda considera que esta deve ser superada por uma "verdadeira revolução". Na visão de Araújo, é importante a compreensão do significado da Revolução de 1930 para a existência de propostas mobilizantes, como o integralismo, já que o próprio movimento carregado de indefinição e incerteza possibilitou um vácuo que o integralismo e posteriormente a ANL tentariam preencher de maneiras distintas.

A AIB foi fundada em 7 de Outubro de 1932 com o lançamento do Manifesto de Outubro existindo legalmente até Novembro de 1937. Estruturou-se a partir de grupos e partidos de extrema-direita como a Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista), a Legião Cearense do Trabalho, dirigida por Severino Sombra, Partido Nacional Sindicalista, de Minas Gerais, fundado por Olbiano Melo, e o monarquista Ação Imperial Pátrio-Novista.

Para Marcos Chor Maio (2003) pelos dados estimativos, o integralismo, reuniu entre 500 mil e 800 mil militantes e tornou-se assim o primeiro partido realmente nacional e de massas.

A expansão do movimento integralista se deu com as bandeiras para o Nordeste e Sul do país:

A concepção subjacente às 'bandeiras' sugeria um novo processo de 'conquista' ideológica e interiorização do projeto político integralista em âmbito nacional, no contexto do surgimento de *slogans* como a 'marcha para o oeste' e a necessidade de conhecer o 'Brasil real', idéias essas formuladas por intelectuais como Euclides da Cunha, Oliveira Viana e Alberto Torres. (MAIO, 2003, p. 42).

O integralismo conferia grande importância aos símbolos e imagens. Seu nome procurava desvincular a idéia de partido, como parte de sua rejeição pela

representação política liberal-democrática. O nome integralismo dava a idéia de submissão ao chefe e mobilização integral. O termo “brasileira” tinha por propósito refutar a idéia de partidos estaduais.

O símbolo do integralismo era a letra grega “sigma”, representando a idéia de somatória, todo. A saudação entre seus membros era *anauê*⁵², na tentativa de buscar numa palavra tupi, o nacionalismo que o Brasil deveria ter.

O apelo a permanente mobilização era tão importante quanto a ideologia defendida. Isso o diferenciava de outros ideários conservadores ou mesmo de direita daquele momento ou mesmo da República Velha:

Organizar crianças e jovens, mulheres, desfiles públicos, palavras de ordem inflamadas, bandeiras, marchas e estandartes revelam uma forma de fazer política distinta dos partidos oligárquicos da República Velha. (MAIO, 2003, p. 51).

Contribuía para a mobilização intensa dos militantes, a organização estruturada e hierarquizada da AIB. “A estrutura de organização era um pré-estado, um modelo do Estado integral a erigir” (TRINDADE, 1974, p. 330).

3.2.OS INTEGRALISTAS E O INTEGRALISMO NA BAHIA

A Ação Integralista foi fundada na Bahia em Junho de 1933. A chefia inicial coube a Messias Tavares, João Alves dos Santos e José Cesimbra. Sucedeu-lhes no posto de chefe único: Caldas Coni, Augusto Alexandre Machado, Messias Tavares, Milciades Ponciano Junqueira e Joaquim de Araújo Lima que finalmente assumiu em Abril de 1935 até o encerramento das suas atividades na Bahia em Setembro de 1936.⁵³ A reabertura no estado se deu em Junho de 1937, sob a chefia de Vitor Hugo Aranha e seu encerramento de lá definitivamente, agora em âmbito nacional, em 10 de Novembro de 1937, quando ocorreu golpe do Estado Novo.

Na Bahia, o integralismo conheceu um crescimento rápido, enraizando-se inclusive em sindicatos e associações de classe.. Nas eleições municipais de janeiro de 1936 os integralistas se mostraram fortes concorrentes dos candidatos do PSD⁵⁴.

⁵² **Anauê** é um vocábulo de origem tupi, que servia como saudação entre os indígenas e de brado. É uma palavra com conteúdo afetivo que significa: "Você é meu irmão"

⁵³ Trataremos deste momento da AIB na Bahia posteriormente.

⁵⁴ O Partido Social Democrático fundado na década de 1930 por ordem de Juraci Magalhães para concorrer às eleições de 1933, distinto do PSD fundado após 1945, no processo de redemocratização que reunia muitos políticos do Estado Novo e alguns membros de oligarquias rurais estaduais.

A despeito da aproximação de Vargas com integralismo, quando da decretação do Estado de Sítio após os levantes de 1935, a organização na Bahia foi alvo de dura perseguição por parte do governador Juracy Magalhães por conta do temor que causou devido ao clima de instabilidade e repressão a mobilizações de toda ordem.

A expansão do movimento integralista se deu primeiramente no meio universitário, na Faculdade de Medicina, na Escola Politécnica, na Faculdade de Direito e na AUB – Associação Universitária da Bahia “O integralismo obteve forte inserção no meio estudantil, atraindo muitos jovens acadêmicos e secundaristas”.(FERREIRA, 2006, p. 24). Jovens na época como José Calazans Brandão da Silva e Rômulo Almeida, ingressaram nas fileiras da AIB. Desde a fundação na Bahia era forte, portanto, a presença de universitários, tanto que o matutino Diário de Notícias deu grande destaque a este aspecto:

Filiada a Ação integralista Brasileira criada em São Paulo, por este espírito vertiginoso de escritor bem brasileiro, que é o Plínio Salgado, acaba de ser fundado na Bahia, pelos acadêmicos Dan Nunesmaia (presidente), Luis Porciuncula (secretário), Ítalo Gaudenzi (tesoureiro), Jose Marcelino, Agostinho Pereira, Antonio Mascarenhas, Aidano do Couto Ferraz, Francisco Stolze Cardoso e Gil Nunesmaia um núcleo da Acção Integralista Brasileira.⁵⁵

A disputa entre integralistas e comunistas pela juventude era grande no Brasil e na Bahia. Em nota n'O Imparcial, o Departamento Universitário da AIB repudiou a criação da Frente Única Democrática da Bahia que atacava a doutrina integralista. Eram comuns os conflitos entre integralistas e organizações de esquerda, que se acentuou depois da fundação da ANL, em 3 de Maio de 1935, no Cine Jandaia. Após o início das atividades da ANL os conflitos se intensificaram e atingiram outros grupos, como entidades estudantis e operárias que foram locais de embates entre integralistas e aliancistas.

A propaganda integralista também se desenvolveu entre os sindicatos e as fábricas, afirma Sampaio (1992), e com algum êxito como aponta José Raimundo Fontes (1997). Os conflitos entre integralistas e aliancistas também envolveram os sindicatos, como neste exemplo onde fica revelada a preocupação em rechaçar a denominação de comunistas pelos operários:

UM CONFLICTO ENTRE INTEGRALISTAS E OPERÁRIOS

⁵⁵ Ver *Diário de Notícias*, 14-06-1933, p. 1

(...)

Apurou nossa reportagem que aquella hora, um grupo de dez integralistas, ostentando suas camisas e signos, pretendia colocar na porta da sede da Federação dos Sindicatos um bolletim afrontoso dos brios do operariado bahiano, classificando em geral de comunistas.

Operários que se encontravam nas janellas da sede da Federação, desceram e quizeram persuadir aos idealistas que ali não era logar para affixação de bolletins, mesmo por que o operariado bahiano não era comunista.⁵⁶

Contundo, mesmo sofrendo um combate intenso dos antifascistas e aliancistas, os integralistas cresceram no estado:

Mesmo encontrando resistências a Ação Integralista conseguiu obter rápido crescimento na Bahia. Segundo dados da própria AIB, haveria aproximadamente 46000 integralistas no estado, distribuídos por mais de 300 núcleos, municipais e distritais. (FERREIRA, 2006, p. 26).

Havia vários núcleos em Salvador, mas a presença mais forte da AIB era no interior. As bandeiras integralistas⁵⁷ foram responsáveis pela expansão para o interior:

Durante a passagem destas “bandeiras” eram promovidas sessões doutrinárias, conferências, comícios, desfiles, nas ruas principais das cidades, formatura de milicianos entre outras atividades que reforçavam a propaganda integralista junto às populações interioranas. (FERREIRA, 2006, p. 27)

Esta forte inserção no interior contraria uma tendência nos estudos do integralismo de considerar o movimento como essencialmente urbano.

Outra controvérsia seria sobre a adesão das cidades baianas ao integralismo onde havia forte presença italiana e alemã. Para Sampaio (1992), os núcleos mais fortes da AIB se encontravam nas cidades do Sul e Sudeste do estado onde a colonização italiana foi marcante. Na mesma linha de raciocínio se encontra Luiz Henrique Dias Tavares (2001) que acrescenta apenas a região cacauzeira às já indicadas por Sampaio.

O crescimento eleitoral da AIB, notadamente no interior da Bahia não chegou a ameaçar os dois grandes partidos – o PSD de Juraci Magalhães e os autonomistas. Contudo Juraci Magalhães reconheceu a importância da AIB dentro do quadro político baiano, mas atribuiu ao fato de ter algumas colônias de italianos

⁵⁶ Ver *Diário da Bahia*, 28-10-1934, p. 1.

⁵⁷ Excursões para o interior organizadas pelo núcleo provincial. (FERREIRA, 2006)

no interior da Bahia, o crescimento do integralismo no estado. A historiografia mais recente (Bertonha, Gertz) já cuidou de desmistificar esta relação automática entre imigração italiana e alemã e integralismo.

Para Bertonha (2001), a relação entre fascismo italiano no Brasil e o integralismo foi em boa medida de convergência de ideais, não sem alguma dissensão no tocante aos nacionalismos e ao princípio da diferenciação com relação a outros movimentos. Em sua análise, a base social dos dois movimentos era a classe média, já que os italianos se filiavam tanto ao fascismo como ao integralismo. A questão, para Bertonha então passou a ser outra: a etnicidade, foi sim um elemento importante, pois os italianos natos aderiram muito mais ao fascismo de Roma, enquanto que os descendentes de italianos que optaram pela direita marchavam com os camisas-verdes. (BERTONHA, 2001) Para os primeiros também havia a questão política por que alguns deles, burgueses da indústria paulista, não viam o projeto integralista viável para o Brasil e por isso optaram por se aproximar de Vargas. Enquanto os descendentes de italianos, “mais abasileirados e aculturados e desejosos, em muitos casos, de se afirmarem e de serem aceitos como brasileiros, ao Integralismo”.(BERTONHA, 2001, p. 94).

Especificamente em áreas de presença alemã no Brasil, a relação entre integralismo, nazismo e germanismo foi complexa e não é plausível admitir que a não-adesão dos imigrantes alemães ao integralismo se deve ao presumível isolamento. Segundo Gertz (1987), o que importa para pensar sobre esta questão é a estratificação social e a inserção econômica, não a etnicidade, pensada de maneira isolada, como afirmava o discurso estadonovista.

O integralismo não se aliou com o juracismo. Contudo, pelo fato de não ter apoiado Juraci Magalhães (mas não lhe fez qualquer oposição mais radical), o próprio Juraci considerava os integralistas uma oposição a seu governo, não obstante tenha havido aproximação de alguns políticos autonomistas ao integralismo, como Álvaro Catarino e Rafael Jambeiro. (FERREIRA, 2006, p. 29).

Mesmo sem se mostrar como um grupo de oposição ao governo Juraci, este empreendeu intenso combate aos integralistas. O motivo mais forte seria o crescimento eleitoral do integralismo que teria incomodado bastante os coronéis do interior. Em vários lugares, onde o número de integralistas cresceu muito, houve muita rivalidade, conflitos e perseguição que foram denunciados no jornal O Imparcial, mesmo antes dos Levantes de Novembro de 1935.

A contrariu sensu, de acordo com a pesquisa realizada por Patrícia Carvalho (2005) Juracy Magalhães era inicialmente simpático a AIB. Para a pesquisadora, Juracy Magalhães mudou de opinião quando passou a verificar no integralismo traços do fascismo, o que lhe fez alterar sua postura para a de combate. (CARVALHO, 2005,). Magalhães (1982) em suas memórias não relata esta inflexão concernente ao integralismo, apenas circunscrevendo sua preocupação e ressaltando a força do integralismo na Bahia.

Contudo, ao passo que o integralismo granjeava mais membros e simpatizantes, notadamente no interior, ganhava Juracy Magalhães como inimigo “implacável e que não sossegaria enquanto não conseguisse dissipar esta força, que conquistava sem controle a adesão dos sertanejos e, no plano federal, gozava da benevolência do presidente da República” (CARVALHO, 2005, p. 123). Não era exatamente a semelhança com o fascismo europeu que atemorizava Juraci e outros chefes políticos baianos, pois afinal de contas o governo Vargas, que apoiava, nada fazia para combatê-los. Ao menos não era só isso. As motivações mais razoáveis e concretas para a repressão e o cerceamento de ação concernem a grande inserção que o integralismo teve em muitas cidades baianas, se impondo como uma alternativa de direita e força autônoma no velho jogo político coronelístico.

Em Setembro de 1936, Juraci mandou fechar os núcleos integralistas na Bahia sob a alegação de que haveria um plano subversivo que incluía a morte do próprio governador.

Em 12 de Setembro, o governo apresentou uma carta de Araújo Lima endereçada a Belmiro Valverde, chefe nacional de finanças da AIB escrita em Agosto daquele ano. Segundo autoridades policiais, esta carta conteria referências a preparação desse movimento subversivo, o que consistiria na principal prova que justificaria o fechamento da AIB no estado e a prisão dos principais envolvidos entre os quais militares do 19º BC (Batalhão dos Caçadores). (FERREIRA, 2006, p. 31).

A AIB continuava existindo legalmente no Brasil, exceto na Bahia, onde havia sido proibida por Juraci Magalhães.

Após a autorização da justiça para o funcionamento do núcleo provincial, os integralistas realizaram na Praça da Sé em 12 de Julho de 1937 um comício que,

segundo o jornal *O Imparcial*, foi obstado pelos comunistas que desejaram transformar o evento do Sigma em tumulto.⁵⁸

A tentativa de golpe integralista em Março de 1938, selou a existência da AIB em todo o Brasil que já havia impedido de existir legalmente em Novembro de 1937.

3.3.OS JORNAIS E O INTEGRALISMO ANTES DA INTENTONA

Como já foi dito anteriormente, o jornalismo baiano tinha aversão ao comunismo. Em maior ou menor grau todos os periódicos pesquisados publicaram matérias relativas ao comunismo, seja de cunho pedagógico, por intermédio de editoriais ou por divulgação de fatos correlatos às atividades comunistas na Bahia, no restante do Brasil ou no exterior.

Especialmente dois jornais desenvolveram o que se pode denominar de uma campanha anticomunista, por conta da frequência da publicação de matérias relativas ao comunismo quanto a contundência sobre os fatos e informações veiculadas: *O Imparcial* e o *Diário de Notícias*.

No período em que a AIB existiu legalmente, estes dois periódicos ofereceram espaços para a divulgação de idéias, informações e notícias sobre o movimento. Dentre as matérias publicadas por integralistas ou mesmo outras que tomavam como referência o integralismo, boa parte fazia alusão ao comunismo.

3.3.1.O Diário de Notícias

O *Diário de Notícias* foi um dos mais importantes jornais da Bahia. Sua longa duração comprova isto. O jornal sempre foi dirigido por figuras de destaque no meio político baiano. Entre 1919 e 1939, Altamirando Requião; entre 1939 e 1942, Antonio Balbino de Carvalho; a partir de 1942, Odorico Tavares dirigiu o periódico até o encerramento de duas atividades em 1979.

Altamirando Requião, então editor e dono do *Diário de Notícias*, saudou Getúlio Vargas por ocasião da Revolução de 1930. Após a vitória de Getúlio Vargas e da coalizão de forças que o apoiaram, foram indicados diversos interventores para os Estados. Na Bahia, após duas interventorias tumultuadas, Juraci Magalhães

⁵⁸ Ver *O Imparcial*, 13-07-1937, p.1.

compôs com as velhas oligarquias baianas, deixando de lado algumas premissas da Revolução. “O *Diário de Notícias* foi o único jornal local que apoiou a interventoria de Juracy Magalhães na Bahia”. (PEIXOTO JR., 2003, p. 38)

O jornal, desde 1934, vinha postulando posição favorável ao governo do Reich. Setores da economia bahiana eram controlados por alemães e a Alemanha tinha interesses em estreitar laços com a Bahia. Contudo outras posturas autoritárias ou totalitárias⁵⁹ puderam ser sentidas nas edições do *Diário de Notícias*. Entre 1935 e 1941 atuou como um elo de ligação entre a Alemanha e a colônia germânica na Bahia. Declara Peixoto Jr (2003, p. 11) que Altamirando Requião não escondia sua simpatia pelo Estado Nazista.

O integralismo teve um espaço significativo no *Diário de Notícias*. Vários artigos sobre o integralismo e editoriais escritos por integralistas foram publicados. Em quase todos se verificou a relação do integralismo com o anticomunismo, postulando a inviabilidade do comunismo, principalmente no tocante a luta de classes:

ORGANIZAÇÃO SYNDICALISTA

A luta de classes constitue a razão exclusiva do socialismo revolucionário na sua expressão mais rubra e mais violenta, e por isso, o ideal supremo do socialista deve ser o desaparecimento dessa luta através de empreendida harmonia de interesses; de uma racional colaboração de forças e eqüitativa distribuição de riqueza. Sendo assim, fora do movimento sindicalista, da organização político-econômico dos trabalhadores como genuínos representantes das forças vivas da nação, não haverá possibilidade de qualquer solução definitiva. A luta das classes implica num estado de rivalidade social, profunda e constante entre trabalhadores e burgueses, entre esses dois elementos nascidos da economia individualista e liberal cada qual, com a sua mentalidade com a sua concepção egoística do phenomeno econômico, com sua solução rigorosamente parcial, sectarista da doutrina que mais convém ao seu ponto de vista, porém ambos desinteressados das conseqüências que possam resultar, da maior ou menor eficiência da organização político-social.

(...)

Não se poderá resolver o complexo problema social com a simplicidade brutal e esterilizante do recurso extremo de uma nova opressão. O socialismo extremista apresenta, no momento actual, a mesma inviabilidade social que se affirma inegavelmente na falida democracia liberal.

O remédio está no socialismo sindicalista, não como portavoz dos partidos políticos, sem expressão social, sem atitudes definidas, sem programas firmados, sem princípios defendidos, mas, sim, como effeito da coordenação efficiente da associação generalizada, da collaboração racional e proveitosa de todas as forças e proveitos de todas as forças produtivas do país.

(...)

⁵⁹ Matérias sobre o fascismo italiano foram identificadas na pesquisa.

E o socialismo dos partidos políticos é simplesmente decorativo e inoperante, o socialismo vermelho não tem a noção clara e perfeita das realidades sociais, e por isso, estabelece as mesmas leis, os mesmos princípios para todos os países.⁶⁰

O integralista não acredita e combate a luta de classes como forma de superação dos problemas sociais. O “socialismo rubro” como afirma Alexandre Augusto Machado, autor do artigo, não é a ideologia que levará a solução da desigualdade social, da exploração humana, mas a colaboração entre classes, a harmonização dos seus interesses, através do socialismo sindicalista. Este era um dos pilares da reorganização social proposta por Plínio Salgado e Miguel Reale em seus escritos. O sindicalismo corporativo se aperfeiçoaria no Estado Integral onde estariam reunidas todas as classes, todas as profissões, enfim todos os agrupamentos político-sociais.

A construção deste sindicalismo corporativista, que redundaria no Estado Integral, não dispensaria o principal eixo de sua luta: o combate a outra proposta para a substituição da liberal-democracia, o comunismo. O que se pode verificar na nota de Augusto Machado é a contraposição explícita entre o comunismo e o integralismo na viabilidade dos projetos para a um novo reordenamento da sociedade brasileira. Nesta dicotomia entre comunismo e integralismo, este implantaria seus ideais na sociedade a partir da derrota do comunismo, por que para a doutrina integralista, além do comunismo ser diametralmente oposto ao ideário integralista, é incompatível com a realidade do Brasil, por negar princípios religiosos, morais e éticos seriam inerentes a identidade brasileira.

Augusto Alexandre Machado, importante líder integralista, catedrático da Faculdade de Direito, não se aprofunda nas questões relativas a moral e nem a religião. Contudo é fácil supor que se o integralismo pretendeu resgatar alguns valores perdidos com a ascensão e hegemonia da liberal-democracia no Brasil, principalmente após 1891, colocou-se em posição contrária ao entendimento dos adversários da família, educação e trabalho, considerados assim pelos integralistas. Na década de 1930, tanto no Brasil como no restante do mundo, estes adversários eram em geral os comunistas, ou os esquerdistas que na propaganda anticomunista eram intitulados como comunistas.

⁶⁰ Ver *Diário de Notícias*, 04-10-1933, p. 4

Assim, a divulgação das idéias integralistas era direcionada aos grupos que se queria dialogar, atendendo às suas expectativas e atentos a uma linguagem própria. Neste sentido o discurso integralista se aproxima muito dos ditames das formas discursivas da imprensa. Podemos então afirmar que há uma homologia entre ambos: o discurso jornalístico não é inocente por que conhece para que público está falando, como produzir determinada informação e o que a informação gera em termos de expectativas, angústias, satisfação, preocupação, etc... .Isto está embutido na informação: a imagem de “quem vai ler” configurada pelo autor da notícia. É neste sentido, o qual concordamos inteiramente, que Bethânia Mariani afirma ser:

Uma compreensão da recepção dos jornais, ie, no que se refere ao modo como os leitores significaram o discurso sobre os comunistas, esta pode ser detectada na própria prática discursiva da imprensa. Ou seja, se a instituição jornalística não funciona sem leitores, e se ela busca atraí-los como consumidores, há que se considerar que todo jornal noticia para segmentos determinantes da sociedade, produzindo para uma imagem de leitor suposta a tal segmento. (MARIANI, 1998, p. 57).

Parece-nos que neste primeiro momento o esforço integralista para atrair novos adeptos estava concentrado no sindicalismo baiano. As matérias e notícias sobre o integralismo nos primeiros meses de organização no estado buscavam chamar a atenção do operariado para a doutrina e os perigos do comunismo. Outra matéria comprova isso:

UMA PALESTRA NO SEIO TRABALHISTA

Assim é que ontem, o “companheiro” (é esta a denominação adoptada pelos integralistas entre si), o Sr. João Alves dos Santos, o pioneiro desta nova ideologia, político social entre nós, esteve em serviço de propaganda doutrinária junto a uma numerosa assembléia de trabalhadores de diversas profissões algumas das quaes organizadas em sindicatos.

Iniciando sua palestra acerca da finalidade do movimento integralista, o “companheiro” Sr. João Alves dos Santos, depois de fazer uma explanação bastante clara do socialismo nas suas mais numerosas modalidades entrou a mostrar o perigo que representa para o Brasil a aceitação de ideologias sociológicas transplantadas de meios cujas tradições moraes, culturaes e políticas são completamente diferentes do nosso. A propósito, citou Alberto Torres: - “Entre o individualismo que assenta sobre institutos jurídicos derivados, entre o argentario e o socialismo, que pretende esquecer as desigualdades, as desigualdades naturaes, há uma outra fórmula de justiça.”

FINALIDADE DO INTEGRALISMO

A organização do Estado Integral, disse, resulta dos grupos naturaes que são a Família, o Sindicato, o Município. O Integralismo, em resumo, visa

implantar no Brasil, um “Estado Syndical Corporativo Nacionalista” como abolição do systema eleitoral baseado no “suffrágio universal”. Dar-se-á por este meio a syndicalização de todas as classes.

O integralismo considera o sindicato “como uma das células do organismo nacional e tem, em particular, as mesmas características da nação: é um órgão de finalidades étnicas, políticas, econômicas e culturais. O Sindicato, no Estado Integral, é um órgão de direito público”.

O Sindicato Integralista tem essas quatro funções: moral, pelas soluções das questões oriundas da produção dentro do espírito de cooperação e de auxílio mútuo; cultural, pelo dever de cuidar da cultura de seus associados; econômica, pela participação de seus órgãos superiores na solução dos problemas de economia nacional; e política, pela indicação livre dos representantes à Câmara Econômica.

O INTEGRALISMO E OPERARIADO

O Integralismo quer o operariado com garantias de salários adequados às suas necessidades, interessando-se nos lucros conforme o seu reforço, e capacidade de frente erguida; tomando parte em estudos de olhar iluminado, como homem livre; tomando parte das decisões do governo como ente superior. O Integralismo reprimirá os abusos do capitalismo, sua ingerência nos negócios do Estado, sua crueldade para com as massas proletárias, sua ganância, sua avareza, a opressão que exerce contra os productores. O Integralismo, disse, por fim, o que deseja, é dar ao operário, ao camponês, ao soldado, a possibilidade de subir, conforme sua vocação e seus justos desejos. Nada de ódios, nada de covardia.⁶¹

O integralismo pretende se contrapor às outras ideologias em voga na década de 1930. Em meio ao argentarismo⁶² e ao socialismo, há uma outra possibilidade: o integralismo, através do Estado Integral. Para a construção deste é necessário que o sindicato seja um órgão de direito público, portanto sem autonomia, parte do Estado e executor da sua vontade, já que todas as classes estariam representadas e assim não haveria predomínio de uma sobre a outra.

O combate ao capitalismo, em sua face internacional, é um dos pilares do integralismo. A luta contra o capitalismo internacional se dava concomitante ao do anticomunismo.⁶³ O capitalismo deveria controlado para servir aos desígnios do Estado e evitar a luta de classes – *nada de ódios, nada de covardia* - que desarmoniza e desintegra a sociedade.

A atenção dispensada ao operariado baiano visava o esclarecimento do integralismo, mas também principalmente o estabelecimento das diferenças entre a

⁶¹ Ver *Diário de Notícias*, 07-08-1933, p. 1

⁶² Argentarismo é o termo que designava, para os integralistas, os capitalistas internacionais, principalmente aqueles que eram judeus

⁶³ O desenvolvimento do trabalho sobre o integralismo a partir dos textos teóricos de Plínio Salgado, principalmente, Miguel Reale e Gustavo Barroso, levou Trindade (1979, p. 239) a concluir que o capitalismo e comunismo na doutrina integralista provém de um fundamento teórico comum, qual seja, o materialismo. Apesar disso, a atuação da AIB, ficou evidente que havia uma diferença de tratamento entre os comunistas e os liberais ou a burguesia.

doutrina do sigma e o comunismo. Não obstante o integralismo tenha adquirido mais adeptos na classe média, sua propaganda política buscou conquistar os operários já que estes eram os principais alvos do ideário comunista. Por isso, o discurso integralista preocupava-se em ser também - mas não somente anticomunista.

Seja com o integralismo de Plínio Salgado ou apoiando as medidas anticomunistas do governo Vargas, a postura do jornal de Requião é o de porta-voz dos argumentos ideológicos autoritários que se nota pelos trechos extraídos do Diário de Notícias, resultado do combate ao comunismo e o apoio às forças fascistas e proto-fascistas européias. O Diário de Notícias, como buscou mostrar José Carlos Peixoto Jr. (2003), apoiou explicitamente o nazismo a partir de 1934, mas também foi simpático a qualquer outra postura anticomunista, como o integralismo, por exemplo.

Por conta do anticomunismo, o discurso integralista encontrou eco no Diário de Notícias, e reforçou sua postura pró-totalitária dando apoio integral aos fascismos.⁶⁴ Assim, o integralismo teve seu espaço no periódico enquanto veículo ideológico de combate ao comunismo, uma vez que as matérias publicadas sobre atividades ou idéias integralistas faziam menção direta ou indireta ao comunismo, como se verifica novamente neste relatório jornalístico de uma reunião integralista ocorrida em Salvador:

O INTEGRALISMO EM MARCHA
Em prol de um "Brasil mais brasileiro"

Fala festejado intellectual.

Ocupou, então, a tribuna, o Dr. Caldas Coni, nome sobejamente conhecido nos nossos meios intellectuaes e membro dos institutos dos Advogados deste Estado. Produziu o Dr. Caldas Coni belíssima oração, revelando profunda cultura sociológica. Fez a apreciação do communismo russo e do fascismo italiano, confrontando-os com o integralismo brasileiro para mostrar "a sem razão dos que julgando superficialmente o grande movimento sociológico, chefiado por Plínio Salgado, o confundem com as ideologias políticas dos povos de além-mar"

O discurso do Dr. Caldas Coni foi uma excellent prolecção doutrinária, dirigida, especialmente, ao elemento trabalhista, que teve, assim, ocasião de testemunhar a sinceridade do movimento integralista. Por isso mesmo, ao terminar, foi o orador vivamente applaudido, sobretudo quando, com palavras cheias de patriotismo, fez a sua profissão de fé integralista.⁶⁵

⁶⁴ Uma contradição verificada foi a postura pró-nazista do Diário de Notícias e o apoio dado ao interventor Juraci Magalhães que combatia veementemente as forças integralistas no estado.

⁶⁵ Ver *Diário de Notícias*, 11-08-1933, p. 1

A preocupação em diferenciar-se de outras ideologias era algo constante nos discursos integralistas, como podemos perceber. Nesta matéria específica, além do comunismo ser tomado com referência negativa, ou seja antagônica, o próprio fascismo é visto como algo distinto do integralismo. Aparentemente isso denota certa incoerência, visto que os conjuntos doutrinários das duas ideologias – integralismo e fascismo – eram bastante próximos. Assim, nem sempre as similitudes das duas ideologias poderia levar a conclusões sobre a sua total identificação

Por outro lado, um elemento comum que os unia era o anticomunismo. A postura pró-nazista e a aproximação com o integralismo são reveladas pelo espaço que o Diário de Notícias conferia às manifestações integralistas, quando faziam alusão ao comunismo, como nesta matéria:

O INTEGRALISMO BRAZILEIRO
Em garbosa manifestação cívica

A nossa capital assistiu hontem, a um espectáculo da inédita beleza, de profundo e impávido civismo: o comício integralista e desagravo torpemente ultrajados por indivíduos abjectos e covardes cuja alma negra há de ter soffrido as cutiladas de medonho remorso, com aquella explosão magnífica de patriotismo maroadado.

O integralismo cujas fileiras se alargam cada dia mais, com a adesão dos brasileiros que se sentem empolgados pelo seu ideal. O Integralismo marcou hontem um triunfo confundível e tocou fundo o coração do povo bahiano.

Entre aquelles dois auri-verdes pendões que os integralistas, garbosos e serenos, intrépidos e gravos, conduziam pelas ruas desta capital – um ostentando injuriosos palavrões, nelle gravados, a **tinta vermelha** [grifo nosso] por mãos criminosas; outro sobraçado triumphalmente por um miliciano intemerato – marchava silenciosamente o próprio Brasil, e não houve quem não sentisse, profundamente emocionado, fervor no peito a chama do amor da Pátria que abençoava o gesto altaneiro dos filhos que a desafrontavam publicamente!⁶⁶

A matéria é bastante longa não cabendo a sua inteira transcrição. O que podemos verificar, além da apologia declarada ao integralismo, é a razão para a manifestação de rua dos integralistas, justificada pela ofensa cometida contra a bandeira nacional. Se estava manchada com a cor vermelha, necessariamente foram os comunistas que a mancharam? Quais seriam os objetivos dos comunistas em ultrajar a bandeira brasileira? A questão que se coloca nesta matéria é o conjunto de motivos que levaram os jornalistas do Diário de Notícias a identificar como comunistas as atitudes de desonra à bandeira, não exatamente a veracidade

⁶⁶ Ver *Diário de Notícias*, 07-06-1934, p. 1

ou não dos fatos narrados, pois, o jornalismo é uma atividade que seleciona seus instrumentos e fontes, a partir de diversos fatores.

No tocante ao Diário de Noticias a sua posição pró-nazista e simpática ao integralismo persistiu até a mudança do Estado brasileiro na Segunda Guerra Mundial, quando Vargas decidiu conduzir o Brasil para o lado Aliado. A agência de notícias passou a ser a *Reuters*, deixando a alemã *Transocean*, o que alterou a linha editorial do periódico, passando a criticar as forças fascistas e o integralismo e apoiar as forças Aliadas na guerra e grupos internos que lutavam pela democracia.

3.3.2.O Imparcial

O jornal O Imparcial foi fundado em 1918 por Lemos Britto.⁶⁷ Atravessou muitas dificuldades financeiras até que em 1928 sofreu uma interrupção no seu funcionamento, voltando a circular em 1929. Em 1933, o político e jornalista Álvaro Martins Catharino⁶⁸ assumiu o controle do jornal, em nome da Companhia Editora e Gráfica da Bahia.

Inicialmente o jornal assumiu a defesa do autonomismo.⁶⁹ Ao passo que a AIB foi adquirindo mais adeptos e maior expressão política no país e no estado, o matutino da rua Rui Barbosa se aproximava do integralismo e se distanciava mais do autonomismo. Contudo não havia nem defesa explícita e nem oposição radical ao governo Juraci Magalhães.

Após a chegada do jornalista Vitor Hugo Aranha, O Imparcial passou a defender e apoiar intensa e abertamente o integralismo. Pode-se dizer que havia uma simbiose entre o integralismo baiano e O Imparcial no período 1934-1937, já que Vitor Hugo Aranha se tornou importante líder integralista no estado, sendo o chefe provincial do Departamento de Propaganda.

Para Laís Ferreira (2006) esta inflexão completa para o integralismo se deveu a dois fatores: “o temor em relação à crescente influência das ideologias de esquerda junto ao operariado e o antijuracismo” (FERREIRA, 2006, p. 59).

⁶⁷ No início o jornal identificou-se “como o representante do que chama de as três grandes classes: comércio, indústria e lavoura - as classes conservadoras”.(SANTOS, 1985, p.71-72)

⁶⁸ Colaborou em 1921 para a construção do primeiro estádio de futebol de salvador – o Estádio da Graça.

⁶⁹ Nome da tendência de oposição ao governo Juraci Magalhães que reunia Seabra, Otávio Mangabeira e Góes Calmon(o primeiro era adversário dos outros dois na década de 1920) e reclamava para a Bahia a autonomia perdida, em nome do prestígio que este estado sempre gozava por ter sempre produzido grandes homens públicos, diziam os autonomistas.

Embora O Imparcial tenha aderido ao integralismo, não obedecia aos regulamentos gráficos e padrões jornalísticos do sistema de informação impresso da AIB – a rede de jornais do integralismo - ,portanto continuava com o mesmo formato e sendo noticioso, abrindo espaço para outras correntes políticas como os autonomistas, por exemplo. (FERREIRA, 2006).

No período entre 1934 – 1937, o anticomunismo adotado pelo O Imparcial foi o de vertente integralista. Seja explicitamente, aparecendo logo no título das notícias, ou em editoriais escritos por integralistas, o anticomunismo foi uma marca importante no discurso integralista n'O Imparcial. Tal como ocorria com o Diário de Notícias, quase sempre havia a contraposição entre o integralismo e o comunismo, na tentativa de mostrar a ineficácia deste e a plena adequação do primeiro para resolver a crise da liberal-democracia, como vemos na matéria abaixo:

A AÇÃO INTEGRALISTA NA BAHIA

(...)

E quem é que sabendo ao menos em síntese, qual a finalidade do integralismo, não reflete não sente que a razão lhe aponta ser a trilha mais segura para seus passos, nesta hora tão cheia a de apreensões? Ninguém por certo que obedeça as suas insinuações, deixará de se voltar para ele, concluindo o quanto foi oportuno o seu aparecimento.

O nosso querido Brasil, como todos nós sabemos, tem estado e está ameaçado de dois flagelos: o Comunismo e o Separatismo. O primeiro é o ideal dos prosélitos de Karl Marx com todos os seus horrores; o segundo é o deplorável e revoltante regionalismo de homens que nasceram sob o céu de uma mesma pátria, uma pátria única, e pretendem retalhá-la, partindo suas fibras, ferindo-as no coração, renegando-a, desconhecendo-a, como Mãe Comum, exclamando com ingratidão: não sou brasileiro, sou paulista, rio grandense do sul ou do norte, carioca ou fluminense!

O Integralismo, entretanto, que não é "Comunismo", que não é "Separatismo", nem "Fascismo", não sendo também um partido, é um movimento que visa integrar o Brasil, começando a disseminar a "cultura sociológica e política" entre os brasileiros, desenvolvendo a propaganda "de elevação moral e cívica do povo brasileiro" até que possa conseguir a "implantação de um regimen político-social tão somente baseado na concepção do Estado Totalitário, ou Estado Integral", o Estado na acepção formal da palavra, O Estado completo, inteiro, no qual todos os elementos ativos estão reunidos

E é assim que o integralismo não vê o homem, no mesquinho espaço do individualismo empunhando o cetro do egoísmo; ele não percebe o homem dentro do coletivismo deturpado e anárquico; ele não conhece a classe baixa, não conhece classe média e nem superior e se empenhará pela união todas; ele não distingue o bahiano do carioca, o paulista do mineiro, o sergipano do gaúcho, o espiritosantense do pernambucano, ele vê apenas, o brasileiro, o brasileiro enlaçado pelo trio excelso: Família, Deus e Pátria. Ele conhece o homem integral, o homem dentro do Estado.

O integralismo não é uma conspiração, por que não conspira contra ninguém; é e será antes um estorvo ante às impatrióticas sedições uma barreira formidável que se levanta para resistir à fúria de voragem traiçoeira

que tenta absorver a nossa pátria; os dois males já apontados e o profissionalismo político.⁷⁰

É necessário para o discurso anticomunista elaborar e disseminar idéias sobre o comunismo. O integralismo encontrou no combate ao comunismo, na demonstração do comunismo como uma ideologia irrealizável, uma forma de legitimação. Para, além disso, o discurso integralista nos jornais baianos como em outros discursos anticomunistas, buscaram combater o comunismo caracterizando-o com o mal, a ameaça, enquanto o bem e a salvação seriam papéis de outros grupos e idéias, como o integralismo.

Quando a matéria apócrifa em tela descreve o comunismo com adjetivos que o desqualificam mediante o conhecimento da percepção dos leitores (“horrores”, “deturpado”, “anárquico”) valoriza implícita e diretamente o integralismo, o exalta na comparação com outras correntes políticas. Reforçar a legitimidade dos seus objetivos, como a “implantação de um regimen político-social tão somente baseado na concepção do Estado Totalitário, ou Estado Integral”, também era atribuir importância às noções como Deus, Pátria e Família, ameaçados pelo comunismo e liberalismo, filhas-irmãs do materialismo que nascera na modernidade.

No último parágrafo do extrato da matéria que é bastante longa, ressalta-se a condição do integralismo como movimento ordeiro, e por isso se contrapõe aos outros que supostamente incitam a revolta, o embate. Sem mencionar diretamente, mas dando continuidade ao anticomunismo praticado nas décadas de 10 e 20, o autor desconhecido da matéria induz o leitor a ver no comunismo a ideologia que planeja revoltas, golpes e sedições. O Integralismo, totalmente oposto, não age assim, segundo o trecho do jornal, pois não seria um movimento que propugnaria pela conspiração.

O nacionalismo e os valores religiosos eram aspectos importantes do discurso integralista e bastante reforçado quando se direcionava para a luta anticomunista. Neste ponto há que se diferenciar o anticomunismo integralista em três vertentes. A primeira continha elementos teóricos que colocavam no mesmo nível o comunismo e o liberalismo, como ideologias oriundas do materialismo. Na segunda vertente temos o comunismo como uma das doutrinas do século XIX e portanto superada por uma

⁷⁰ Ver *O Imparcial*, 05-08-1933, p. 1

nova, o fascismo. E na terceira vertente, um anticomunismo primário que incutia tão somente o medo e não se delongava em discussões teóricas.

No caso baiano *O Imparcial* é o jornal que pode nos auxiliar a identificar qual delas está mais presente. Na pesquisa realizada, podemos constatar a presença das três vertentes apresentadas, sendo mais forte a primeira e a terceira. Na matéria seguinte, podemos identificar quanto temor o comunismo provocava, principalmente com relação a valores ligados à religião, e a aliança simbiótica entre o liberalismo e o comunismo:

INTEGRALISMO, ARGENTARISMO E COMUNISMO.

Sendo o integralismo um movimento de oposição ao argentarismo e de repressão ao comunismo, despertou, é natural, uma reacção insistente de argentários e comunistas.

É interessante observar como puderam juntar-se, esta reacção elementos tão díspares. Os extremos se tocando. Há, é certo, muita afinidade, muita semelhança entre o homem dollar, escravo do seu ouro, e o homem mechanizado escravo do trabalho.

O primeiro - o homem dollar, na obsessão na posse do ouro através de especulações espertas e deshonestas, esqueceu de tirar desse ouro o que elle lhe podia proporcionar de gozo ou satisfação à vida. O segundo, o homem comunista, nascido da revolta da miséria e do trabalho em contraste com a fortuna e com a ociosidade, deixou se arrastar numa ideologia vermelha – espécie de cadinho onde, à custa de uma grande fogueira, ferve e se evapora – a crença no seu Deus, o amor à Pátria, a consolidação da família, e, sobretudo o estímulo, o direito de progredir segundo a sua capacidade.

Perde a crença no seu Deus no materialismo. Perde o amor à sua Pátria, com essa abstracção de internacionalismo como se fora capaz de amar a todo um mundo, a toda espécie humana, o indivíduo que não ama o torrão que em que nasceu, nem ama os que nasceram nos limites deste torrão, crescidos debaixo dos mesmos costumes, sob o affago das mesmas palavras, das mesmas syllabas maternas, sob os carinhos de temperamentos forçados num mesmo clima.

Perde o estímulo a progredir segundo a sua capacidade, submetido a um regime de igualdade absoluta o que é uma abjuração esquisita de todas as leis naturaes, Ao ver esta ânsia de crear igualdade forçada tem-se a impressão de uma vitória de incapacidade. O número de “homens incapazes” superior ao número de “homens capazes” e essa igualdade, um meio de colocar à vontade a maioria que se sentia organicamente humilhada por que não sabe olhar com dignidade a superior expressão de intelligência ou de trabalho.

Quanto a sentimento de família, o perdeu, já o homem que bate palmas ao amor livre.

Argentários e comunistas implicitamente ligados, esquecidos do que representam entre si levantam-se contra o integralismo que é um movimento de salvação da pátria o que não interessa de perto ao argentarismo que visa acima de tudo “conveniências individuais” e por outro lado, não interessa ao comunismo que, antes de implantado, visa, é claro, supostas vantagens para as classes proletárias.

(....)⁷¹

⁷¹ Ver *O Imparcial*, 09-05-1934, p. 8.

Não obstante o autor do artigo, Antonio da Silva Garcia, tenha reproduzido o mesmo raciocínio do integralismo de Plínio Salgado, quando afirma serem o liberalismo e o comunismo digressões do materialismo, o foco principal pela atenção maior dada, é o comunismo. As breves linhas concedidas à discussão teórica sobre o posicionamento de ambas as ideologias, logo é revertida para o referencial integralista que coincide em parte com o católico quando aponta Deus, família e pátria como símbolos e valores caros a “identidade” brasileira.

Ou seja, na matéria exposta, o medo não era explicitamente disseminado, quando muitos artigos ou notícias utilizavam termos que evocavam o mal, fazendo alusão muitas vezes a animais e doenças.⁷² Contudo o que nos chama a atenção e o diferencia quanto aos argumentos é a posição do liberalismo e do comunismo em relação ao integralismo.

Ambos teriam se levantado contra o integralismo para lhe combater naquilo que o brasileiro preza e os integralistas defendem: a religião, a família e a Pátria. Embora o comunismo tenha, segundo o integralismo, estipulado o internacionalismo e a igualdade como ideais inalcançáveis e que constituíam-se em meios para destruir as liberdades e as nações, o discurso se torna vago quando menciona nas “supostas vantagens para o proletariado”. Ora mas se os comunistas querem escravizar o homem ao trabalho que vantagens teria então para o trabalhador? Seria um engodo o comunismo? A preocupação com o comunismo estaria revestida com o temor se este alcançasse a classe operária ou seria apenas afastar o comunismo pela sua incongruência teórica com a realidade brasileira?

A campanha anticomunista n'O Imparcial intensificava-se cada vez mais e isso colaborava direta ou indiretamente para a promoção dos ideais integralistas. Quando se publicava algo sobre qualquer atividade comunista era trazida à tona o seu “aspecto negativo”, o que deturpava o sentido do comunismo e das ações dos comunistas. Para O Imparcial, os comunistas estavam envoltos em fracassos, como no indeferimento do pedido de registro do PCB no Tribunal Superior Eleitoral⁷³. Havia mais de um ano que o PCB havia solicitado o seu registro e teve o pedido também negado com base nos “fins que o partido promove e de que se serve são

⁷² Rodrigo Patto Sá Motta(2001), dedica um capítulo a análise de imagens que relacionam o comunismo a elementos abjetos. Em *O PCB e a Imprensa*, Bethania Mariani, dedica-se a esmiuçar os sentidos dos termos usados nos jornais para adjetivar o comunismo e os comunistas, baseada no conceito de Análise de Discurso.

⁷³ Ver *O Imparcial*, 10-10-1934, p. 1.

ilícitos”⁷⁴. Todos estes fatos, tratados com grande destaque pelo jornal, a maioria deles figurando na primeira página, quando não, tomando grande espaço, demonstram a importância do comunismo e a instrumentalização do medo anticomunista para a promoção do integralismo.

Na primeira metade do ano de 1935, o enfoque principal era dado à Rússia, com a discussão sobre o reconhecimento diplomático ou não da União Soviética pelo Brasil.

Posiciona-se contra o reconhecimento da Rússia - coisa que já o tinha feito os Estados Unidos – pois,

... o simples facto do estabelecimento de uma representação diplomática dos Soviets no Brasil importará nada menos na criação de um foco de propaganda do regimen que em absoluto não nos convém⁷⁵

O fato de ser Moscou a sede da Internacional Comunista e aliado ao fato da União Soviética ser o único país socialista do mundo, todos os trabalhadores e comunistas deveriam levantar-se na defesa da União Soviética. A associação entre o Estado soviético e o movimento comunista então passou a ser comum, ou seja, a defesa de um era a defesa de outro. Há que se ressaltar a deturpação anticomunista deste dado que concretamente existia - a ligação dos PC's com a Internacional Comunista, sediada em Moscou. O que nos parece uma exacerbação anticomunista era a visão sobre a postura dos Partidos Comunistas com relação à União Soviética, como ocorria em maior ou menor grau, com outros aspectos como veremos quando tratarmos das consequências para o anticomunismo após os Levantes de 1935.⁷⁶

Além disso a própria situação social e econômica da Rússia era interpretada segundo as referências anticomunistas prolatadas pelo integralismo.⁷⁷ Perpassava pelo anticomunismo, a negação da União Soviética como referência positiva da experiência comunista.

O discurso anticomunista integralista adquiriu outra faceta na segunda metade do ano de 1935. O encerramento das atividades da ANL por decisão legal em todo país trouxe consigo forte apoio dos integralistas a esta medida. As

⁷⁴ Ver *O Imparcial*, 13-04-1933, p.3

⁷⁵ Ver *O Imparcial*, 08-01-1935, p. 1

⁷⁶ O Partido Comunista do Brasil, cuja sigla é P.C.B. era associado à Internacional Comunista, portanto regida enquanto partido-membro da organização pelas suas normas. Complementada a sua sigla, assim se escreve: P.C.B.(Seção Brasileira da Internacional Comunista)

⁷⁷ Ver *O Imparcial*, 04-05-1935, p. 1

temáticas do “assalto ao poder” e da “subversão” dominaram o noticioso integralista baiano, principalmente a segunda. N’O Imparcial a maior quantidade de matérias sobre estes temas se verificou após o fechamento da ANL em Julho de 1935.

Foram muitas as matérias publicadas sobre a ANL e os comunistas até Novembro de 1935 quando o número aumentou sinificativamente. Em julho, mês da proscrição da ANL, elas foram muitas, grande parte referendo-se às causas do governo para a decisão, as ligações com a União Soviética e a arquitetura do plano que supostamente estariam elaborando. As informações de planos e ligações com a União Soviética chegavam através dos telegramas emitidos, principalmente em relação aos possíveis planos comunistas.⁷⁸

Sobre este último item – os supostos planos subversivos – o Imparcial publicou no rodapé da sua primeira página o seguinte alerta:

PLANO TERRORISTA

Elementos terroristas, nesta capital, pretendiam dinamitar a Usina da Lapinha e alguns estabelecimentos comerciais desta praça. A polícia tomou enérgicas providências e está disposta a usar de todos os meios, mesmo os mais violentos, no sentido de manter a ordem e a tranqüilidades públicas.⁷⁹

A chamada é deveras rica como fonte de análise do anticomunismo propagado pelos integralistas baianos.

O termo terrorista até então não era comumente usada para demoninar os comunistas. Em nenhum momento da pesquisa detectamos qualquer matéria jornalística usando este termo a qual pudéssemos especular se eram ou não comunistas de que se tratava. A referências lidas para esta dissertação nos fazem crer que a expressão terrorista passou a ser usado com mais frequência e ênfase na chamada “segunda onda anticomunista” (1961-1964). Sabemos que o anticomunismo tem como uma de suas caraterísticas denominar a todos que se aproximavam ou se colocavam em posição de crítica ao sistema sócio-econômico, aos valores, enfim aos aspectos que compunham a ordem vigente, de comunistas, principalmente em determinadas épocas de ascensão do comunismo. Para além disso, nos auxiliar a pensar sobre a questão, os chamados “efeitos de sentido” de que fala Bethania Mariani(1988) na perspectiva da análise do discurso.

⁷⁸ Ver *O Imparcial*, 27-06-1935, p. 1.

⁷⁹ Ver *O Imparcial*, 07-07-1935, p. 1.

Tomando como referência a linha editorial do jornal e a existência de um discurso que se pauta pelo imaginário social, as imagens são observadas no processo de produção dos enunciados e sentidos. Neste caso, a menção à “terroristas” é totalmente explicável, mesmo que seu aparecimento não tenha ocorrido no momento de construção do imaginário anticomunista, pois os sentidos são ressignificados pela transformação das condições objetivas. O imaginário traduz determinada coisa sem reproduzi-la, com um caráter criativo, poético no sentido etimológico da palavra (Le GOFF, 1985)⁸⁰. Assim, dizer “terrorista” parece muito mais do que provocar terror, por que o seu sentido semântico é ultrapassado pelos valores que atribuem o seu sentido na linguagem.

Segundo pela data de publicação da chamada. A chamada foi veiculada no dia 07 de Julho, dois dias após a proclamação de Luís Carlos Prestes na sede da ANL que “praticamente propôs a derrubada do governo Vargas” (MOTTA, 2002, p.182) e cinco dias antes da decretação da ilegalidade da ANL. Contudo, a chamada versava sobre uma situação que ocorreria na Bahia, o que aparentemente não teria relação alguma com um “suposto” plano descoberto⁸¹, se não considerássemos a força que teve o imaginário anticomunista na história brasileira do século XX.

Sobre a ameaça de bombas descrita na chamada, fizemos pesquisas em fontes governamentais e nada foi encontrado, o que não quer dizer que não tenha ocorrido, evidentemente.

O conhecimento da declaração de Prestes e a movimentação do governo Vargas em torno do fechamento da ANL estimulou uma ojeriza ao comunismo mais intensa, por ter a imprensa e o próprio governo considerado que a ANL seria um difarce para as atividades do PCB.

⁸⁰ Ciro Cardoso (2000) estatui dois conceitos de representação que se diferenciam bastante do modelo de imaginário. Um primeiro que teria relação com o conhecimento: a capacidade de abstração. O segundo tem a ver com o simbólico, “uma vez que o objeto ausente é re-apresentado à consciência por intermédio de uma ‘imagem’ ou símbolo, isto é, algo que pertence à categoria do signo” (CARDOSO, 2000, p. 46)

⁸¹ “Um vasto plano subversivo. Rio (26) – O Imparcial. Tinha articulações nos correios e telegrafos. Com relação a um plano subversivo vermelho descoberto, diz ‘O globo’ que consegui apurar que o plano era minucioso e tinha articulações nos correios e telegrafos. Diz que as usinas não seriam destruídas e sim entregues aos chefes e elementos de confiança, a fim de ficar a onda vermelha senhora de tudo podendo dar e tirar a luz, entocando e liquidando a chamada burguezia. Continua ‘O Globo’ dizendo que certos planos eram de origem russa sendo transmitidos em papel cifrado para o Brasil. Termina ‘O Globo’ dizendo que alguns membros dos governos estão convencidos que Luiz Carlos Prestes esteja no Brasil ou na Argentina.” Ver *O Imparcial*, 27-06-1935, p. 1.

Esta onda foi caracterizada pela grande quantidade de matérias relativas a descrição do “plano” descoberto. Notícias que ocupavam o topo da primeira página como “Soviets no Brasil – o governo está de posse de um plano, vindo da Rússia, visando implantar o comunismo entre nós”⁸² ou “Moscou legislando para o Brasil! – O Globo revela alguns trechos do engenhoso plano soviético distribuído em nosso país”⁸³ mostram a preocupação do periódico integralista em informar à população em geral, sob a perspectiva anticomunista, do “plano” comunista divulgado pelo jornal carioca O Globo.

Neste “plano” havia até a previsão da participação de Lampião!:

O PLANO COMUNISTA NAS MINUCIAS
Lutas armadas e ataques à propriedade

(...)

A notícia da apreensão das cartas e a divulgação em “clichê” causaram viva emoção na opinião pública. A certeza de que até Lampião e seu bando sinistro foram chamados a colaborar no plano subversivo está provocando verdadeira indignação.

(...)

O principal é começar a luta. Lutas por reivindicações na mais pequena e províncias para os famintos. Muitas vezes a luta pela terra não é imediatamente possível nem incompreensível para as massas do campo. Mas o assalto de armazéns das fazendas é sempre possível e simpático às massas. E sobre Lampião como vão as coisas? É necessário agir. Empreguem o nome de Prestes, pode ser que também Lampião adhira...⁸⁴

Lampião, tal como o cangaço inteiro, sofria a perseguição das tropas governamentais. Era uma das metas do governo Vargas desarmar os cangaceiros e todos aqueles que mantinham forças particulares armadas. A possibilidade aventada pela comunicação de um membro da ANL – Fernando - a respeito do contato com Lampião, a despeito de qualquer manipulação que pudesse ter havido nos documentos descobertos após os Levantes de 1935 divulgado pelo jornal O Globo, nos mostra um ponto fundamental no discurso anticomunista, notadamente na Bahia, cuja existência do PCB não era comparativamente forte falando em relação a outros centros. A violência e o temor de confrontos se configuraram em um instrumento que ressignificava simbolicamente na associação de Lampião com a ANL. Não é à toa que, de todas as informações contidas na longa matéria (descrição só contém uma parte dela), o enfoque no título da mesma foi dado para Lampião.

⁸² Ver, *O Imparcial*, 07-07-1935, p. 1.

⁸³ Ver, *O Imparcial*, 07-07-1935, p. 8.

⁸⁴ Ver, *O Imparcial*, 02-07-1935, p.1

A relação entre violência e comunismo era comum no anticomunismo baiano e o integralismo o utilizou no *O Imparcial* de maneira ostensiva. Na explosão de uma bomba na sede integralista em Ilhéus, a responsabilidade pelo ato foi atribuído aos comunistas, como podemos notar:

UM ATENTADO COMMUNISTA EM ILHÉUS

Explodiu uma bomba na sede integralista onde se reuniam cerca de 800 pessoas

Ilhéus, 9 (O Imparcial). A cidade foi hontem abalada por um acontecimento inedito e imprevisto, que poderia ter tido consequências mais graves do que as verificadas. Seriam mais ou menos 21 horas que quando pelo telhado do “Cinema Vitória”, onde se achava em sessão o núcleo integralista, foi atirada uma grande bomba de dynamite, cuja explosão causou sensíveis desastres materiais

No momento encontravam-se reunidas na sala de sessões cerca de 800 pessoas, inclusive mulheres e crianças. O estampido encontrou naturalmente, pânico e correrias e atropelos.

Passado o primeiro momento, verificou-se estarem feridos, um homem e uma mulher, nenhum dos dois apresentando gravidade

(...)

Depois de serenados os ânimos e a pedido do delegado, os camisas-verdes suspenderam a sessão entoando o hino nacional.

Toda a cidade atribue o facto a manejos da corrente comunista.

(...)

A responsabilidade material do atentado é ignorada; a moral é positivamente dos aliancistas que promovem meios de reacção dos integralistas, afim de crear a situação afim de serem colhidos pela lei de segurança nacional.

O chefe mantém a calma: todavia os companheiros estão desejosos de impor aos canibais o castigo merecido. Creio necessário providências da chefia provincial, junto às autoridades, no uso das nossas prerrogativas garantidas pela constituição e pela Lei de Segurança

Alliancista o prefeito de Ilhéus?

Ilhéus atravessa penosa situação moral, política e administrativa. Depois de espalharem boletins subversivos, ex-alliancistas fizeram comício agitador com autorização da polícia.

Às 22 horas de hontem explodiu uma bomba de dynamite, na sede dos integralistas, causando pânico. Os agitadores são protegidos abertamente pelo prefeito Ensinio Lavigne, que vai levando Ilhéus a decadência, por abandono completo, apesar de grandes rendas.⁸⁵

Fizemos questão de transcrever boa parte da notícia, muito longa, para termos uma idéia de quanto era grande a rivalidade entre os dois grupos. A disputa entre aliancistas e integralistas não aconteceu apenas na Bahia ou no restante do Brasil, mas em todo mundo, em maior ou menor escala, transmutada entre comunismo e fascismo. Na Bahia, ela se traduziu em disputas na imprensa, nos sindicatos e dentro dos espaços governamentais.

⁸⁵ Ver *O Imparcial*, 10-08-1935, p. 1.

A efeméride descrita também ocorreu em outros estados – explosões de bombas em sedes da ANL e da AIB -, o que não surpreende mesmo tendo como referência da imprensa local, uma Bahia pacata. Esta idéia se desfaz quando verificada pelos jornais a presença de “elementos estranhos” à Bahia e aos baianos; assim, greves, manifestações e comícios opositores eram geralmente relacionados aos comunistas. Na explosão da bomba na sede integralista, atribuir o atentado aos comunistas, além de ter coerência por serem grupos anagônicos e declaradamente rivais, satisfaz plenamente a idéia da passividade do baiano, pois ainda na década de 1930 prevalecia, pelo menos até os Levantes de 1935, de que o movimento comunista era composto por pessoas estranhas ao Brasil.

Sem apurar nada, a responsabilidade é imputada aos comunistas, sob o nome de responsabilidade “moral”, envolvendo indiretamente o prefeito de Ilhéus, que protegeria os ex-aliancistas em suas atividades. A despeito da oposição que os integralistas possivelmente faziam ao governo local, o anticomunismo agia segundo as circunstâncias do local e ao posicionamento das autoridades quanto a maior ou menor liberdade de atuação dada aos comunistas, aliancistas, ou esquerdistas em geral. A depender da visão sobre os movimentos de esquerda as autoridades eram nomeadas de comunistas.⁸⁶ A atitude esperada e normal das autoridades seria a perseguição aos comunistas, não a complacência ou muito menos a colaboração.

O último destaque da notícia é a ênfase dada às mulheres e crianças que estavam no evento. Isso não é casual. É evidente que em uma reunião de 800 pessoas, certamente também estariam participando, mulheres e crianças. Conquanto a informação seja verossímil, o que pretendemos não é exatamente averiguar ou não a veracidade dos fatos. O que nos importa mais é a divulgação de idéias e quais são os seus potenciais de força para produzir sentidos sobre o comunismo, neste ponto do trabalho, a partir do integralismo.

Por este viés, a informação da presença de mulheres e crianças teriam o condão de causar maior perplexidade ao leitor sobre o fato e instigar a uma repulsa aos comunistas.

⁸⁶ Em pesquisa elaborada com recursos do PIBIC (já citada neste trabalho) verificamos que durante a grande greve operária baiana da Primeira República, 1919, o posicionamento de Antonio Moniz, governador da Bahia entre 1916 e 1920, ligado a J.J. Seabra, engendrou a crítica dos opositores ao sebrismo, e portanto a Moniz, que lhe chamavam de “maximaluco” por dispensar pouca repressão ao movimento grevista daquele ano. Não por ser simpatizante da greve, muito menos do anarquismo ou comunismo, mas por conta da disputa das eleições de 1920 que se adiantavam naquele momento.

A propaganda de repulsa aos aliancistas e por consequência também aos comunistas - já que eram considerados pela imprensa e pelos governos como a mesma coisa - continuava e aparecia no noticioso atrelado a discussão da doutrina integralista ou a algum fato em que os comunistas estavam envolvidos. Destes fatos, comícios realizados por ex-integralistas eram noticiados pelo O Imparcial:

PROPAGANDA COMMUNISTA

Domingo, em Plataforma, houve “um comício monstro”, e está convocado outro para a próxima quarta-feira.

O agitador Noblat, agente terrorista muito conhecido convocou para se realizar em Plataforma, no último domingo, um comício monstro, afim de fazer propaganda da sua ideologia vermelha.

Domigo, dia de descanso, não appareceram mais do que treze ou quatorze curiosos para ouvirem a arenga do agente moscovita.

Ainda assim Noblat falou. Fez sua propaganda. Disse da excelência do regimen bolchevista, que na sua opinião, o Brasil devia adoptar. E por que não teve auditório, resolveu convocar outro “monstro” para a próxima quarta-feira. Talvez agora, tratando-se de um dia que não é consagrado ao descanso, o número de ouvintes cresça um pouco...

Mas... É possível, também, que a polícia compareça. Pois está nas preocupações da polícia prohibir essa propaganda perniciosa?...⁸⁷

A característica principal da notícia é a diminuição da importância do comício ao ressaltar o número pequeno de participantes e a qualificação de “monstro” para o comício comunista. Contudo, o que salta os olhos é o alerta dado no final da notícia a qual cabe uma pergunta. Se o comício teve tão poucos ouvintes, por que a preocupação com a propaganda comunista que se fará no próximo?

Em comparação com o Diário de Notícias, o comunismo n'O Imparcial aparecia como uma ideologia perigosa para a superação do liberalismo e na mesma matéria o integralismo seria a alternativa. Raras eram as matérias em que só o comunismo era abordado pelo articulista ou pelo jornalista em geral. A segunda diferença está na quantidade de extratos que coletamos de matérias cujo tema era o integralismo que falavam do comunismo. Elas apareceram mais vezes n'O Imparcial do que no Diário de Notícias, não obstante ambos tenham adotado posturas totalitárias, se pensarmos como Benzaquen (1987), que considera o integralismo como uma das formas do totalitarismo.

⁸⁷ Ver *O Imparcial*, 05-11-1935, p. 3.

Também ocorreu uma inflexão com O Imparcial durante a Segunda Guerra Mundial. Após a compra do periódico pelo Cel. Franklin Lins de Albuquerque, a linha editorial foi mudada, passando a condenar o fascismo e o integralismo, reflexo da entrada do Brasil ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial e a presença de alguns comunistas como Jorge Amado.

4.O ANTICOMUNISMO DA INTENTONA ATÉ O GOLPE DO ESTADO NOVO

O crescimento do PCB no início da década de 30 com a adesão de Luís Carlos Prestes e a formação da ANL transformaram o comunismo em perigo real para as elites. Nas palavras de Rodrigo Pato Sá Motta,

Em determinados períodos a presença do anticomunismo foi fraca, quase residual. Mas houve radicalização do fenômeno em algumas conjunturas históricas, sempre ligadas a fases de crescimento da influência do PCB, em particular, e da esquerda, em geral.(MOTTA, 2002, p. XXII).

Antes da Levantes já havia a percepção no interior de alguns grupos que o comunismo representava uma séria ameaça à ordem. Em 1935 o terreno propagandístico e o imaginário já estavam prontos (MOTA, 2002, p. 13). A Intentona Comunista acrescentou mais um elemento à miríade de armas do anticomunismo: a invasão estrangeira. A partir dos Levantes, criaram-se as bases de uma sólida tradição anticomunista, reproduzida pela ação do Estado, de organismos sociais e indivíduos, o que levou a formação de um conjunto de representações e um imaginário acerca do comunismo.

Contudo antes da consolidação do imaginário anticomunista após os Levantes, como parte inerente do discurso do Estado e de setores conservadores, a formação da ANL e a sua expansão foram bases para a articulação de estratégias e argumentos até certo ponto inovadores. Assim, percorremos o caminho da formação da ANL na Bahia e o discurso que segue pós-Levantes até o golpe do Estado Novo, quando se encerra uma fase do anticomunismo com o fechamento do Estado para quaisquer organizações políticas.

4.1.A FORMAÇÃO DA ANL

A temperatura política aumentou em 1934, com a volta da normalidade constitucional e a oposição entre forças de esquerda e de direita. Ambos geraram um ambiente propício para a radicalização da militância política, acrescido do desgaste do governo Vargas e das conspirações regionais e nos meios militares.

As greves entre Abril e Dezembro de 1934, possibilitaram o crescimento da influência dos comunistas. Além dos movimentos paredistas, o governo Vargas

preocupava-se também com a possível influência do comunismo nas Forças Armadas.

A abertura política que se seguiu ao retorno da legalidade constitucional possibilitou também as manifestações de protesto e reivindicação na Bahia, conquanto o governo Vargas não tenha conseguido suprir as demandas reprimidas por anos, tampouco o então governador Juraci Magalhães. As greves no ano de 1934 na Bahia foram as principais e ocorreram justamente no período entre a promulgação da carta constitucional e a decretação de Estado de Sítio em Dezembro de 1935.

As greves que ocorreram em 1934 na Bahia foram pacíficas, mas terminaram sob repressão policial, demonstrando uma continuidade dos recursos de força utilizados pelo Estado para resolver os problemas sociais apresentados. Duas delas, a da Cia Ferroviária Leste e da Cia Linha Circular Elétrica da Bahia, reivindicavam praticamente as mesmas coisas que os grevistas de 1919, mostrando a condição de vida do operariado inalterada em mais de uma década. (SAMPAIO, 1982, p. 102).

Além disso, as duas greves provam inequivocamente que o mito da passividade do operariado bahiano é uma falácia, pois com as manifestações paredistas, ficava demonstrado que “o operariado tinha consciência que era sobre-explorado, de que vivia em condições sub-humanas, de que era vítima de profundas desigualdades sociais”.(SAMPAIO, 1982, p. 105).

Essa digressão que fizemos antes de nos debruçarmos sobre o processo de formação da ANL propriamente dito, é para exemplificar através da exposição de alguns momentos de rebeldia que de certa maneira sedimentaram as condições objetivas e subjetivas para a formação da ANL no Brasil e na Bahia bem como o seu crescimento.

O P.C.B., a partir de 1929 adotou as orientações do VI Congresso (1928) da Internacional Comunista – basicamente a tese da *classe contra classe*. No Brasil vai haver expurgos para tornar o partido um fiel “representante” dos ideais e virtudes operárias. A direção passou a ser ocupada por um ex-sargento, Antonio Maciel Bonfim (o “Miranda”), no lugar de Heitor Ferreira Lima .

Um dos principais objetivos do PCB a partir do VI Congresso da IC era continuar seu escopo de ação. Maior inserção nas organizações operárias; incitamento para a luta pelas ruas; reivindicações próprias. Tudo isto fazia parte da estratégia do Partido para conquistar os operários e camponeses para seu

programa. Contudo, em certa medida, a indecisão ou a neutralidade do Partido em fatos culminantes da política nacional, como a Revolução de 1930, o tornaram inerte e incapaz de seduzir mais militantes para as suas fileiras devido à sua falta de engajamento nas lutas que envolveram parcela qualitativa da sociedade. Segundo o P.C.B., o povo continuava sendo tutelado ou pelo governo ou pelas oposições oligárquico-burguesas.

A partir de 1932, o antifascismo cuja crítica partia de comunistas, anarquistas, socialistas além de democratas, liberais e personalidades progressistas de maneira esporádica, modificara-se. O crescimento da AIB, a ascensão do nazismo e o aprofundamento da crise econômica elevaram as preocupações daqueles que se colocavam contra posições de extrema direita. Ou seja, o fascismo tomou uma maior dimensão e se tornou um fator de unidade para as tendências progressistas.

No mês de Janeiro Hitler ascende ao poder e isso se torna um marco para as esquerdas se mobilizarem em torno de uma frente política. A tomada de iniciativa de formação de uma frente contra o fascismo partiu da Liga Comunista Internacionalista em Junho de 1933 de Aristides Lobo, convocando o PSB, Partido Socialista Brasileiro e depois o próprio P.C.B. Entretanto, O P.C.B. não integrou a união das esquerdas para as eleições daquele ano . (CARONE, 1991).

O resultado da articulação dos trotskistas liderados por Mario Pedrosa e Aristides Lobo, membros da Liga Comunista (doravante LCI) foi a fundação da Frente Única Antifascista que aconteceu em 25 de Junho de 1933. O PCB chegou a participar de algumas outras organizações de frente com os trotskistas como o *Comitê Antiguerreiro* mas “tanto o PCB quanto a LC disputavam a bandeira da luta contra a guerra e a filiação ao Comitê internacional contra a guerra” (CASTRO, 2002, p. 354). Essa disputa ainda era acrescida pelo posicionamento do PCB diante de outros grupos de esquerda ou de centro que considerava serem colaboradores em certa medida da democracia burguesa. É neste sentido que fica evidenciado o sectarismo que acompanhou o PCB por alguns anos e a sua ausência da FUA em particular “justifica-se pela posição política da seção brasileira da IC que se recusava a participar de qualquer organização frentista e desprezava as outras correntes políticas da esquerda” (CASTRO, 2002, p. 361).

A ausência oficial do PCB da Frente Única Antifascista se deu também pela política internacional para os PC's de todo mundo inaugurado pelo VI Congresso da Internacional Comunista. A radicalização da postura do PCB, bem como de outros

partidos comunistas latino-americanos, foi um reflexo das resoluções tomadas pelo *Presidium* no IV Congresso em 1928. Este foi o ponto culminante da disputa entre as alas do PCUS que comandavam a Internacional Comunista e que disputavam poder naquele partido. As análises construídas naquele congresso consideraram a conjuntura internacional como um “Terceiro Período”⁸⁸, onde os partidos comunistas deveriam propugnar a política de “classe contra classe” e rejeitar as alianças com a social-democracia, denominada então de “social-fascismo” pelo apoio dado à repressão aos levantes de Berlim (1919) e Budapeste (1919). (PINHEIRO, 1991).

Mesmo adotando tal postura, os comunistas do PCB não se alhearam completamente às movimentações da FUA, que era naquele momento a mais importante frente antifascista no Brasil. Em muitos eventos promovidos pela FUA os pecebistas participaram de comícios junto aos trotskistas e socialistas do PSB, como nos dias 14 de novembro, 15 de dezembro e 25 de janeiro de 1934, todos em São Paulo. As disputas internas entre a forte oposição do Comitê Antiguerreiro (embrião da FUA) e o PCB aumentaram devido a tentativa dos trotskistas em liderar a frente o que ficou mais evidente a partir do final de 1933, quando ocorreu a fundação da IV Internacional Comunista inspirada na Oposição de Esquerda ao Komintern

Por orientação do comitê central do PCB, o partido em São Paulo rompe radicalmente com a FUA e inicia violenta campanha contra a organização, com o objetivo de esvaziá-la e tomar para si a hegemonia do movimento antifascista e antiintegralista. A saída definitiva dos pecebistas da FUA, praticamente foi a extinção antecipada da frente, após o último comício realizado em conjunto no dia 25 de janeiro de 1934. A partir desta data, o PCB, a despeito das orientações do Komintern, compreende que a idealização de uma frente que pudesse reunir os antifascistas e os antiintegralistas seria estrategicamente vantajosa para a reconstrução do partido depois dos expurgos realizados à luz do *obreirismo*, mas também para reforçar a unidade das esquerdas e com isso aumentar a inserção do PCB nas camadas médias e entre os trabalhadores.

⁸⁸ Para Zacarias Senas Jr. o chamado “terceiro período” foi repleto de equívocos que possibilitaram a ascensão das forças de extrema direita. A nova política, para Zacarias, inaugurada em 1935, não foi outra coisa senão a retomada da tese da Frente Única Operária do IV Congresso: “Não foi por outro motivo que a tese da *frente única operária* foi ratificada no IV Congresso do *Komintern*, em 1924, e posteriormente retomada no VII Congresso da Internacional Comunista, em 1935, especialmente depois da constatação dos equívocos contidos na linha política do “terceiro período”, vigente no âmbito internacional desde o VI Congresso da IC, ocorrido em 1928.”(SENA, p. 4)

No segundo semestre de 1934, os comunistas organizaram vários grupos de combate ao fascismo e manifestações antifascistas, gerando conflitos com os integralistas e os fascistas. Para Motta (2002), da mesma forma que o Integralismo se beneficiou do anticomunismo para se expandir, o PCB também se valeu do antifascismo para atrair novos adeptos. Embora isto seja plenamente válido, principalmente se pensarmos que o período em foco é a década de 1930 – tempo de radicalização política -, o anticomunismo já fazia parte do imaginário político da sociedade brasileira. Em outras palavras, se avaliarmos qualitativamente, a corrente política que mais se beneficiou da ojeriza ao seu opositor, este foi o integralismo.

Os conflitos na Bahia entre forças de esquerda e de direita, se apresentaram de maneira esparsa em 1933/1934, mas em 1935 ocorreram mais intensamente. Aliás o termo “extremismo” ou “extremista” era usado para o comunismo ou integralismo ou apenas para o primeiro, o que demonstrava maior animosidade para com a “doutrina vermelha”. Em artigo publicado no seu jornal, Altamirando Requião elogiou as atitudes de combate ao “extremismo” empreendidas pelo General João Gomes e pelo chefe de polícia do Rio, o capitão Filinto Müller, destacando o comunismo:

A acção bem energica e bem orientada do General se ajusta e se completa com a do capitão. Educados na mesma escola de obediência aos princípios fundamentais da hierarquia, eles se entendem perfeitamente, como Ministro da Guerra e como Chefe de Polícia, para não consentir, nem ao menos por omissão, que perdure, por mais tempo, esse ambiente sombrio, de receio, de inquietação e de ameaças, creado, criminosamente, por uma turba de maus brasileiros, para cujas mãos se canalizar alguns pacotes dos rublos de Moscou. E, dahi, a campanha extintofa, verdadeira campanha nacionalista que, neste momento está sendo empreendida, com êxito previsto e seguro, nem só na capital da República, ponto central das **actividades extremistas**, assim também nos Estados, onde os respectivos governos, te hontem indiferentes às origens das manifestações grevistas, passam a fixar melhor as causas determinantes, de taes perturbações da vida social, ultimamente verificadas, para não permitirem liberdade de actuação aos que se constituem incitadores de crises e patrono de interesses das classes proletárias.⁸⁹

Passou a ser habitual que os jornais usassem termos como extremismo e terrorismo. O primeiro era mais usado para designar quaisquer movimentações mais abruptas e radicais que supostamente viesse a abalar a crença na ordem política. Neste sentido, as expressões extremismos e extremistas poderiam designar tanto as

⁸⁹ Ver *Diário de Notícias*, 17-07-1935, p. 1

atividades dos comunistas como a dos integralistas. Em trabalho intitulado *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no Jornal O Estado de São Paulo*, Maria Helena Rolim Capelato e Maria Lígia Prado chamaram a atenção para tendência do jornal paulista em combater ambas as ideologias. Sob a ótica do que representava o extremismo para a nacionalidade, atribuía maior perigo ao comunismo pelo que se nota pela maior ênfase dada na publicação de matérias e artigos naquele periódico.(CAPELATO, 1980).

A supremacia do juracisismo compunha outro elemento no quadro político e social na Bahia, além das greves e da indisposição jornalística para com o comunismo. O tenente Juraci Magalhães que havia ascendido ao governo do estado como interventor soube bem como operar com a máquina coronelística baiana, deixando de lado as pretensões dos revolucionários de 1930. A organização dos chefes políticos baianos, muitos deles líderes em vastas regiões da Bahia, em um partido, o PSD, lhe deu força suficiente para eleger a maioria dos deputados estaduais que sufragariam o seu nome para governador do Estado nas eleições indiretas.

Por motivos pessoais, ligações afetivas que mantinha com alguns dos membros da ANL baiana, Juraci Magalhães foi considerado tolerante em permitir a ação livre dos membros daquela organização. Contudo se por um lado, Magalhães tinha ex-companheiros da Revolução de 30 na ANL e até um irmão, Eliezer Magalhães, por outro lado ele repulsava a ANL como parte da rejeição ao comunismo. Dizia Magalhães que,

jamais poderia o comunismo sobre mim exercer qualquer sedução, a tanto se oporiam inabaláveis a acendrada confiança na eternidade de minha grande Pátria, a solidez da minha Fé e a doce tranquilidade de minha vida familiar.(CARVALHO, 2005, p. 120).

O autoritarismo de Juraci Magalhães se expressava de maneira dura e ao mesmo tempo híbrida, ou seja, se delineava segundo as circunstâncias, como por exemplo, no episódio da Faculdade de Medicina quando algumas dezenas de pessoas foram presas por ocasião de uma reunião que faziam. (SAMPAIO, 1992, p. 157). O evento que seria realizado em oposição ao então interventor Juraci Magalhães e pela reconstitucionalização, em certo sentido mostra que o alvo de seu combate era a oposição em geral ao seu governo.

Em meio às hostilidades do governo estadual de Juraci Magalhães que

repudiava o comunismo ou qualquer outra organização que se opunha ao governo varguista e ao seu próprio. A inquietação social na Bahia continuava através das manifestações grevistas. É neste momento que a ANL foi fundada.

A fundação da ANL foi precedida por uma evolução política de organizações que tinham por cunho combater o fascismo e a sua congênere brasileira, o integralismo. Em Setembro de 1934 surgiu no Rio de Janeiro o Comitê Popular de Investigação. Neste momento os encontros entre os fascistas e os antifascistas, sejam comunistas ou outras forças de esquerda, se intensificava tanto nas ruas como nos jornais, onde expressavam os posicionamentos através de notícias como “Integralismo *versus* comunismo”.⁹⁰

Parece que o mês de Outubro de 1934 foi particularmente repleto destes conflitos, inclusive com a intervenção da polícia, como se segue abaixo, em relato de um embate ocorrido na Praça da Sé, em Salvador:

Como providências complementares, a chefatura determinara também a interdição de todos os sindicatos localizados na Praça da Sé, pois circulavam rumores de que em suas respectivas sedes comunistas e socialistas ofereceriam resistências contra a efetivação da parada. Pouco antes da 16 horas precedidos de uma banda militarizada, apontaram os primeiros pelotões que vinham tomar posição.
(...)
Inopitadamente recrudesceram os gritos de morra o integralismo e ouvem os primeiros disparos.
(...)O grupo de pessoas que se achava a esquina da rua Senador Feijó abriu fogo. A cavalaria colocada no fundo da Praça da Sé também disparou as suas armas. Os moços integralistas se atiraram no chão. Colocaram-se alguns aos degraus da escadaria da catedral tomando ali posição de defesa e de revólveres em punho responderam a agressão de que estavam sendo vítimas.⁹¹

Como se pode apreender da descrição jornalística, já havia expectativa quanto à provável luta entre integralistas e antiintegralistas, por isso a preocupação da polícia se fazer presente no evento integralista.

Outro ponto que chama a atenção é a denominação de comunistas e socialistas aplicada aos sindicatos localizados na Praça da Sé. Não sabemos se estas correntes eram predominantes nos sindicatos baianos. Entretanto, mesmo que fossem, isso importava pouco na ótica anticomunista de imprensa baiana, visto que há muito o movimento sindical era associado, nos primeiros tempos ao anarquismo e a partir do final da década de 1920, ao comunismo. Neste sentido, fundamental

⁹⁰ Ver, *Diário da Bahia*, 30-10-1934

⁹¹ Ver *O Imparcial*, 10-10-1934

para o jornalismo era enfatizar a radicalização do integralismo e do comunismo, a partir do entendimento de que os conflitos eram provocados pelos comunistas.

Fato ocorrido na Bahia, o relato da fixação de cartazes por integralistas na porta da Federação dos Sindicatos, mostra um pouco do acirramento político que havia entre operários, integralistas e comunistas:

Os operários que se encontraram nas janellas da sede da federação, desceram e quizeram persuadir aos idealistas que alli não era logar para affixação de boletins, mesmo por que o operariado bahiano não era communista.⁹²

Ser ou não ser comunista era ocupar uma posição no imaginário social que levava a ganhos e prejuízos, a depender das circunstâncias a qual estava inserido determinado fato sobre os comunistas e do receptor da mensagem a que se estava dirigindo. No caso em tela, a denominação de comunista foi sentido como pejorativo na visão dos operários. Contudo há que se levar em conta a imprensa como instrumento de relativização de papéis que conta com interesses os mais diversos possíveis que se digladiam, produzindo sentidos e elaborando mecanismos de reflexão para o leitor. Portanto não é plausível crer na veracidade *strictu sensu* da notícia tal como aquilo aconteceu, pois “se percebe que o registro da mídia não é apenas uma mimese do real, uma vez que ela própria está inserida em um contexto de lutas e contradições que a permeiam e, logo, permeiam a sua atividade”.(RANGEL, 2004, p. 1).

Os enfrentamentos na rua e nos espaços da imprensa e da política em geral fortaleceram a militância comunista bem como a formação de uma frente de luta contra o fascismo. Em Setembro de 1934 é lançado o Comitê Jurídico Popular de Investigação que agrupou várias forças antiimperialistas e antiintegralistas que viria a se transformar na ANL.

A publicação do manifesto de Março de 1935 marca o início da Aliança Libertadora Nacional. Ela foi lançada num grande comício no Teatro João Caetano no Rio de Janeiro em 30 de Março de 1935, quando naquela data, Luís Carlos Prestes foi proclamado Presidente de Honra da ANL. Ela se constituiu em uma frente política ampla antifascista, antiimperialista e antifeudal, cuja participação do PCB era bastante significativa.

⁹² Ver *Diário da Bahia*, 28-10-1934

Havia tenentes na organização, mas em alguns aspectos se diferenciavam dos comunistas, que propunham a tomada do poder por um governo popular. Ao contrário, os tenentes pretendiam a renovação dos costumes políticos, num vago moralismo político que pretendiam implantar com o objetivo de reformar o Estado brasileiro.

O programa da ANL era mais amplo que o do PCB. A Aliança pretendia uma união de classes nacionais para combater o imperialismo e as tendências extremistas de direita do Brasil. Já o PCB, ainda influenciado pelas determinações do *Presidium* da IC, coadunava com a tese adotada em 1929 – “classe contra classe”. Esta diferença significativa para ambos os programas foi importante para o PCB que passou a se destacar mais, ganhando maior visibilidade e isto chamou a atenção dos seus adversários ideológicos.

A frente reunia socialistas, trotskistas, democratas e outros grupos que se dispuseram a erguer as bandeiras propostas. Apesar disto, os anticomunistas sempre viram a ANL como uma organização de “fachada” para a articulação dos “planos” comunistas, como mostra a matéria a seguir publicada no O Imparcial:

UM GOLPE NO COMMUNISMO

A nação sobressaltada com as actividades communistas que há cerca de dois meses vinham se exercitando ostensivamente e de maneira agressiva em todo o país, estranhava que o governo se mantivesse na incompreensível attitude de mero expectador dos acontecimentos em que se deixar ficar desde as primeiras demonstrações terroristas que caracterizam aquellas actividades.

(....)

O aparecimento com estardalhaço da Aliança Libertadora Nacional, ao mesmo tempo que desapareciam sorrateiramente como por um milagre o Partido Comunista, os Blocos de Operários e Camponeses, as Juventudes Proletárias, as Frentes Unidas de Estudantes e tantas, tantíssimas outras agremiações marxistas, que funcionavam clandestinamente, mas de cuja existência falava a publicidade de todas ellas, devia ser um indicio certo de que era de que grosseira mystificação que se tratava – uma inhabil manobra para illudir a vigilância policial e os brasileiros de boa fé, com uma simulação do partido nacionalista, que vinha trabalhar pelo Brasil, pela família, pela pátria brasileira, sem preocupação de doutrinas políticas, nem de religiões.⁹³

Era evidente que a ANL congregava diversas correntes que tivessem bandeiras nacionalistas e de esquerda, daí por que o logro da sua aceitação. Contudo, por se tratar de uma frente (e nós iremos tratar disso mais adiante) que congregava várias correntes, o que era assimilado pelo anticomunismo à luz da

⁹³ Ver *O Imparcial*, 11-07-1935, p.4.

imprensa, como uma estratégia para conseguir mais adeptos. Contudo como parte de expansão do combate ao fascismo e ao integralismo, a integração com outras correntes era fundamental, o que não evitaria a radicalização maior entre o PCB e a AIB. A causa para disto estava justamente na compreensão de seus opositores de que o PCB utilizava a ANL para expandir suas idéias e o seu crescimento era ao mesmo tempo a diminuição do espaço para setores conservadores e para a extrema-direita. Por isso e não aleatoriamente “o governo tentava identificar a ANL com o PCB, para isolá-la, e combatê-la com maior eficácia” (VIANNA, 2003, p. 82). Utilizava-se do imaginário anticomunista presente na sociedade brasileira para se opor ao adversário.

Em larga medida isso foi comum e não é crível que se afirme o monopólio estrutural do anticomunismo oriundo do Estado. Se o anticomunismo permeou todas as esferas de comunicação tanto estatais como privadas e serviu a interesses de combate de grupos que não eram propriamente comunistas como a ANL, o Estado era uma das fontes do anticomunismo. Não a única fonte como afirma Carla Luciana Silva, ao analisar fatos marcantes do anticomunismo na historiado Brasil, como o Plano Cohen e o Golpe de 1964:

Esses casos são muito conhecidos e repetidos, tanto por pessoas que os consideram acontecimentos injustificáveis e forjadores da realidade histórica, como por aqueles que acreditam que ação governamental esteve certa porque realmente existia ‘perigo à nação’. A aceitação destas explicações acaba supervalorizando o papel do Estado naqueles processos (que também se autopromovia através deles) e se perdia de vista o apoio que amplas camadas da sociedade brasileira deram àquelas atitudes autoritárias. (SILVA, 2001, p. 15).

Todavia há que se ressaltar não serem apenas os anticomunistas daquele período ou de outros tempos a considerar a ANL uma espécie de disfarce para que as ações dos comunistas pudessem se fazer sentir de maneira mais eficaz pela população e assim cumprir seus objetivos. Uma parte da historiografia ainda reproduz um quadro de estruturação da ANL a partir do PCB e do seu suposto papel dirigente naquela organização, que as novas tendências, dentre elas uma em especial, que corrobora com uma análise crítica dos discursos dos vencedores⁹⁴. Na visão de Levine,

⁹⁴ Refiro-me particularmente à duas obras que ao meu ver compõe esta seção historiográfica: DECCA, Edgard de. **1930: o silêncio dos vencidos**. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1984 e; TRONCA, Ítalo. **A Revolução de 30: a dominação oculta**. 8º ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

...o Komintern (a III Internacional) operava de Montevideu, manipulando a ANL e usando-a como disfarce para as operações clandestinas. Informado pelas instruções de Moscou de que a América Latina estava madura para uma revolução, o Komintern planejou insurreições no Chile, Argentina, Uruguai e Peru, assim como no Brasil.(LEVINE, 2001, p. 69).

As manipulações supostamente realizadas pelo PCB com o objetivo de realizar insurreições no Brasil a mando do Kominter fizeram parte da formação de uma retórica anticomunista. Sob esta ótica, o PCB controlava a ANL, o que se constitui num argumento anticomunista bastante forte que tem uma de suas origens na animosidade à União Soviética, uma vez que sua ligação com a IC comprovaria o seu caráter antinacionalista.

Proporcionalmente ao aumento da expansão da ANL vinha consigo uma intensificação da propaganda anticomunista, notadamente a partir do seu fechamento, em Julho de 1935. A expansão que a ANL conheceu desde sua fundação até o encerramento das suas atividades se deu dentre outros motivos a uma mudança de rumos que os comunistas experimentaram, em desobediência clara às diretrizes da Internacional Comunista, doravante IC, traçadas no VI Congresso em 1928, a chamada política de “classe contra classe”, como afirma Marly Vianna:

Com o acirramento das lutas antifascistas e antiintegralistas, em especial, a partir de 1934, embora a direção do PCB continuasse a repetir a palavra de ordem da Internacional Comunista por um governo de soviets, seus militantes na prática, desobedeciam a tais diretivas, pois, em conjunto com outras forças, participavam das lutas de rua contra os integralistas. (VIANNA, 2003, p. 74).

Outra razão para a expansão da ANL se deveu em boa medida a liderança de Prestes que havia sido aclamado como presidente de honra da organização. Cerca de um ano antes da reunião do teatro João Caetano no Rio, Prestes havia ingressado no PCB por intermédio do Komintern que interferiu decisivamente para que o capitão da famosa Coluna pudesse alavancar o movimento comunista no Brasil. A pretensão primordial era o ganho popular que isso poderia ter e a sedução que se faria em relação aos antigos companheiros do capitão Luís Carlos Prestes.

Todavia não foi apenas Prestes que beneficiou a ANL com o empréstimo de seu nome para as fileiras da organização. A própria ANL também foi importante para

o PCB porque deu maior visibilidade ao então sectário partido que havia se isolado mais pela política do Komintern do que propriamente pela atitude dos seus membros. Aliás, é plausível dizer que o PCB se tornou mais conhecido a partir da ANL, quando figurou em um dos pólos da política nacional.⁹⁵

Ao mesmo tempo em que a ANL crescia – a organização de já contava com cerca de 1600 núcleos e quase 180000 membros – agudizava a tensão política no país. A alternativa à esquerda naquele momento social e político no plano nacional despertou o governo e setores à direita que certamente não coadunavam com o crescimento de uma organização que tinha comunistas em seus quadros.

Alem disso, como já dito, movimentos populares vinham crescendo e ganhando notoriedade entre 1934 e 1935, quando ocorreu uma razoável abertura política em consonância com a carta de 1934. A ANL seguiu este ritmo e aglomerou em torno de si, os descontentes com o regime e os opositores às alternativas de extrema direita que se colocavam no panorama nacional e internacional. Isto foi mais um fator de expansão da ANL – atrair para si indivíduos que já se posicionavam contrários às opções políticas de direita então em voga na época.

Pouco menos de um ano da promulgação da nova carta constitucional, é aprovada em 04 de Abril de 1935 a Lei de Segurança Nacional que limitava algumas liberdades constitucionais, como as individuais, de associação, referentes às manifestações e a imprensa. Confirmou-se apenas a disposição autoritária do governo Vargas que já se esboçava desde o decreto que instituía os poderes discricionários em 1930.

O que Paulo Sérgio Pinheiro tenta demonstrar com a análise da legislação relativa às liberdades de associação política e individuais e o pensamento dos líderes das classes dominantes é a continuidade e não a ruptura do comportamento repressor do Estado. Por isso, o referido autor assevera que “o fechamento da ANL, antes de 1935, e aquela que se segue, não significam um retrocesso, mas o prosseguimento de uma evolução ininterrupta.” (PINHEIRO, 1991, p. 127)

4.2.A ANL BAHIANA, OS LEVANTES E O DISCURSO ANTICOMUNISTA.

⁹⁵ Todavia, o mesmo partido que participara em massa da ANL em quase toda sua curta história, apenas apoiou a iniciativa mas não aderiu imediatamente. (VIANNA, s/d, p.36 apud PRIMO, 2006, p. 33)

Se a ANL teve curta duração no plano nacional, no estado da Bahia, seu tempo de vida foi ainda menor. Durou menos que sua congênere nacional – 1 mês e 12 dias.

A fundação da ANL na Bahia se deu em 30 de maio no Cine-teatro Jandaia tal como no Rio, com a participação de várias personalidades do mundo acadêmico, vários profissionais liberais e militares contando com nomes como Orlando Gomes, promissor jurista na época, o deputado estadual Álvaro Sanches e Edgard Matta, líder sindical, dentre outros.

Os principais pontos do programa da ANL nacional fundada em 30 de Março no Rio de Janeiro – cancelamento da dívida externa, nacionalização das empresas estrangeiras, plenitude das liberdades pessoais, direito a um governo popular, cessão dos latifúndios ao campesinato, proteção a pequena e média propriedade⁹⁶ – foram absorvidos pela ANL baiana, com alguma variação, pois tal como ocorreu em outros núcleos estaduais, a da Bahia atendeu a questões específicas, como a rural e a urbana:

o não-pagamento do forro de terras pelos rendeiros, posse imediata das terras da marinha e proibição de venda de mais de cem hectares de terras devolutas – e urbanas – baixa do preço da gasolina e querosene, diminuição dos transportes, consumo de energia e telefone. (PRIMO, 2006, p. 36)

O pequeno destaque concedido a fundação da ANL mostra o quanto eram ocultados os objetivos e pretensões da nova entidade, selecionando apenas eventos que relacionavam violência e conflitos com a frente. Esta pequena nota em um jornal baiano deduz isso que falamos:

A A.N.L. na Bahia

Bahia, 1, (Diatarde). Foi instalada solenemente ontem nesta capital a Aliança Nacional Libertadora, em sessão realizada no Jandaia, que esteve repleto de pessoas. Falaram entre outros oradores o Dr. Edgar Matta, o Dr. Valle Cabral o doutorando Fernando Marques dos Reis.⁹⁷

Buscamos nos jornais da capital e pouco foi encontrado referente à fundação da ANL. Seguem-se poucos relatos sobre a ANL na Bahia até antes do fechamento de suas atividades em 11 de Julho de 1935. Isso por um lado demonstra o

⁹⁶ Em Caronne(1979), o manifesto em panfleto contra aqueles que atacavam a ANL enfatiza os pontos do programa da organização.

⁹⁷ Ver *Diário da Tarde de Ilhéus*, 01-06-1935, p. 1

desconhecimento sobre a ANL, quanto aos seus objetivos, programas e ações, e por outro, não propagar o nome da ANL para que assim ela ficasse no anonimato perante a população.

Apesar da relativa expressão da ANL nos meios intelectualizados baianos, sua estratégia era se inserir fortemente entre os operários seja pelos sindicatos ou por apoio a manifestação contra a carestia. Para tanto empreendeu um esforço de divulgação das suas idéias, repudiando a simbiose com o comunismo e enfatizando o seu caráter de frente ampla. Justamente esta atitude se justifica no reconhecimento da repulsa que a sociedade baiana já tinha em relação aos comunistas.⁹⁸

Os principais redutos da ANL na Bahia foram as faculdades de Direito e de Medicina. Analogamente a organização opositora à ANL, a AIB, também tinha nestas instituições muitos adeptos. Era, portanto, facilmente previsível os conflitos que se sucederam entre aliancistas e integralistas envolvendo pessoas dos dois núcleos lá instalados. Contudo este não era o único obstáculo a ser superado pelos aliancistas na construção da capilaridade social que pretendiam ter.

Um dos obstáculos era a clara predisposição policial para isolar indivíduos “subversivos”, sejam aliancistas, comunistas ou quaisquer outros que pudessem ameaçar de alguma forma a legitimidade do discurso oficial da Revolução de 1930. Não obstante não se tenha encontrado nada em arquivos policiais do Arquivo Público do Estado da Bahia, doravante APEB, no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, o relatório “O comunismo na Bahia” produzido pela polícia política demonstrou que as preocupações com o comunismo se avolumaram a partir de 1930. (PRIMO, 2006). Foi na década de 1930 que O PCB baiano começou a tomar forma e organização de partido político imbuído de se inserir nas massas, segundo uma interpretação do relato de Honório de Freitas Guimarães. (PRIMO, 2006)

Outro obstáculo que a ANL na Bahia enfrentava era a forte oposição da imprensa local face às inovações que a recém fundada organização política traria para o cenário político e social. O temor a ANL era transmitido aos leitores através de colunas e artigos, relatando diversos fatos e aspectos que transparecia claramente a ojeriza às idéias da Aliança Nacional Libertadora, que como já dissemos, representava para os interlocutores da imprensa mais um disfarce para o

⁹⁸ Ver *A Tarde*, 30-05-1935, P. 1

comunismo, com bem está colocado num dos artigos da coluna *Pela Ordem* do periódico O Imparcial:

A Aliança Libertadora que anda por ahi é uma mascara do communismo. O communismo como se viu claramente é uma máscara do judaísmo. Brasileiros, quereis ser escravos de judeus tôpes e covardes?⁹⁹

Como se pode verificar, a associação que se fazia entre o comunismo e a Aliança não era positiva. Tinha a clara intenção de desqualificar as ações e idéias do programa da ANL ao lhe trajar de organização comunista como “máscara”. Ora, se não houvesse uma indisposição da imprensa com o comunismo há algum tempo e se isto não estivesse arraigado entre as elites, ANL mesmo com a presença de muitos comunistas teria a sua descrição feita sob outra ótica.

Em relação ao judaísmo, nos parece ser uma situação específica, mais ligada ao catolicismo e como reflexão intelectual desta, ao integralismo. Os integralistas, principalmente na ala intelectual antijudaíca cujo mentor era Gustavo Barroso, o comunismo era um desdobramento do judaísmo. O excerto que inserimos anteriormente é a parte final de um artigo que contempla justamente a discussão sobre a identidade dos comunistas de diversos países do mundo e o judaísmo, mostrando que os principais líderes comunistas (e um deles como indica primeiramente em outra parte do artigo, é Trotsky) eram também judeus.

As menções dos jornais à ANL na Bahia ou aquelas matérias escritas na Bahia fazendo referência às suas atividades foram pequenas. Isso é inegável. Duas razões nos parecem plausíveis para explicar tal postura diante da aliança. Primeiro as atividades aliancistas tiveram curta duração. Pouco mais de um mês foi insuficiente para conhecer e identificar características da uma organização e assim diferenciá-la do PCB, mesmo que isso não se desse com o rigor e a imparcialidade que se fariam necessárias. Segundo, o próprio anticomunismo executou a tarefa de praticamente impedir uma maior discussão nos meios jornalísticos sobre a ANL, tratando-a apenas como um apêndice ou um organismo do PCB.

Mesmo assim a ANL foi alvo constante de assertivas desqualificadoras como não poderia deixa de ser, por ter em seus quadros vários comunistas e pelo seu programa ser bastante radical, na visão dos jornais e da elite. Contudo as criticas e a campanha anticomunista e antialiancista adquiriram maior peso e espaço nos jornais

⁹⁹ Ver *O imparcial*, 11-06-1935, P. 4

baianos em dois momentos cruciais na vida do PCB e da ANL: à época da proibição da ANL em Julho e os levantes de novembro de 1935¹⁰⁰.

4.2.1.O fechamento da ANL

A posição dos jornais baianos, ao contrário do que vinha acontecendo, foi de total atenção a ANL em todo o país quando do seu fechamento. As escolhas narrativas dos fatos e sua relação com as intenções governamentais no episódio do encerramento oficial dos trabalhos da Aliança Nacional Libertadora demonstram cabalmente que o jornalismo, mesmo na década de 1930, ainda processava os fatos à maneira que lhes garantia certa posição perante as elites políticas e as classes dominantes e consolidava determinadas visões, algo que já discutimos na introdução e no primeiro capítulo.

Em Abril de 1935 o Congresso havia aprovado a Lei de Segurança Nacional (doravante LSN) como mais um instrumento de repressão a movimentos contrários aos rumos que o governo Vargas imprimia ao país e a grupos que haviam sido desalojados do poder e que pretendiam retornar, refiro-me especificamente às oligarquias do eixo Rio-São Paulo. Entretanto estes últimos grupos ficaram à parte das manifestações mais contundentes contra Vargas, visto o seu próprio temor em relação às reivindicações e lutas empreendidas antes de 1930, às quais eles próprios combateram e portanto conheciam.

A Constituição de 1934 já previa situações em que os direitos individuais poderiam ser restringidos em face de “ameaças” à ordem e institucionalidade. O artigo 84 da Constituição de 1934 trazia a possibilidade de pessoas comuns, não-militares, serem julgados por tribunais militares. Assim, qualquer ato considerado subversivo poderia ser amoldado ao que seriam “pessoas assemelhadas” aos militares.¹⁰¹ Podemos depreender desta disposição do governo Vargas uma certa

¹⁰⁰ Preferimos usar uma denominação menos adjetivada do que poderíamos fazer, pois ao contrário de alguns autores como Edgard Caronne e Paulo Sérgio Pinheiro não concordamos com a caracterização de revolta tenentista ou comunista, somente. Na visão de Paulo Sérgio Pinheiro, por exemplo: “ A rebelião de 27 de Novembro de 1935 pode ser considerada a última revolta tenentista, se reduzida a seu caráter propriamente militar de golpe de estado” (1991, p. 296).

¹⁰¹ “militares e as pessoas que lhes são assemelhadas terão foro especial nos delitos militares. Este foro poderá ser estendido aos civis, nos casos expressos em lei, para a repressão de crimes contra a segurança externa do país, ou contra as instituições militares”(art. 84, Constituição Federal-1934)

continuidade na busca da repressão, com prisões, torturas, restrição e violação de direitos, que já acontecia nas primeiras décadas da Primeira República.

A LSN aprovada pelo Congresso em 4 de Abril de 1935 acentuou a discricionariedade do poder judiciário e executivo na repressão aos movimentos autônomos, como a ANL e AIB, muito mais instrumentalizado para a primeira do que para a segunda. Segundo Maria Celina D'Araújo, a LSN correspondeu “a uma reação política e jurídica do governo Vargas contra movimentos grevistas e ideológicos que vinham se organizando no Brasil” (2006, p. 5). A LSN também atingiu, além de democratas, socialistas e comunistas, os militares. Foi uma tentativa de encerrar a fase de subversão latente nos quartéis.(art. 10). Esta lei também anulou praticamente o poder de pressão política que os trabalhadores possuíam.(art. 18)

Na Bahia, a repercussão da LSN não ocorreu como nos centros paulista e carioca. Houve manifestações no sentido de haver necessidade da aplicação de leis mais severas contra grupos e pessoas que se articulavam no “ambiente de liberdade” daquele momento, mesmo que isso terminasse por limitar as liberdades individuais e de expressão, outros se colocaram contra. Segundo Capelato,

O Estado de São Paulo (jornal) chegou mesmo a considerar a lei de Segurança insuficiente para conter as greves e manifestações. Não criticou as arbitrariedades provocadas no período de repressão. Era preciso dar ao povo “segurança”. (1980, p. XIV)

Os efeitos da Lei de Segurança Nacional e as avaliações de sua eficácia foram feitos pelos jornais baianos quando ocorreu o grande momento de repressão ao comunismo na Bahia até então: o fechamento nacional da ANL ocorrido em 11 de Julho de 1935. Mas o fato que antecedeu ao encerramento legal das atividades da ANL nacionalmente, foi o manifesto de Prestes no mês de Julho

Em 5 de Julho, Luís Carlos Prestes lançou um manifesto conclamando o povo a se levantar contra Vargas ao lado da ANL por uma nação sem feudalismo, contra o imperialismo e o fascismo. O manifesto de Prestes teve interessante cobertura com a publicação pelo A Tarde dois dias depois de uma matéria encomendada a algum jornalista do Rio de Janeiro:

MANIFESTO VERMELHO

De longe e do alto – Terras para os pobres – Equívocos internacionais –
Bens da Igreja – O Brasil continua desconhecido...
(...)

E por que de longe escreve, insiste em reputar essencial as reformas de extrema esquerda e divisão dos “latifúndia” em que os grão-duques brasileiros e os príncipes botocudos instalaram a injustiça vigente. Os “latifúndia” após perderem a Itália de Plínio perdem o Brasil da República Nova.... Decerto acábára de ler Michelet, quando, em defesa da Polónia, fulmina a monstruosa desarrumação das massas que havia na Rússia de Gogol. Esqueceu que no Brasil a terra é demais e o homem de menos e que os nossos problemas devem ser encarados às avessas do critério europeu: liberdade, para encorajar o trabalho, e protecção às actividades económicas, afim de que as energias de um povo joven façam produzir os seus imensos territórios desocupados.

O manifesto fala também em terras da Igreja que precisamos desmembra e distribuir. O bravo exilado estava na Espanha, dos largos domínios do clero coroados pelas abbasias seculares e prosperas, ou evocava o México, ou a França de antes da Revolução, onde os bispos eram mais ricos que o rei. Não podia seriamente referir-se ao seu paiz, onde a Igreja não possui dotações territoriais, não tem fundos imobiliários....

(...)

O Brasil – é o que se conclue afinal – continua encyclopedicamente ignorado. Não o entendem e por isso não sabem servi-lo.¹⁰²

O vigor e a contundência dos comentários sobre o manifesto de Prestes, nos leva a concluir que havia a tentativa de transmitir a preocupação com as actividades da organização, devido a atenção dispensada pela imprensa ao manifesto de Prestes, não obstante tenham as publicações normalmente um conteúdo negativo sobre as ações da ANL. As atenções do governo também estavam voltadas para a AIB, principalmente neste período em que a disposição de reprimir e reduzir garantias civis era grande em relação a todos os grupos que mobilizassem de alguma maneira a população. Foi o mesmo Vargas que disse ser o primeiro reformador da Constituição de 1934, dizendo não ter ferramentas legais para conter as disputas sociais e políticas.

Contudo o que mais nos chama a atenção em relação a matéria, extensa por sinal, é a linha adotada para descaracterizar o texto de Prestes. Não há presente no texto, expressões que poderiam qualificar o anticomunismo como primário, no sentido de uma carência de análise mais sofisticada. Pelo contrário, o jornalista se preocupou em transmitir aos seus leitores, a falsidade científico-histórica da tese prestista, apontando contradições e levantando argumentos comparativos com outras circunstâncias e realidades. Nada mais surpreendente por dois motivos: as modalidades de anticomunismo conviviam harmonicamente, sem se excluírem; não consideramos que algumas formas de anticomunismo, como por exemplo, a que discutiu a inviabilidade da propriedade coletiva no Brasil era especificamente

¹⁰² Ver *A Tarde*, 07-07-1935, p. 1

destinada a um grupo de leitores a tal ponto que outros leitores não pudessem compreender os mecanismos do comunismo exposto pelo anticomunismo. Na análise do anticomunismo é preciso então considerar que a sua constituição se deu tanto “por meio de análises sobre o tema e de argumentos defendendo determinadas posições, quanto pelo uso de imagens, adjetivações, símbolos” (RODEGHERO, 2003, p. 27)

Parece-nos acontecer com a matéria que transcrevemos. Mesmo ao fazer uma análise apurada do manifesto, evidentemente sob a ótica anticomunista, esta é bastante compreensível dentro do contexto do fechamento da ANL. A advertência no final da matéria serve menos para alertar do que para dar um encerramento eloqüente da mesma. Mas é uma demonstração cabal da preocupação da imprensa local com relação às movimentações da ANL.

Esta maior atenção já vinha sendo cada vez mais constante, notadamente n'O Imparcial, periódico notoriamente integralista e portanto anticomunista. Poucos dias antes do famoso manifesto de Prestes, o jornal bahiano havia divulgado notícia do Rio de Janeiro a respeito de planos “descobertos” pelo governo Vargas, “oriundos de Moscou”, poucos dias antes de 5 de Julho. A notícia foi publicada originalmente n'O Globo no dia 26 de Junho. Apesar de não ter sido redigida na Bahia, é relevante uma breve análise pois ela foi publicada n'O Imparcial em 7 de Julho, portanto dois dias após a divulgação do manifesto e concomitante a uma série de outras matérias relativas ao tema, inclusive uma especificamente sobre a Bahia.¹⁰³

Para além disso, o que nos importa também na análise do anticomunismo baiano são os elementos que o constituíam e como os jornais operavam determinados valores. Admitimos que havia uma concordância tácita nas publicações de notícias vindas de fora do estado quanto ao seu conteúdo e forma e portanto, dificilmente podemos supor um desconhecimento dos jornalistas e editores sobre os seus possíveis efeitos no tocante à formação de opinião e o comportamento dos seus leitores. Ou seja, não há como presumir ou mesmo aceitar inocência intelectual dos jornalistas baianos quanto as conseqüência da retransmissão de matérias estrangeiras ou de outros estados.

¹⁰³ Não esqueçamos que as matérias, geralmente telegráficas, vindas do sul ou do exterior, eram republicadas na Bahia com um dia de atraso. Assim podemos contar um dia na prática de diferença entre o manifesto de Prestes e a publicação da notícia do Globo.

Os periódicos bahianos operavam com efeitos de sentidos nos argumentos anticomunistas semelhantes aos dos jornais de São Paulo e Rio de Janeiro, por que estas se constituíam como fonte para a produção de matérias na Bahia.

A divulgação da matéria se dividiu em duas páginas d'O Imparcial. Por ser bastante extensa já que reproduz um suposto “plano comunista”, não faremos sua transcrição na íntegra, apenas fazendo alusões quando necessárias. Na matéria, o “plano descoberto” incluía várias ações contra as usinas e telégrafos e apresentava métodos e comportamentos que deveriam ser adotados pelos comunistas. O jornal buscou destacar alguns deles usando letras maiúsculas nos itens que mais chamariam a atenção como: “FUSILAMENTO DOS OFFICIAES NÃO COMMUNISTAS”; “COLOCA O GOVERNO A DISPOSICÃO DAS FORÇAS GOLPEANTES”; “tropas especiais em caminhões com trabalhadores AMEDRONTARÃO A POPULAÇÃO”; “o primeiro período deverá ter uma duração MUITO RAPIDA E VIOLENTA”; “EM HYPOTHESE ALGUMA DEVERA SURGIR A PALAVRA COMMUNISMO”.¹⁰⁴

Ainda a matéria na continuação da página 8, o alerta para a Bahia:

Que a Bahia inteira medite sobre o perigo que ameaça o Brasil e de que o plano bolchevista traçado na Rússia dá uma idéia bastante nítida e esteja attenta para a sua própria defesa contra os inimigos implacáveis que estão agindo na sombra e em obediência ao plano tenebroso, agora reconhecido, agirem também descobertos “fingindo-se legalistas burguezes”.¹⁰⁵

Uma das principais funções do texto jornalístico quando se posicionava contra o comunismo era lançar alertas para a população. Concomitante a publicação da matéria principal, os jornais colocavam em seu rodapé ou no alto da página mensagens com grande destaque para que a população ficasse atenta e não duvidasse do “perigo comunista”.

Em relação direta com o “plano descoberto”, O Imparcial, publicou sob forma de mensagem o seguinte texto:

PLANO TERRORISTA

Elementos terroristas, nesta capital, pretendiam dynamitar a Usina da Lapinha, e alguns estabelecimentos commerciaes. A policia tomou

¹⁰⁴ Ver *O Imparcial*, 07-07-1935, p. 8

¹⁰⁵ Ver *O Imparcial*, 07-07-1935, p. 8.

energicas providencias e está disposta a usar de todos os meios, mesmo os mais violentos, no sentido de manter a ordem e a tranqüilidade publicas.¹⁰⁶

Nada foi encontrado nos arquivos da polícia depositados no Arquivo Público do Estado da Bahia em relação ao plano citado na matéria. Primeiro destaque sobre a mensagem: ela se refere à Bahia. Nas edições dos periódicos as referências como esta – um fato ocorrido na Bahia que fazia alusão ao comunismo – eram comuns. Algo também comum eram os artigos escritos ou editoriais por jornalistas baianos sobre o comunismo e supostas movimentações dos comunistas na Bahia.

Provavelmente o “plano terrorista” nunca tenha existido por um motivo: se ele tivesse realmente existido, os arquivos policiais não teriam nenhum relatório, nenhum registro? Em um momento crucial, em que a ANL apresentava um crescimento espantoso, o temor aumentava proporcionalmente, gerando apreensão por parte do governo e das elites políticas.¹⁰⁷ Assim é no mínimo estranho que a existência de um plano tão “tenebroso” não tenha despertado em outros jornais ou na polícia uma disposição em conhecer de que se tratava o suposto plano.

Justificado pelo temor que a imprensa colaborou sobremaneira, Getúlio Vargas, utilizando-se da Lei de Segurança Nacional decretou o fechamento da organização em 11 de Julho de 1935.

4.2.2.Os levantes de Novembro de 1935

Muito tem se discutido e escrito sobre os levantes de 1935. Não é para menos. Os levantes daquele mês foram perpetrados por um grupo formado dentre outras pessoas por comunistas que tinham por objetivo em última instância implantar o programa da ANL, considerado pelos seus adversários como radical e inviável. O principal obstáculo era Vargas que havia se instalado no poder em 1930 e se mantido após a Constituição de 1934 com o apoio dos interventores transformados em governadores (a maioria deles) após as eleições de 1934.

A repercussão dos eventos de 1935 é para a imprensa e o estudo do anticomunismo, um marco importante, pois se criaram as bases de uma sólida tradição anticomunista, reproduzida pela ação do Estado, de organismos sociais e

¹⁰⁶ Ver *O Imparcial*, 07-07-1935, p.1.

¹⁰⁷ Segundo Anita Leocádia Prestes, citando Robert Levine, no momento do fechamento, a ANL contava entre 70 mil e 100 mil membros. Discordando com este número, Marcos Chor Maio afirmou terem sido 180000 membros.

indivíduos, o que levou a formação de um conjunto de representações e um imaginário acerca do comunismo.(MOTA, 2002) A diferença em relação às décadas anteriores a 1930 é a referência concreta e brasileira que os anticomunistas passaram a ter e que geraram estreita familiaridade com o comunismo no Brasil.

Em alguns estudos sobre a relação entre a aversão ao comunismo e os levantes de 1935, se constatou que “o anticomunismo aperfeiçoou seu núcleo de representações e projetou-se como espetáculo cívico”(GONÇALVES, 2004, p. 4) Carla Luciana Silva(2001) considera que a diferença marcante de 1935 para as décadas passadas era a organicidade de idéias verificado em 1935, um salto qualitativo em relação ao periódico anterior. Não obstante a referida autora não tenha trabalhado diretamente com os períodos das chamadas “ondas anticomunista” (1935-1937 e 1961-1964) , ela empreende um estudo que nos leva a acreditar que o a imensa profusão de notícias sobre os levantes tenha sido propiciado pela anterior massificação da animosidade ao anticomunismo.

Sem discordar completamente desta linha de pesquisa sobre o anticomunismo, corroborando a idéia de que o anticomunismo não foi uma construção pós-1935, mas fora, após os Levantes que ocorreu a articulação entre os setores anticomunistas o governo. Os setores conservadores se aliaram de um modo sistemático com o governo e após 1935, os liberais em geral, já que antes, em muitos textos dos jornais percebemos a disposição de alertar o governo quanto ao “perigo” comunista. Se ocorria isto, era por que as esferas de governo não corroboravam completamente com a mesma opinião da imprensa a respeito do “perigo comunista”. Os alertas continuaram após 1935, mas agora com a resposta mais “contundente” do governo para reprimir comunistas.

Enfim o efeito que os levantes de 1935 trouxeram para o arsenal de argumentos anticomunistas foi tamanho pois, em 1935, concretizou-se o paradoxo da discursividade anticomunista: o irrealizável se comprovou realizável.(MARIANI, 1998).

A importância do movimento de 1935 para a Imprensa e para o governo Juraci Magalhães não foi menor em relação às regiões onde se deram as insurreições militares. Não obstante não tenha havido no mês de novembro nenhuma rebelião de quartel na capital ou no interior, a repercussão dos fatos daquele mês foi significativo e representativo para o anticomunismo em terras bahianas.

Antes dos eventos do 1935, ocorreu a explosão de uma bomba durante uma reunião integralista na cidade de Ilhéus no mês de Agosto, fato este atribuído aos comunistas.

A bomba na sede integralista representou mais um fato favorável aos setores anticomunistas em um período de perseguição aos comunistas e em geral a entidades (sindicatos, principalmente) e pessoas que eram consideradas aliadas ou de alguma forma ligadas aos comunistas ou que mesmo se indispusessem de alguma maneira à ordem legal e instituída.¹⁰⁸

Para este momento nos interessa a utilização do fato para a análise dos argumentos anticomunistas, notadamente ao sentido catastrófico atribuído à explosão da bomba na sede integralista. Este sentido não seria somente com relação às conseqüências materiais do ocorrido que teria pouca importância - “a responsabilidade material do atentado é ignorada”¹⁰⁹ - mas a suposta intenção dos comunistas “que promovem a reacção dos integralistas afim de crear a situação de sermos [os integralistas] recolhidos pela lei de segurança”¹¹⁰.

A cobertura jornalística dos periódicos bahianos acerca dos acontecimentos de Novembro de 1935 foi extensa. Os episódios de Novembro de 1935 para o anticomunismo bahiano foi ápice das pretensões dos comunistas. O destaque dado foi enorme, a começar pelas capas que anunciavam em letras grandes o movimento, como na notícia do periódico *Diário de Notícias*¹¹¹ do dia 25 de Novembro:

MARXISMO AO NORTE!

As providencias do governo para restabelecer a ordem no Rio Grande do Norte e em Pernambuco.

A cidade já sabe sufficientemente da irrupção de um movimento de caráter marxista no norte do país. Ao que pôde colher nossa reportagem, no gabinete da Secretaria de Segurança Pública, também neste estado deveria ter havido hontem, repercussão do golpe referido. Entretanto e devido ao serviço secreto de investigações da nossa policia, parece ter falhado a articulação com a Bahia e com outros estados. Há elementos daqui comprometidos com o plano que já fugiram.¹¹²

Depois deste primeiro parágrafo a matéria tece algumas linhas elogiosas a rede de rádio da Bahia e traz algumas mensagens dos militares insurretos de Recife

¹⁰⁸ Em matéria publicada no dia 12-08-1935, o *Diário da Tarde de Ilhéus* expõe a defesa do prefeito diante da afirmação de ser partidário de alguma ideologia.

¹⁰⁹ Ver *O Imparcial*, 10-08-1935, p. 1

¹¹⁰ Idem

¹¹¹ Não foi possível coletar matérias do jornal *A Tarde* devido ao total estado de precariedade que se encontrava as suas edições de Novembro.

¹¹² Ver *O Diário de Notícias*, 25-11-1935, p.1

e Pernambuco comunicando o fracasso do movimento por que “muitos companheiros a trahiram miseravelmente”.¹¹³ O teor dos comunicados radiofônicos se repete em outros três parágrafos, acrescido da reação do “governo [que] conseguiu dominar”¹¹⁴ a revolta.

A respeito do título. Para além do tamanho das letras que chama a atenção do leitor para o fato descrito, merece destaque o vocábulo “marxismo” que aparece na notícia. Nesta pesquisa e em estudo realizado anteriormente¹¹⁵ o termo marxista aparecia nas edições jornalísticas quando a matéria tratava do comunismo quase sempre em artigos que abordavam teoricamente os princípios do marxismo, inclusive com alusões a textos de Karl Marx. Nunca encontramos nenhum título de notícia que usasse o vocábulo marxismo. Possivelmente, mesmo sem ter certeza, os editores e jornalistas já buscavam uma ligação dos levantes com a Internacional Comunista.

Para que não se pensasse que a Bahia estava totalmente ilesa e alheia aos fatos que ocorriam naquele momento o período final da matéria fala sobre pessoas que teriam fugido mas não nomina ou mesmo aponta de onde seriam.

O Imparcial foi mais longe. Trazendo matéria de capa o periódico pró-integralista destacava, como não poderia de ser o “caráter comunista” da insurreição de 1935:

A revolução comunista no norte

A ordem será mantida na Bahia

Então ahi este injustificado, impatriótico, movimento revolucionário que explodiu no norte e está ensanguentando o solo de alguns estados, os frutos da mais vil, da mais infame de quantas campanhas dissolventes se vem fazendo na Tribuna da Câmara Federal dos Deputados e das columnas dos jornaes officiosos incentivando o surto communista que já se tornou há muito um flagelo para o Brasil.

Neste momento, afóra pequenos conflictos e correrias que se verificam em mais de um Estado, travam-se luctas sangrentas nas ruas de Natal e Recife, entre forças contrárias aos respectivos governos e forças que lhe são favoráveis.

Daqui destas columnas, a propósito do noticiário telegráfico que íamos recebendo, não nos poupamos a situação perigosa que o país se encontrava, advertindo os detentores do poder sobre o que se estava

¹¹³ Idem

¹¹⁴ Idem

¹¹⁵ Este estudo foi feito por um grupo de pesquisa que tratou do anticomunismo na imprensa Bahia entre 1917 e 1937 em 2002. Parte das conclusões deste estudo estão publicados em ALVES, Cristiano Cruz. **Comunicação “A Geração do Demônio: o Imaginário Anticomunista na Bahia de 1917 até 1937”**. Anais do II Encontro Estadual de História: Historiador, “a que se destina?” Feira de Santana, Julho/2004.

realmente passando e frizando a necessidade absoluta de providências energicas para reprimir os arreganhos do communismo que cada vez mais se affirmava uma grande ameaça à ordem estabelecida prestes a deflagrar simultaneamente em várias partes do território nacional.

O governo da Republica porém contentou-se em decretar uma “lei de segurança” que apenas tem servido para justificar arbitrariedades praticadas à guisa da repressão a propaganda extremista que esta sim, é feita, sem cerimônia, nas cathedras das nossas Escolas Superiores, nos estabelecimentos de ensino secundário, na imprensa, nas assembléias políticas dos estados, no Congresso Nacional, nas repartições públicas e até nos gabinetes de ministros e chefes de governo.

O que ahi está, e vem de se positivar, é a consequência lógica e fatal dessa situação, só explicável e admissível pelas fraquezas do poder que se demanda nas tricas políticas, quando as circunstâncias do momento estavam aconselhando rigorosas medidas preventivas, por isso que do Rio Grande ao Pará os núcleos communistas da Aliança Libertadora, pode-se dizer, já tinham iniciado as hostilidades, a julgar pelos vários attentados registrados, de certo tempo a esta data e cada qual mais violento e por isso mesmo mais significativo.

A inércia do governo, com effeito, é a culpada do communismo ter se infiltrado tão facilmente nos seios das classes operárias, as forças armadas e até mesmo no funcconalismo, onde elementos perversos teem agido abertamente no sentido alliançar adeptos.

Muitos políticos e jornalistas, pretextando defender a liberal-democracia, teem dado mão forte os elementos communistas, colaborando, conscientemente, para a desgraça nacional, e nesta ingrátissima missão não lhes faltou o apoio de jornaes nocivos aos interesses públicos, aliás conhecidos do paiz, pelos seus programas ora disfarçada, ora francamente.

Si o governo agisse como a situação estava impor se não usasse de meias medidas para contemporizar, não teríamos chegado a essa situação gravíssima que enche o país de apprehensões.¹¹⁶

O periódico se colocava numa posição de eminência quando comenta sobre o desempenho comunismo mesmo antes dos levantes de 1935. Criticava a posição do governo em não ter adotado uma postura mais rígida em relação às atividades dos comunistas e membros da Aliança Libertadora Nacional em geral, já que a sua “permissividade” teria permitido a entrada de comunistas nas instituições governamentais e a influência do comunismo por assim dizer. O periódico tinha a preocupação de alertar a Bahia naquele momento:

O GOVERNO DO ESTADO TOMA PROVIDÊNCIAS

As forças do nosso estado estão em promptidão. Vão sendo recolhidas à capital, forças do interior. O governador Juraci Magalhães a adoptou providências confiando plenamente no 19º BC na polícia militar e na aparelhagem civil; todos estes elementos se acham dispostos a reagir com energia em defesa do governo e das instituições.

Para auxiliar o governo de Pernambuco, partirá hoje, com destino a Recife, um batalhão da nossa polícia militar.

¹¹⁶ Ver *O Imparcial*, 25-11-1935, p. 1

Pois se vê, que, mesmo com as críticas ao governo, quando este se dispunha a atacar os comunistas tinha total apoio tanto da imprensa quando de setores claramente anticomunistas que representava.

Assim, por esta última matéria, percebe-se que Juraci Magalhães não agiu com complacência em relação aos comunistas. Para Sampaio (1992, p.110-111), o governador teria agido condescendentemente com os comunistas em relação a ANL. Contudo, mesmo que aceitemos a tese que Juraci teria sido menos duro com os comunistas isto se deveu mais às ligações afetivas e familiares do que propriamente a uma inclinação ou pré-disposição ao ideário comunista.

Um jornal do interior baiano também dedicou espaço ao movimento de 1935.¹¹⁷

A sangrenta aventura extremista na madrugada de hontem
O governo sufoca na capital do paiz, os levantes do 3º RI da Praia
Vermelha e da Companhia da Escola de Aviação Militar no Campo dos
Afonso.

O movimento sedicioso do nordeste está completamente debelado. As afirmações do chefe de polícia do Distrito Federal, de que o movimento extremista estava articulado em vários pontos do paiz devendo assumir vastas proporções, depois de irromper na capital da República, foram mais uma vez confirmadas plenamente em face da sublevação das unidades militares na metrópole brasileira.

Imagine-se a gravidade da situação se porventura o governo se dispusesse de elementos suficientes e decisivos, não só para prevenir quaisquer tentativas de sedição no Rio como para sufocá-las com a maior presteza e energia.

Felizmente a polícia política e o serviço secreto de vigilância estava perfeitamente a par das atividades preparatórias de uma revolução extremista, em grande, e foi o próprio chefe de polícia quem revelou que o movimento verificado no norte não passava de uma armadilha para absorver a atenção do governo e desviar forças, desguarnecendo o sul, para então explodir no coração do paiz a insurreição armada com probabilidades seguras de rápido desenvolvimento no sentido de extensão e de intensidade.

Finalmente o governo, perfeitamente senhor da situação poud enfrentar com situação e calma o actual momento de agitação dominando todos os setores nos quais se pretendeu subverter a ordem e instaurar a anarquia. É evidente que as correntes ponderáveis opinião publica nacional encontram-se na atual emergência, perfeitamente solidárias com o governo, assistindo as medidas eficazes empregadas para normalisar o paiz. Podemos dizer agora que, dominada inteiramente a sedição no nordeste e sufocado o levante no Rio, cujas proporções foram reduzidas em face das anteriores providências de caráter preventivo, a nação reentra em completa calma, consciente de que o governo se acha aparelhado para assegurar-lhe a paz, a ordem e a tranquilidade.¹¹⁸

¹¹⁷ O jornal ilheense era publicado com periodicidade irregular.

¹¹⁸ Ver *Diário da Tarde de Ilhéus*, 28-11-1935, p.1

Ao contrário do que faz O Imparcial, o periódico de Ilhéus não explica os levantes pela ineficiência preventiva do governo. O jornal elogia as medidas adotadas que conseguiram evitar a expansão do movimento pelo país

Após Novembro de 1935, seguiu-se relatos de conflitos e ações muitos deles ocorridos na Bahia imputados aos membros da ANL e a comunistas e uma verdadeira onda de notícias de prisões de possíveis participantes das “sedições” daquele mês.

4.3.ENTRE OS ANOS DE 1935 E 1937: A PERSEGUIÇÃO AOS COMUNISTAS

Neste último item, trataremos basicamente dos efeitos para os comunistas e em geral os oposicionistas ao governo Vargas após a chamada “Intentona Comunista” e de alguns meses antes do golpe de 1937. Devido a enorme quantidade de matérias publicas pela imprensa bahiana no período, optamos em focar aquelas que tratam de aspectos, atividades e idéias do comunismo na Bahia e pontualmente, quando for indispensável, de algumas notícias redigidas pelos periódicos bahianos sobre fatos ocorridos em outros estados.

Seguiu-se às insurreições de 1935 uma onda de prisões e uma campanha anticomunista como jamais havia sido vista na imprensa em geral. Sem exagero, o Diário de Notícias passou a publicar uma coluna chamada “coluna das prisões”.¹¹⁹ Na Bahia, onde não houve insurreição militar, as notícias de prisões, invasões a residências e buscas de pessoas, também aconteceu, como na prisão do Engenheiro Valle Cabral da Escola Agrícola:

A polícia da Bahia, consoante vem fazendo a polícia de todos os estados do país, tem tomado as mais rigorosas providências em torno de pessoa apontadas nesta capital, com actividades extremistas. Nesse sentido as medidas postas em prática pela nossa organização policial, teem sido de molde a apurar, detalhadamente, as responsabilidades dos envolvidos, directa ou indirectamente, nesse Estado, nos últimos acontecimentos verificados no Brazil.

(...)

Agora polícia bahiana, em diligência feliz, effectuada na residência do engrº Valle Cabral, professor de nossa Escola Agrícola, pôde apreender dentre outros documentos que o responsabilizam como elemento implicado nas actividades desenvolvidas nesta capital em favor do extremismo russo, um livro de actas das sessões que alli se realizavam pelo qual pôde, a polícia

¹¹⁹ Ver *Diário de Notícias*, 09-12-1935, p. 1

bahiana, constatar os nomes dos elementos que a ellas compareciam, cujos passos estão sendo seguidos. O engrº Valle Cabral, que esta sendo procurado activamente pela polícia e que, ao que se acredita, não poderá ter saído do estado, continua no entretando, até agora, com paradeiro ignorado.¹²⁰

A disposição da polícia na Bahia era perseguir e prender pessoa ligadas ou supostamente ligadas à alguma atividade que fosse considerada “suspeita”. A pessoa apontada como comunista estava sujeita a investigação policial:

RESULTADO DE SINDICÂNCIA

José Euclides Gomes – Acusado de participação no movimento comunista de Ilhéus, em 1935, conforme instaurado naquela localidade, e enviado ao Tribunal de Segurança Nacional. Em Maio de 1939, o referido Tribunal, enviou a auditoria da 6º Região Militar, uma carta precatória denunciando-o perante o mesmo Tribunal como incurso no art. 4º da lei 38 de 1935 convidando-o para no prazo legal, apresentar as suas defesa sob pena de revelia. Em 30 de janeiro de 1940, foi absolvido pelo Tribunal por não haver elementos capazes de confirmar qualquer ato criminoso, sendo apenas apontado ou citado como comunista pela “vez corrente” juntamente com outros que pertenceram a Aliança Nacional Libertadora quando ainda não fechada, e, outros pertencentes ao comunismo em tempo indeterminado, acrescendo a circunstância de que até colaborou na descoberta do plano de Ilhéus, no qual fora envolvido apenas por desconfianças.¹²¹

Como se vê, as atividades políticas “suspeitas” eram casos para a polícia cuidar. Podemos ir mais longe. Crimes comuns passaram a ser sistematicamente relacionados, durante algum tempo, aos comunistas. Os relatos dos periódicos bahianos não pouparam espaços para, em outras palavras, “denunciar” atividades consideradas subversivas como o desvio de armas no Instituto Nina Rodrigues, depois de, na mesma matéria relatar prisões do engrº Valle Cabral e de Fernando Gomes, “procurado pela polícia carioca”.¹²²

Por último já foi publicado no “Diário Oficial” um apontaria mandando fazer uma diligência rigorosa e inquérito no Nina Rodrigues, para apurar o desvio de armas, etc. daquelle Departamento Estadual.¹²³

4.3.1.O caso do ataque ao jornal O Imparcial¹²⁴

¹²⁰ Ver *Diário de Notícias*, 09-12-1935, p. 1

¹²¹ Ver Processos caixa 6457 maço 1 1895 – 1945. Resultado de sindicância do Sr. José Euclides Gomes. Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB)– 16-04-1943.

¹²² Ver *O Imparcial*, 10-12-1935, p. 1

¹²³ Idem

¹²⁴ O jornal *Diário de Notícias* copia a notícia na sua edição de 11-12-1935 nas páginas 1 e 3

No dia 10 de Dezembro de 1935, às 22 horas, O Imparcial teria sido alvo de um ataque à bomba por comunistas “agentes bolchevistas”.¹²⁵ Apesar de não saberem ao certo quem foram os indivíduos que puseram a bomba no edifício-sede (“indivíduos até agora não identificados” ¹²⁶), os jornalistas d’O Imparcial não tiveram dúvidas em apontar os comunistas como autores do “atentado”. É evidente que por ser um jornal completamente atrelado ao integralismo e inserido no combate ao comunismo, vivendo num período de total repressão policial e política, sua postura não poderia ter sido outra, a não ser imputar toda a responsabilidade aos comunistas.

Utilizando-se de expressões como “covarde atentado” e “vil atentado”, a associação que se fazia entre a violência do ataque, onde paradoxalmente ninguém saiu ferido pela própria descrição dos fatos feita pelo jornal, e o comunismo, deixava clara a intenção de manter o temor às novas possíveis ações do comunismo na capital bahiana. A impressão que nos passou os jornais durante alguns meses logo após os eventos do final de 1935 – em intensidades diferentes - é que o comunismo bahiano estava plenamente engajado e organizado para elaborar e executar planos de ataques violentos contra instituições de uma maneira geral. Mas não é isso que sucede.

A questão se cinde numa maior aproximação do discurso anticomunista entre os diversos jornais. Houve uma maior conscientização de que o “perigo” comunista era enorme e bastante próximo. É neste sentido que “os jornais ajudaram a criar o ambiente de pânico que medrou no interior de alguns grupos sociais após o levante” (MOTTA, 2002, p. 196).

4.3.2. Os ataques às estações de energia da Lapinha e de Sant’Anna

As notícias de eventos violentos ocorridos em ambas as estações guardou, pela depreensão que fizemos das matérias, com os levantes nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro. Tal como no ataque ao O Imparcial, os autores seriam os comunistas.

¹²⁵ Ver *O Imparcial*, 11-12-1935, p.1

¹²⁶ Idem

Na estação de energia da Lapinha da Companhia Circular da Bahia¹²⁷, os “assalariados da Rússia”¹²⁸ a teriam invadido mas não conseguiram “levar a efeito seus planos danificadores” por conta da resistência dos soldados da polícia que ali estavam¹²⁹.

No segundo caso - a Estação de Sant’Anna – a descrição seguiu os mesmos parâmetros redacionais e discursivos, buscando mostrar a ação dos supostos comunistas em tentar destruir mais uma subestação. Ação teria como alvo de bomba os transformadores. No final da matéria o jornal comenta:

Estes atentados sucessivos trazem a cidade numa situação de insegurança e intranquilidade de que é forçoso terminar. A polícia deve continuar incansável nas diligências para subtrair à actividade os perturbadores da ordem os communistas dynamiteiros que infelizmente, já estão sendo descobertos...¹³⁰

4.3.3.A prisão de Prestes

Um dos eventos marcantes para a imprensa brasileira e por conseguinte bahiana, de uma maneira geral, em 1936 e que ganhou grande destaque nas capas dos jornais foi a prisão de Luís Carlos Prestes, líder da coluna que percorreu 25 mil quilômetros em 1927, membro do PCB, presidente de Honra da proscrita ANL e comandante das insurreições militares de 1935.

Desde que Prestes manifestou sua adesão ao comunismo, após a extinção da Liga de Ação Revolucionária (LAR)¹³¹, os jornais passaram a repudiá-lo, apesar da sua filiação ao PCB ter se dado em Agosto de 1934 por ordem expressa da Internacional Comunista (IC).¹³² Em 1935 é escolhido Presidente de Honra da Aliança Libertadora Nacional.

Após o fechamento da ANL em 11 de Julho de 1935, Prestes passara a entrar em contato com companheiros militares para continuar a luta, agora pela via

¹²⁷ Lembremos que esta mesma companhia teve seu edifício-sede alvejado por populares no dia 4 de Outubro de 1930, devido aos aumentos nos preços das passagens de bondes, dentre outros motivos relatados em capítulo anterior.

¹²⁸ Ver *O Imparcial*, 13-12-1935, p.1

¹²⁹ Idem

¹³⁰ Ver *O Imparcial*, 10-12-1935, p.1

¹³¹ Grupo de tenentes liderados por Prestes com o objetivo de continuar a luta empreendida pela Coluna Miguel Costa – Luís Carlos Prestes. Foi criada em Julho de 1930 mas teve curta duração

¹³² A resistência do PCB se deveu principalmente ao momento por que passava. O período da proletarianização, que havia sido implantado no partido a partir do V Congresso da Internacional em 1928, provocou a regeneração da direção e dos quadros do partido. Luís Carlos Prestes, considerado pelos comunistas brasileiros como um pequeno caudilho-burguês, não desejavam a sua filiação.

armada. Sem entrar na polêmica historiográfica que circunda o tema, o apoio do Comitê Executivo da Internacional Comunista, que vinha acompanhando a situação brasileira com informações vindas do Brasil, se não foi decisivo foi importante a tal ponto que enviou pessoas para auxiliar a tentativa de *putsch*.

Portanto, a figura de Prestes foi das mais importantes na década de 1930 e do século XX como um todo. Anormal seria se sua prisão não tivesse tido nenhuma repercussão na imprensa. A questão é o alcance que isso foi dado pelos jornais bahianos e suas conseqüências para o combate ao comunismo.

Em volta de muita especulação sobre o paradeiro do líder comunista, os jornais bahianos também se batiam em saber onde estava Prestes. Chegou-se a cogitar que Prestes se encontrava na Bahia, no interior, entre os municípios de Lapa e Carinhanha, “pois sempre acreditou na conveniência de preparar um golpe, partido da região de São Francisco”.¹³³ Depois da devassa ocorrida na ANL pela polícia, vários documentos evidentemente chegaram a imprensa. Possivelmente um deles, escrito por Arthur Ewert, afirmava ser a região de São Francisco na Bahia, um lugar em preparação para a revolta.¹³⁴

A prisão de Prestes aconteceu em 5 de março de 1936 no Rio de Janeiro. Os espetaculares títulos das manchetes são justificados pelo sucesso da operação policial como esta do *A Tarde*: “A sensacional prisão do chefe russo no Brazil”¹³⁵

Já o Diário de Notícias considerou uma vitória para o país que estaria assim livre das “influências da hydra comunista que lhe tentou dominar as posições, subvertendo a ordem, e espharelando as mais sagradas instituições que o tradicionalismo brasileiro construiu”.¹³⁶ Foi importante para o Diário de Notícias a prisão do líder comunista por que mesmo escondido “abrigado no território nacional, pessoalmente, traçava planos, aconselhava attitudes, dirigia movimentos”.¹³⁷

4.3.4. Campanha Anticomunista¹³⁸

¹³³ Ver *Diário de Notícias*, 04-02-1936, p. 1

¹³⁴ Este documento foi escrito em 6 de Junho, portanto antes da revolta. Seu teor foi extraído de PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da ilusão**: a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

¹³⁵ Ver *A Tarde*, 06-03-1936, p.1

¹³⁶ Ver *Diário de Notícias*, 06-03-1935, p.1

¹³⁷ Idem

¹³⁸ Não temos dúvida e é está claro que a campanha anticomunista se dava em diversos veículos de comunicação, em instituições como a Igreja e nos governos. O que estamos a discutir neste item é propriamente a

A campanha anticomunista foi intensa, mas mudou de tom em relação aos anos anteriores a 1935. Após os levantes, o foco passou a ser justamente o combate à propaganda comunista que estaria sendo realizada em diversos espaços públicos.

Para os jornais bahianos todos a propaganda comunista continuava, através de boletins que eram lançados de aviões (sic) que sobrevoavam a cidade de Salvador de madrugada, principalmente sobre as fábricas da região da Boa Viagem. Isto era responsabilidade, afirmou o Diário de Notícias dos “agentes extremistas que continuam a agir misteriosamente, nesta cidade”.¹³⁹

Outro meio de propaganda comunista era a distribuição de folhetos em diversos pontos de grande confluência humana, como a Estrada de Ferro e a Biblioteca Pública. Nesta, interessante era a forma de fazer chegar o leitor o folheto:

Muitos destes bolletins teem sido até mettidos entre as folhas de livros da biblioteca!¹⁴⁰

Parece que a maior preocupação dos jornais era com as escolas. Duas notícias retrataram a atenção com relação a influência comunista no meio estudantil. Uma primeira bastante interessante é uma nota explicativa acerca da negativa do diretor do então Gynmasio da Bahia em permitir a prolação de idéias integralistas que seriam feitas por um homem chamado de Oldegar Vieira. O diretor, Clemente Guimarães, justificou tal proibição por que não “era permitida a propaganda de ideologias políticas”.¹⁴¹ Em resposta, Oldegar Vieira teria provas de que na unidade escolar havia propaganda comunista (“propaganda materialista dissolvente dos princípios cristãos”¹⁴²). Algumas conversas com os alunos e um jornalzinho editado pelo grêmio escolar - escrito por “jornalistazinho, que por sinal titubeante, confuso e asneirento” demonstrariam que a escola estaria sob a influência de “actividades perniciosissimas de certos elementos que se fazem amigos dos alumnos para lhes infiltrar no espírito, o gérmen do negócio”¹⁴³.

contrapropaganda, através da exposição sucinta feita pelos jornais da divulgação de idéias comunistas e conseqüentemente dos perigos que isto representava para a ordem, na visão dos setores anticomunistas.

¹³⁹ Ver *Diário de Notícias*, 07-02-1936, p.1

¹⁴⁰ Ver *O Imparcial*, 12-12-1935, p. 8

¹⁴¹ Ver *O Imparcial*, 14-06-1936, p. 3

¹⁴² Idem

¹⁴³ Idem

A segunda é mais curta mas não menos importante. Trata-se de uma ordem dada pelo governador Juraci Magalhães ao secretário de educação para celebrar uma reunião “a fim de ser estabelecida orientação a adoptar-se nos estabelecimentos de ensino no combate ao comunismo e na defesa das instituições vigentes”¹⁴⁴

4.3.5.O ano de 1937

Entre o segundo semestre de 1936 e o primeiro de 1937, houve uma diminuição do anticomunismo da imprensa, ao comparar-se com o final de 1935 e o primeiro semestre de 1936. Para Motta isto se deveu principalmente “à percepção do sucesso alcançado: conseguiu-se consolidar na mentalidade popular uma imagem execrável dos comunistas e o Estado fora aparelhado para reprimir qualquer tentativa subversiva.” (MOTTA, 2002, p. 214)

A ebulição política que o país passou a viver por conta da eminência das eleições que seriam realizadas no final de 1937 seria um fator para as especulações sobre a continuidade ou não de Vargas no poder. A disputa política que já havia começado em finais de 1936 com a colocação de candidaturas à presidência, seria mais um pretexto para que realizassem “um trabalho sinistro de intriga e ódio visando acima de tudo, a desmoralização do Governo da República e a subversão das instituições racionais”.¹⁴⁵ Além disso a sensação de volta a normalização institucional com a soltura de vários presos políticos despertou novo temor por parte da imprensa sobre o retorno às atividades de comunistas e radicais em geral.

A partir de Setembro, aumentavam-se as discussões sobre um possível movimento que levaria o país a um outro regime, mais duro e enormemente arraigado no anticomunismo.

Uma série de mensagens publicadas no Diário de Notícias promovendo a candidatura à presidência do Ministro da Viação, José Américo de Almeida, situava-o como um defensor da democracia e combatente do comunismo. Vejamos uma:

A palavra da Bahia tem o mesmo sentido cívico dos grandes feitos em que ella se empenhou, na História. Seus filhos, vigilantes defensores das sagradas aspirações que allicerçam o regimen, formarão uma só

¹⁴⁴ Ver *O Diário de Notícias*, 04-11-1937, p. 1

¹⁴⁵ Ver *O Imparcial*, 22-06-1937, p.1

legião, contra os planos sinistros dos mercenários vermelhos. À frente de seus destinos, Juraci Magalhães colocou-a no sector que lhe cabia, ao lado da figura serena de Getúlio Vargas, contra os empreiteiros malditos da miséria colectiva, e à frente das hostes que consagraram José Américo como seu candidato a futuro presidente da República.¹⁴⁶

O comunismo passou a ser usado mais intensamente a partir de 1935 como um elemento de promoção para aqueles que se diziam anticomunistas. Se de fato a elite política brasileira não nutria nenhuma simpatia pelo comunismo, uma parte dela se utilizava do que, Rodrigo Pato Sá Motta, iria descrever como “indústria do comunismo” para algum ganho político. Atacar o comunismo era o mesmo que angariar prestígio político.

¹⁴⁶ Ver *Diário de Notícias*, 27-10-1937, p.1

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O anticomunismo desempenhou papel importante no embate político durante o século XX. Muitas organizações, personalidades, partidos e governos tomaram para si a bandeira de luta contra o comunismo como algo extremamente importante, parte da sua história política e muitas vezes essencial para o apoio que aspiravam conquistar perante a sociedade.

Para isto, a produção de um imaginário anticomunista que remonta ao período da Revolução Russa ainda na década de 1910 foi essencial na consolidação do comunismo como um “perigo” para a sociedade. Sem que tivesse havido a transmissão de idéias sobre o comunismo naquele período, mostrando seus “males” e “problemas” já verificados na Rússia soviética, antes dos embates da década de 1930, a percepção sobre o comunismo e a exacerbação do anticomunismo teria tido uma outra dimensão, mesmo na conservadora sociedade bahiana.

Na década de 1930, não obstante o temor ao comunismo já existente, foi o período onde o anticomunismo conseguiu mobilizar mais pessoas e esforços de uma maneira geral. Parte buscou tão somente manipular o anticomunismo para, através do medo, conseguir alguma projeção política ou simplesmente o combate ao comunismo. Contudo outra parte acreditava realmente que existia um perigo que ameaçava a sociedade e que seria necessário extirpá-lo. Tanto em um grupo como em outro, a esfera governamental, cada vez mais dedicada a vigiar de perto os comunistas, encontrou apoio para o cerceamento de direitos como aconteceu durante a segunda metade do ano de 1935 ou a perpetuação no poder, no golpe de 1937. Todos estes atos tomados a partir da perspectiva da suposta “ameaça vermelha”.

A imprensa, como a detentora da “verdade” cumpria o papel de manter a sociedade em “alerta” em relação ao comunismo. Neste sentido, os jornais bahianos não diferiram tanto em relação aos outros do centro-sul. A partir de sugestões educativas, da publicação de fatos violentos ou de desordem supostamente cometidos por comunistas, os jornais da imprensa bahiana iam difundindo a idéia de que o comunismo era uma idéia que não se coadunava com o povo bahiano.

A animosidade e a rejeição ao comunismo eram características comuns a todos os jornais da grande imprensa pesquisados. Não houve uma matéria sequer

que fizesse alguma consideração mais amena em relação ao comunismo. Desconstruir o comunismo como forma de construir conceitos a partir da visão anticomunista era o princípio básico e norteador. Não importava qual fosse o tema (Rússia, greves, mobilizações em geral) ou mesmo uma das fontes discursivas do anticomunismo (Igreja ou integralismo), primordial era dar ao leitor bahiano uma idéia de comunismo que se amoldava perfeitamente àqueles que o desejavam distante: a Igreja, os integralistas, o governo, os militares. O comunismo na imprensa bahiana era visto como um problema nacional da qual a Bahia apenas fazia parte, e não local, apesar das inúmeras referências a eventos ocorridos na Bahia

Assim, nos três blocos temáticos, perpassou a sensação de que o anticomunismo na Bahia na década de 1930 foi um instrumento do governo para se fortalecer, notadamente no período Juraci Magalhães, quando perseguiu e prendeu comunistas. Mas não apenas isto. O anticomunismo encontrou na imprensa bahiana, composta por parte das elites políticas e/ou classes dirigentes, um tema constante que servia ao mesmo tempo para conquistar leitores pela forma como as manchetes eram publicadas e consolidá-la como defensora da ordem institucional.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cristiano Cruz. **Comunicação “A Geração do Demônio: o Imaginário Anticomunista na Bahia de 1917 até 1937”**. Anais do II Encontro Estadual de História: Historiador, “a que se destina?” Feira de Santana, Julho/2004.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **Totalitarismo e revolução - o integralismo de Plínio Salgado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

BACZKO, Bronislaw. *O Imaginário Social*. **Enciclopédia Einaudi. V. 5. Anthropos - homem**. Lisboa: Imprensa Oficial, Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BAHIA, Juarez. **Jornal: história e técnica**. São Paulo: IBRASA, 1972.

BANDEIRA, Moniz; MELO Clóvis; ANDRADE, A.T. **O Ano Vermelho: A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, nº 40, p. 85 – 105, 2001.

BUENO, Wilson da Costa. **Caracterização de um objeto conceitual para análise da dicotomia imprensa industrial / imprensa artesanal**, 1977, Dissertação (Mestrado em História). USP. São Paulo (mimeo)

BURKE, Peter (org). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

CALAZANS, José Brandão da Silva. **A Revolução de 1930 na Bahia**. Salvador: UFBa, 1980.

CAPELATO, Maria helena Rolim; PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no Jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

_____. O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920-1945). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 12, n. 23/24, p. 55-75, set. 1991-ago. 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir. **Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papirus, 2000.

CARONNE, Edgard. **Brasil: Anos de Crise (1930 – 1945)**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **A Segunda República (1930 – 1937)**. São Paulo: DIFEL, 1974.

_____. **Brasil: Anos de Crise (1930 – 1945)**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. “Contra o bolchevismo: o programa da ANL (1935)”. In **Movimento Operário no Brasil (1877 –1944)**: São Paulo: DIFEL, 1984.

CARVALHO, Patrícia Carneiro Santos Moreira. **Juracy Magalhães e a construção do juracisismo: um perfil da política da Bahia**. Dissertação (Mestrado em História), UFBA, 2005, p. 172.

CASTELUCCI, Aldrin Armstrong Silva. **Flutuações econômicas, crise política e greve geral na Bahia da Primeira República**. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.25, nº 50, p. 131-166, 2005.

_____. **Salvador dos Operários**: uma história da greve de 1919 na Bahia, 2001. 152 p. Dissertação (Mestrado em História). UFBA. Salvador.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). **Topoi**. Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 354-388. Consultado em 05/04/2008 no site: <http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/topoi5a15.pdf>

CHARTIER. Roger. **A história cultural: entre práticas e representações sociais**. Rio de Janeiro: Difel-Bertrand Brasil, 1990.

CHASIN, José. **O Integralismo de Plínio Salgado (forma de regressividade no capitalismo hipertardio)**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

D'ARAUJO, Maria Celina. **Justiça Militar, segurança nacional e tribunais de exceção**. Trabalho a ser apresentado 30º Encontro Anual da ANPOCS. GT08 - Forças Armadas, Estado e sociedade. 24 a 28 de outubro de 2006. Caxambu, MG. Consultado em 28/06/2008 no site: <http://www.cpdoc.fgv.br/projetos/cfa21/args/anpocs2006/103.pdf>

DE DECCA. Edgar. **1930: O Silêncio dos Vencidos**. 6º ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DINIZ, Eli. O Significado da Revolução de 30: conservação ou mudança?. In FAUSTO Boris (org.) **O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**. 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004 (História Geral da Civilização Brasileira).

DUTRA, Eliana Regina. O fantasma do outro – espectros totalitários na cena política brasileira dos anos 30. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1991/1992, v. 12, n. 23/24, p. 125-141.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. **Educação e assistência social**: as estratégias de inserção da Ação Integralista Brasileira nas camadas populares em O Imparcial (1933-1937). 2006, p. 134. Dissertação (Mestrado em História). UFBA. Salvador

FONTES, José Raimundo. **A Bahia de todos os trabalhadores: a classe operária, sindicato e política**. Tese (Doutorado em História). USP. São Paulo, 1997.

_____. **Manifestações operárias na Bahia: o movimento grevista (1888-1930)**, 1982, 274 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). UFBA. Salvador.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GÉRTZ, René. **O fascismo no sul do Brasil: Germanismo, nazismo, integralismo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil. In SOHIET, Rachel et alli (orgs.). **Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

GONÇALVES, Marcos. **Os arautos da dissolução: Mito, imaginário político e afetividade anticomunista, Brasil (1941-1947)**. 2004. 178 p. Dissertação (Mestrado em História) UFPR, Curitiba.

_____. Para nunca mais esquecer: elementos do mito da conspiração no imaginário anticomunista brasileiro. **Revista História Hoje**, São Paulo, nº 4, 2004.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX(1914-199)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KONDER, Leandro. **A derrota da dialética**: a recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos 30. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

LAMOUNIER, Bolivar. Formação de um Pensamento Político autoritário da Primeira República.. In FAUSTO Boris (org.) **O Brasil republicano, v. 2: sociedade e instituições (1889-1930)**. 7º ed. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2004 (História Geral da Civilização Brasileira)”.
_____. **O Regime de Vargas, 1934-1938**: os anos críticos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LEVINE, Robert. **O Pai dos Pobres? – O Brasil e a era Vargas**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. **O Regime de Vargas, 1934-1938**: os anos críticos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo: enxada e voto**. 3º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Paris: Gallimard, 1994.

_____. **História e Memória**. 4º ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

LINS, Marcelo da Silva. **Os vermelhos nas terras do cacau: a presença comunista no sul da Bahia (1935-1936)**. 2007.178 p. Dissertação (Mestrado em História). UFBA. Salvador.

MAGALHÃES, Juraci. **Minhas memórias provisórias: depoimento prestado ao CPDOC**. COORD. ABREU, Alzira Alves de; VASCONCELLOS, Eduardo Raposo; FARAH, Paulo César. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. **Ação Integralista Brasileira – um movimento fascista no Brasil (1932 – 1938)** In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Brasil Republicano, vol. 2 – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MARIANI, Bethânia. **O PCB e a imprensa**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAP, 1998.

MEDEIROS, Jarbas **Ideologia autoritária no Brasil (1930-1945)**. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

MILLS, C. Wright. **A elite do poder**. 3º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá. **Em Guarda Contra o Perigo Vermelho**. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In FERREIRA, DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). **O Brasil Republicano – O tempo de nacional-estatismo :do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PÊCHEUX, M. **O Discurso - estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1983.

PEIXOTO JUNIOR, José Carlos. **A ascensão do nazismo pela ótica do Diário de Notícias da Bahia, 1935-1941: um estudo de caso**. 2003. 166 p. Dissertação (Mestrado em História). UFBA. Salvador.

PEREIRA, Edvaldo Simas. **O jornalismo, o jornalista e a grande empresa jornalística no Brasil**. 1987. 277 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação). UFRJ. Rio de Janeiro.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

POULAT, Emile. Integralismo. In BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 12º ed. Brasília: Editora UnB, 2004,

PRESTES, Anita Leocádia. **70 anos da aliança nacional libertadora (ANL)**.

Consultado em 02/07/2008 no site:

http://www.hcomparada.ifcs.ufri.br/70anos_anitaleocadia.doc

RANGEL, Monique Benati. **A Construção da Autoridade Jornalística: Onisciência e Onipresença Fundamentando o Poder Simbólico do Jornalismo** Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. 2004, 16 p. Consultado em 30/03/2008 no site: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17310/1/R1856>

RÉMOND. René. Por que a história política? **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 7-19.

RODEGHERO, Carla Simone. **Imaginário Anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. 2º ed. Passo Fundo: UPF, 2003.

SACCOMANI, Edda. Fascismo. In BOBBIO, Norberto et alli. **Dicionário de Política**. 12º Brasília: Ed. UNB, 2004

SALGADO, Plínio. **Literatura e Política**. São Paulo: Editorial, 1927.

SAMPAIO, Consuelo Novais. Movimentos Sociais na Bahia de 1930: condições de vida do operariado. **Universitas**, Salvador, nº 29, 95-108, Jan./abr. 1982.

_____. **Partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação**. Salvador: EDUFBA, 1998.

_____. **Poder e Representação: o legislativo na Segunda República 1930 – 1937**. Salvador: Assembléia Constituinte – Assessoria de Comunicação Social, 1992.

SANTOS, José Weliton Aragão. **Formação da Grande Imprensa na Bahia**. 1985. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) UFBA. Salvador.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. **A República do povo: sobrevivência e tensão (1890-1930)**. Salvador: EDUFBA, 2001.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. “Paradigma e História: a ordem burguesa na imaginação social brasileira”. In **Ordem burguesa e liberalismo político**. São Paulo. Duas Cidades, 1978.

SILVA, Carla Luciana. **Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)**. Porto Alegre: EDIPUCRGs, 2001.

SOIHET, Rachel. **O povo na rua: manifestações culturais como expressão de cidadania**. In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). *O Brasil Republicano – O tempo de nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1980.

SENA JR., Carlos Zacarias f. Frente única, frente popular e frente nacional: anotações históricas sobre um debate presente. **Anais do V Colóquio Internacional Marx-Engels**. Campinas: Unicamp, 2007. Consultado em 30/03/2008 no site: http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/qt7/sessao3/Carlos_Zacarias.pdf

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. São Paulo: Editora UNESP; Bahia: EDUFBA, 2001.

TRINDADE, Héglio. **Integralismo – o fascismo brasileiro na década de 1930**. 2º ed. São Paulo: Difel, 1979.

_____. Integralismo: teoria e prática política nos anos 30. In FAUSTO Boris (org.) **O Brasil republicano, v.3, tomo 3: sociedade e política (1930-1960)**. 7º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004 (História Geral da Civilização Brasileira).

TRONCA, Ítalo. **A Revolução de 30: a dominação oculta**. 8º ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

VASCONCELLOS, Gilberto. **A Ideologia curupira (análise do discurso integralista)**. 1977. Tese (Doutoramento em Ciências Sociais). USP. São Paulo.

VIANNA, Marly de Almeida G. O PCB, a ANL, as insurreições de Novembro de 1935. In FERREIRA, Jorge; DELGADO. Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano – o tempo do nacional-estatismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Pão, terra e liberdade: memória do movimento comunista de 1935**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, s/d.

FONTES

1.Biblioteca Pública do Estado da Bahia - BPEB : Setor de Jornais Raros

Salvador: A Tarde (1930 a 1937)

Diário da Bahia (1930 a 1934).

Diário de Notícias (1930 a 1937).

O Imparcial (1931 a 1937)

Estado da Bahia (1933)

Feira de Santana: Folha do Norte (1930 a 1936)

Ilhéus: Diário da Tarde (1930 a 1937)

2.Arquivo Público do Estado da Bahia

Seção Republicana

Secretária de Governo

- Cartas, telegramas e recortes de jornais (1889-1934). Caixa: 2287
- Ofícios, processos, relatórios, memorial, anexo telegramas (1933-1940).Caixa: 2281
- Telegramas e ofícios (1931-1932). Caixa: 2282

Secretaria de Segurança Pública – Grupo: gabinete do secretário

- Série – correspondências recebidas e expedidas. Assunto: Frente Universitária Democrática da Bahia: Movimento Estudantil. Caixa 5, maço 1 (1890-1946).
- *Habeas Corpus* de José Rodrigues da Silva. Caixa 15, maço 21

Secretária da Justiça – Grupo: gabinete

- Relatório da vida penitenciária bahiana, 03 unidades, notação 3579/3595/3597.

Assembléia Legislativa

- Seção: Legislativa (Conselho Consultivo do Estado da Bahia) – Série: atas das sessões. Livro 379 (1932-1935)
- Seção: Legislativa (Conselho Consultivo do Estado da Bahia) – Série: pareceres. Livro 382 (1932 – 1935)

- Seção Legislativa (Assembléia Legislativa do Estado da Bahia) – Série: discursos. Livro: 977 (1935-1937)
- Anais da Assembléia Constituinte Estadual ou discursos.

3. Associação Comercial da Bahia

- Boletins: 1932 – v. 23 jan/set (4/12); 1935 – v.37 jan(4), mar/set(6/12), out/dez(1/3)

4. Diário Oficial da Bahia

- Edições diárias dos meses de Outubro, Novembro e Dezembro de 1930

A TARDE

BAHIA — Quinta-feira, 3 de Maio de 1934

AS PESSOAS DE EDADE AVANÇADA GANHAM FORÇAS COM O ÓLEO DE FIGADO DE BACALHAU.

O Óleo de Fígado de Bacalhau, grande fortificante, concentrado em pastilhas debaixo da marca: Tenho poderes e de gosto agradável.

Não há dúvida: nada mais saudável do que o bacalhau, e nada mais saudável do que o óleo de fígado de bacalhau. Este óleo contém as vitaminas A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z, e todas as vitaminas essenciais para a saúde humana. É um produto natural, sem aditivos químicos, e é muito fácil de digerir. É indicado para todas as pessoas, especialmente para as de idade avançada, que precisam de um reforço nutricional. É vendido em pastilhas de gosto agradável, e é muito fácil de levar para qualquer lugar.

PEQUENOS FACTOS POLICIAES

QUEM SE CONTA COM AQUELA QUANTIA

O menor Góes Monteiro, filho de João Góes Monteiro, nasceu em 11 de Maio de 1934, em São Paulo, e veio para a Bahia com a família. Ele é um menino muito inteligente e estudioso, e já se destaca por suas boas notas na escola. Seu pai, João Góes Monteiro, é um homem muito sério e dedicado ao trabalho, e é muito orgulhoso do filho. Ele sempre incentiva o filho a estudar e a ser uma pessoa honesta e trabalhadora.

BATALHÃO ESPANHOLIZADO

O Batalhão de Polícia de São Paulo, conhecido como o Batalhão Espanholizado, é um dos mais famosos e temidos da cidade. É formado por policiais muito experientes e bem treinados, e é conhecido por sua disciplina e eficiência. É muito respeitado pela população, e é considerado uma das instituições mais importantes da cidade.

QUEM SE CONTA COM AQUELA QUANTIA

Além do menor Góes Monteiro, há outros nomes que se destacam na cidade. Há muitos jovens muito talentosos e dedicados ao estudo, e há muitos profissionais muito capazes e experientes. Todos eles contribuem para o desenvolvimento da cidade e para a melhoria da vida da população.

CINEMA LYCEU

Amazônia no Estreito — Amazônia — Formidável espetáculo completo de 150 — ORDEM DE PROGRAMA:

1.ª Sessão: "O Rei do Carnaval" — com Henry O'Neil e Myrta D'Ávila.

2.ª Sessão: "O Rei do Carnaval" — com Henry O'Neil e Myrta D'Ávila.

3.ª Sessão: "O Rei do Carnaval" — com Henry O'Neil e Myrta D'Ávila.

4.ª Sessão: "O Rei do Carnaval" — com Henry O'Neil e Myrta D'Ávila.

5.ª Sessão: "O Rei do Carnaval" — com Henry O'Neil e Myrta D'Ávila.

6.ª Sessão: "O Rei do Carnaval" — com Henry O'Neil e Myrta D'Ávila.

7.ª Sessão: "O Rei do Carnaval" — com Henry O'Neil e Myrta D'Ávila.

8.ª Sessão: "O Rei do Carnaval" — com Henry O'Neil e Myrta D'Ávila.

9.ª Sessão: "O Rei do Carnaval" — com Henry O'Neil e Myrta D'Ávila.

10.ª Sessão: "O Rei do Carnaval" — com Henry O'Neil e Myrta D'Ávila.

ALTERADA A REGULAÇÃO DA ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL

BAHIA, 27 de Abril de 1934.

O Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, em sessão extraordinária, decidiu alterar a regulamentação da profissão de advogado. A nova regulamentação prevê a criação de uma Ordem dos Advogados do Brasil, que será a única entidade responsável pela regulamentação da profissão de advogado no Brasil. Esta decisão foi tomada após uma longa discussão e foi aprovada por unanimidade.

COMMUNISTAS NA BAHIA?

Um grupo de exaltados, no dia 1.º de Maio, surge em Plataforma, pregando e escrevendo nas paredes da estação ferroviária dizeres de propaganda do credo de Moscovo.

Um dos grupos de exaltados, no dia 1.º de Maio, surge em Plataforma, pregando e escrevendo nas paredes da estação ferroviária dizeres de propaganda do credo de Moscovo.

A propaganda social abstrata em todo o mundo, no momento atual, não é mais uma simples propaganda, mas uma verdadeira revolução. É uma revolução que visa à transformação da sociedade, e que é baseada nos princípios do comunismo. É uma revolução que é muito difícil de entender para as pessoas que não estão familiarizadas com os conceitos comunistas. No entanto, é uma revolução que é muito necessária para a humanidade, e que é a única maneira de alcançar a verdadeira liberdade e a verdadeira justiça.

Um dos grupos de exaltados, no dia 1.º de Maio, surge em Plataforma, pregando e escrevendo nas paredes da estação ferroviária dizeres de propaganda do credo de Moscovo.

ULTIMA

O GOVERNO CONSTITUCIONAL BAHIA

RIO, 2 (A Tarde) — Ovidio pelo "Diário Oficial", o deputado Paulo de Oliveira declarou que a cada dia da atual intervenção para o governo constitucional da Bahia com o fim de pôr fim à ditadura, há de ser o primeiro a ser escolhido para o cargo de governador.

EN CAMINHO DE UMA SOLUÇÃO MARHONISA

RIO, 2 (A Tarde) — O Sr. João Carlos Machado, secretário do Interior do Rio Grande do Sul, declarou que não tem nada a ver com a situação política atual do Brasil. Ele afirmou que ele é apenas um funcionário público, e que ele não se envolve em questões políticas. Ele também afirmou que ele não tem nada a dizer sobre a situação política atual do Brasil.

TELEGRAMA QUE O GOVERNADOR NOSTRO ENVIARÁ AO SENADOR DA CASA

RIO, 2 (A Tarde) — F. A. de Oliveira, chefe da delegação do Rio Grande do Sul, declarou que não tem nada a ver com a situação política atual do Brasil. Ele afirmou que ele é apenas um funcionário público, e que ele não se envolve em questões políticas. Ele também afirmou que ele não tem nada a dizer sobre a situação política atual do Brasil.

AMARALIS ARAIÇA AS CARTAS DE AMARALIS ARAIÇA

BAHIA, 27 de Abril de 1934.

O Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, em sessão extraordinária, decidiu alterar a regulamentação da profissão de advogado. A nova regulamentação prevê a criação de uma Ordem dos Advogados do Brasil, que será a única entidade responsável pela regulamentação da profissão de advogado no Brasil. Esta decisão foi tomada após uma longa discussão e foi aprovada por unanimidade.

AMARALIS ARAIÇA AS CARTAS DE AMARALIS ARAIÇA

BAHIA, 27 de Abril de 1934.

O Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, em sessão extraordinária, decidiu alterar a regulamentação da profissão de advogado. A nova regulamentação prevê a criação de uma Ordem dos Advogados do Brasil, que será a única entidade responsável pela regulamentação da profissão de advogado no Brasil. Esta decisão foi tomada após uma longa discussão e foi aprovada por unanimidade.

DO I"

do sr. Pi-
em presi-
a transte-
do Lloyd
a 60, sca
L. Foram
de forças
n levados
da Gama
canti, Ca-
ente Lau-
da Cunha,
Lima, Ha-
usa, Radio
aje, Hugo

DETIDOS
BRAS

Encon-
dias, ao
Fuzileiros
obras, dez
em cujas
os varios
planos da

FOI PE-
HA DO
INO

Foi ou-
pelo dele-
encarregado
asabilidades
liciosos des-
eiro Paulo
ontra preso
O engr.
n Bello Ho-
do Capitão
e homiziata
proximida-

STITUTO
VALCAN-
DA

ria) — Du-
er. Lima Ca-
de dos rego-
Andrade Be-
no Governo
ada pela im-
di hoje sa-
idade e oer-
cometimentos
ados na sua
ue os quae
otismo e re-
lo pova,

prensa, que logo se verificará a procedencia de tal noticia, no Gabinete do Minis-
vigilância de todas as forças na-
vaes, neste momento, soube-
vagos do presidente dos fuzne-
ros navaes, na Ilha das Co-
bras, onde se acham.

As actividades communistas na Bahia

As felizes diligencias que vão sendo effectuadas pela nossa Policia

E a prisão, a bordo do "General Osorio", do Pharmaceutico Ferreira Gomes



UM ASPECTO DA CARAVANA DA "ALLIANÇA NACIONAL LIBERTADORA", QUE PASSOU PELA BAHIA, VENDO-SE NO GRUPO O ENGR. VALLE CABRAL

A policia da Bahia, consoante vem fazendo a policia de todos os Estados do Pais, tem tomado as mais rigorosas providencias em torno de pessoas apontadas, nesta Capital, com activi-

dades extremistas. Nesse sentido, as medidas portas em pratica pela nossa organização policial, tem sido de molde a apurar, detalhadamente, as responsabilidades dos envolvidos, directa ou indirectamente, neste Estado, nos ultimos acontecimentos verificados no Brazil. Assim, pois, as diligencias que tem sido ordenadas pela policia vão, aos poucos, esclarecendo os nomes dos implicados em confabulações extremistas e que aqui se reuniam, secretamente, trabalhando para a subversão da ordem e consequente transformação do regimen.

Já o publico está, convenientemente, informado da prisão, na Capital da Republica, do Professor Estacio de Lima, Director do "Instituto Nina Rodrigues", que, a estas horas, já se acha recolhido a bordo do "Pedra I".

AS FORÇAS DO TENENTE MANOEL NETTO VOLTARAM AO INTERIOR

RECIFE, 9 (Victoria) — Tendo vindo auxiliar o combate aos communistas, regressaram ao interior as forças do Tenente Manoel Netto, que chefia o combate aos cangaceiros ha cerca de dez annos, dispondo de 700 civis armados para guarnição de povoados e fazendas do interior.

Agora a policia bahiana, em diligencia feliz, effectuada na residencia do engr. Valle Cabral, professor de nossa Escola Agricola, pôde apreender, dentre outros documentos que o responsabilizam como elemento implicado nas actividades desenvolvidas nesta Capital, em favor do extremismo russo, um livro de actas das sessões que alli se realizavam, pelo qual pôde, a policia bahiana, constatar os nomes dos elementos que a ellas compareciam, cujos passos estão sendo seguidos. O engr. Valle Cabral, que está sendo procurado, activamente, pela policia e que, ao que se acredita, não poderá ter saldo do Estado, continúa, no entretanto, até agora, com paradeiro ignorado.

A nota, porém, que, nestes dias, causou mais sensação no espirito publico, foi a prisão, a bordo do paquete "General Osorio", do pharmaceutico José Ferreira Gomes, socio de "Pharmacia Piedade", á Rua Chile, que regressava do Rio de Janeiro. O sr Ferreira Gomes, que tomou parte activa nas actividades aqui desenvolvidas pela "Alliança Libertadora", apontado como "leader" do grupo extremista desta Capital, estava sendo procurado pela policia do Rio de Janeiro, cuja vigilancia conseguiu buriar, embarcando no "General Osorio", com passaporte.

Das declarações prestadas pelo pharmaceutico, pôde-se, apenas, apurar que o arquivo da A. N. L. desta Capital, tinha sido completamente destruido, delie nada existindo. Consta que, da busca procedida pela policia na bagagem do sr. Ferreira Gomes, foram encontrados numeros da "A Offensiva" e da "A Provincia", além de copioso material de propaganda integralista, o que faz acreditar tivesse sido utilizado esse recurso para despistar a policia carioca.

ve os ban- rios

to madas em favor da
lasse

er- Sindicato da classe dos banca-
m- rios, desenvolvida no sentido de
en- fazer-se cumprir a legislação so-
da- cial-trabalhista".

n- A comissão que esteve em
ão- nossa redacção é composta dos
lo- srs. Deraldo Bastos de Argollo,
a, do Banco of London, do decano
a- da classe, João Gualberto Bitten-
i- court, do Banco da Bahia, João
s- Henriques da Rocha, do Banco
s- Francez-Italiano, e Oswaldo Go-
- mes da Silva, do Banco Allemão
Transatlantico.

s- A desistência do almirante Proto-
- genes sob pretexto de pacificação,
- mas na realidade exigida sob pres-
s- são iníqua e até sediciosa, seria um
c- golpe mortal no systema representa-
t- tivo. O precedente ensinaria que as
eleições, e seus julgamentos são uma
comedia, que os mais ousados só rez-
peitam exactamente na medida em
que isso lhes convém.

Eis ahi, meu caro presidente, o
meu pensamento, sem reticencias,
"sine ira et studio".

Creia-me seu mto. aff. am. e
admirador. (a.) — Raul Fernandes.
Assignaram de accordo, João Gai-
marães, por si e pelo dr. Arnaldo
Tavares, Macedo Soares, por si e
pelo dr. Alfredo Backer, Lemgruber
Filho."

O caso fluminense

PROPAGANDA COMMUNISTA

Domingo, em Plata-
forma, houve um "co-
micio monstro", e
está convocado ou-
tro para quarta-
feira proxima

O agitador Noblat, agente
terrorista muito conhecido,
convocou para se realizar em
Plataforma, no ultimo domín-
go, um comicio monstro, afim
de fazer propaganda da sua
ideologia vermelha.

Domingo, dia de descanso,
não appareceram mais que
treze ou quatorze curiosos para
ouvirem a arenga do agente
moscovita.

Ainda assim Noblat falou.
Fez sua propaganda. Disse da
excellencia do regimen bolche-
vista, que, na sua opinião, o
Brasil devia adoptar. E por
que não teve auditorio, resol-
veu convocar outro "mons-
tro" para a proxima quarta-
feira. Talvez agora, tratando-
se de um dia que não é con-
sagrado ao descanso, o nume-
ro de ouvintes cresça um pou-
co...

Mas... E' possivel, tambem,
que a policia compareça. Pois
não está nas preoccupações da
policia prohibir essa propa-
ganda perniciososa?...

Sobre as transacções da Caixa Economica

La assa Gwyer

Uma bebedeira



José Corrêa da Silva,
que queria matar o
Gwyer de Azevedo

RIO, 4 (O Imparcial)
tual "caso" politico do
Rio, de cujos lances se

do Dia
O ACORDO DO RIO GRAN-
DO SUL, QUE ADVI-
RA DELLE?

medos, cegos, afaz, no ter-
a, por via de qual o livro ge-
de se sua região de estrutura
sua, milhões anuais, se me-
diversas mais prontas
de do grande Estado meridional,
a farsa reconciliatória, des-
quidada vicia, de sorte, con-
sola potera valida de 7-
sua em condições ativas de
da, durante um longo período,
uma simples sugestão, apresenta-
do em nome do Partido Libe-
e a Igreja, mas, ali, ali, ali, ali,
delmada obra de concórdia,
atitudes alheias de prole
de guerra, harmonizada com
aparente harmonizada. Para
se, segundo, e um saguão
para exibir as diferenças
em, no caso das "democracias"
e pelas partes desvirtuadas, tan-
to, em vista que, pela pro-
pria vida republicana, de mui-
to, concordando, a Constitui-
de sua princípios primordiais,
em, se conseguisse a reconcilia-
ção, que voluntariamente, se sou-
se fizesse que acuradamente se
ta. Os meios parlamentares,
e, neste momento, se assenta o
sobre continue com o tipo pro-
to que não deu a Carta Magna
antes o Pacto de 16 de julho
alguma mais drástica, de mui-
to, foram arrastados os políticos
e da jornada política, a qua-
se se elevassem irreversíveis que
se, aliando propósitos de paz
e do futuro problema da succe-
ssão "racional" de parte a parte,
talvez constituições de Res-
ponsabilidade.

colônia, em que hoje se cria
e caduca, adquirindo em si-
tução anterior, em grande par-
te, pelo princípio federativo da
sua elasticidade teria sido, to-
do e a mais eficaz estrutura-
ção, exercendo os homens
alturas e defendendo, desvirtu-
ando a imparcialidade dos poderes
que os poderes constituídos de

como se vê, o poder político, e
o nome do sr. Rui Pires, que-
do brasileiro do regime para-
queto, e desvirtuando, apesar de
re a administração e a política
em tal país, se tornam o prin-
cípio, a entrar em jogo nos pro-
cedimentos, tão obstatos e ar-
duos e imprevisíveis o con-
sultar e a mesma autoridade, com

AGENTES EXTREMISTAS CONTINUAM agindo, mysteriosamente, nesta cidade

Ao apparecimento de boletins vermelhos, caídos do alto sobre os estabelecimentos labris da Boa Viagem, liça-se a suspeita de um avião em vôo pela madrugada

No Asin de Mendicidade, a reportagem do "Diário de Notícias" sobre o dr. Cyro de Assis e a irmã Maria — Detalhes das investigações do reortir para descobrir a pista



O ASIN DE MENDICIDADE, ONDE FORAM CAIR OS BOLETINS EXTREMISTAS, NATURALMENTE DESTINADOS A FABRICA LUIS TARQUINIO, NA BOA VIAGEM

A despeito de quantas provi-
dências sejam as autoridades
pode em pratica, na república
se extremismo, se adoptam os cri-
de verdade não deixamos, tam-
sempre, na ilusão de reali-
zar, entre nós, os seus propo-
sitos latentes.

E' aliado que a maioria da po-
pulação, que a quem totalidade
desta não tolera, não aceita, não
afirma, mesmo, se estabelece
qualquer alteração do nosso re-
gime.

Não obstante, os desvirtuados
elementos que abrigam o re-
bo extremismo, movidos por in-
conscientes interesses, não de-
zam de promover todos os meios
para conseguir augmentar os seus
filhos, e que não obtem, com-
tudo e facilmente.

Na sua attitudde invariante e ge-
ralmente bem accida do povo
brasileiro, o Governo da Republi-
ca e dos Estados, logo de que
a tiram, para sempre, de-
do não se ligam a estes que se

a impressão de acontecimentos
que aquellos não se fariam de re-
gular se verificasse...
E, destarte, sob tal impressão,
de toda justificação, privativa-
to em face do que já houve, quan-
do existia quem não acreditasse
na sua conservação, tem o povo
passado instantes de esperanças
realmente provocadoras.

E, em verdade, qualquer facto
é motivo para desconfiança de
toda ordem, que facilmente co-
nhecemos entre a que se ligam,
formando corrente de pueras ap-
parentes, e, de facto, não raro, de
uma lenda como qualquer outra...

Dentre essas situações de in-
terrupto alarva, tem notado
muito gente, certos

NOVO DE AVIAO, A NOTAR

Efectivamente, diversas pes-
soas tem observado ruidos de
avião, pela madrugada, quasi
sempre entre tres e quatro horas
da manhã, quando os habitantes
desta cidade se acham entretidos
em seu melhor sono, e, muitas
vezes, que se deixam ficar ali
certa hora das diversas especu-
lações em que se tem obrigados
durante esse tempo.

Assim, tem ouvido — ha mui-
to de dois ou tres dias — o bo-
do de que o avião em voo ap-
parece cair nos boletins sobre al-
gumas das varias fab-rias desta
Capital, inclusive na da Boa Vi-
agem, acrescentando-se, ali, que
diversos dos imprensa em quan-
tos fizesse dar nos torreses do
Asin de Mendicidade, visto do
qual estabelecimento, onde al-
gumas de operários e artizes tra-
balham em prol da nova econo-
mia, ganhando, honradamente, o
seu sustento e o de suas respec-
tivas familias.

COMO NA LENDA...

Preservada e poplarizada em
trabalho honesto e honrado
de que se trata, que a lenda, re-
do não se ligam a estes que se

lando, hoje, o nosso confratão
dr. Cyro de Assis, medico do me-
dicado Asin, não pertence a
oportunidade.

OUVINDO O NEMERO DO AVIAO

Conhecidas as suas idéas il-
lustras democraticas, talmo-
sem embargo, do momento as-
sumpto. E o illustre facultativo
demonstrou que realmente appare-
ceram, ante-hontem, nos jardins
do referido estabelecimento, al-
gumas boletins extremistas, con-
tendo a declaração de sr. José Vi-
cente Pereira, recolhido aquella
casa de caridade, e qual especu-
ladora um dos exemplares. E era
só o que, a respeito, sabia e nos
pode informar. Ante isso, diri-
gimo-nos ao Asin.

NA BOA VIAGEM

Rapheles ali, gentilmente, pela
religiosa irmã Maria, que dispo-
sa das portas de seus serviços e
o seu conforto espiritual, por seu
intermédio podemos falar ao sr.
José Vicente Pereira. Recusou
então, a principio, attizar ainda
nos filios, por um vez.

— Mas, então, ainda, ante-hontem,
passava pelas janelas da
casa, as cinco horas, mais ou me-
nos, quando deparou um exem-
plar de um boletim, contendo
o seguinte e fortissimo ao Lon-
do Telegraphica.



Dr. DERALDO DIAS, medico do Asin de Mendicidade

nos exemplares e acrescentando
que o Partido Comunista do
Brasil marchava para a victoria e
etc., terminando com um viva a
Luiz Carlos Prestes. De posse do
manifesto disse ainda alguns
comentários, e falou ao dr. Cyro
de Assis, a quem o manifestante
conhecera. Depois, se apresentou
ao dr. Asin, e, a respeito, não se
deixou de falar, e a respeito, se a
o operário e fortissimo ao Lon-
do Telegraphica.

Quanto aos boletins extremistas,
do seu conhecimento que outros
poderão, ali, se encontrarem, tam-
bem, mas que, assim, os boletins
que foram maior importância, pro-
vindos... dos mesmos.

Devia dizer, porém, que "fizer
um avião que se desliza sobre a
noite, madrugada, que da pa-
reja da Fabrica para".

NA FABRICA

Deixando o Asin de Mendicidade,
dirigimo-nos a Fabrica, ali,
ali, e Boa Viagem, onde pro-
curamos obter um exemplar de
tal boletim. Foi, sem, encontra-
do, nenhum. Nenhum mais bo-
letim extremista... Nenhum avião
em voo... Nenhum avião
procurado com o avião
assumpto.

Falamos, mesmo, a um dos
filios do Asin. E uma, unanimi-
tade, declararam que ali, na Fa-
brica, não ha quem tenha a dis-
posição de entrar em tal sala e
muito menos de passar a
qualquer especie de impresso. As
ordens são rigorosas e a apre-
sente localidade e de trabalho
para o maior desenvolvimento do
trabalho, que tanto importa em
propria melhoria.

Era aliado o que nos explica
— Cont. se 2.

A campanha contra a alta da gázolina movimentou a cidade

Hoje, numa grande parada de automoveis, omnibus e caminhões, proprietários e "chauffeurs" vieram buscar o nosso amparo à classe

E depois foram ter com o Prefeito da Cidade, apellando contra a escocça

A reconstrução technica
do Rio S. Francisco

AL

"O IMPARCIAL"

PAGINA 3

O comunismo no Gymnasio da Bahia

UMA CARTA DO DIRECTOR DESTA ESTABELECIMENTO

Ao sr. dr. Clemente Guimarães, jovem, deve ficar de braços cruzados, nada tem que ver com a "historia". Absolutamente. E até — o que vai parecer mais complicado — a nós, é que cabe tomar a dianteira da questão, da causa. E como conseguirmos isto? Trabalhando pela união de todos, pelo intercambio estudantil, pelas campanhas que visem levar a juventude faminta de tudo, o conforto e a solução para o seu sofrimento... ingressar, tomar parte nos Congressos Estudantis, na campanha dos 50 %... E por fim num panfletinho curioso: "(Vamos silenciar um pouco, por este pé, para não dizermos verdades cruas que de certo trariam ferir muita gente.)"

Ah! está! Como negar que se faz propaganda comunista no Gymnasio, ainda agora, em pleno "estado de guerra"? Quem não sabe que os taes "Congressos Estudantis" e a tal "Campanha dos 50 %" foram manobras comunistas para embair a juventude inexperiente? O proprio chefe de policia carioca, capitão Felinto Muller, em nota official foi quem as desmascarou. C. que verificamos é que v. ex. se tem descurado na direcção do Gymnasio da Bahia quanto ás actividades perniciosissimas de certos elementos que se fazem de amigos dos alumnos para lhes infiltrar no espirito o germen do nesocio. Urge que uma attitudie enérgica ponha cobro a taes actividades para que se tranquilize a consciencia dos paes, cujos filhos frequentam este Gymnasio. Vê, portanto, v. ex. que estou, que sempre estive com a razão e que nenhum outro intuito me orienta senão o de preservar a futura mocidade deste estabelecimento, das perdas machinacões dos inimigos de Deus, da Patria e da Família. Agradecido pela attenção, sou de v. ex. amigo e admirador. — OLDEGAR VIEIRA. Bahia, 13-6-1936.

Reforçando as minhas afirmações, no momento postas em duvida por v. ex., immediatamente offereci o testemunho de varios alumnos, o que porém foi recusado sob a allegação de que extranhos não poderiam interferir no Gymnasio.

Agora, exmo. sr. dr. Clemente Guimarães, venho de publico, trazer o documento inextinguível da minha denuncia. Denuncia que no momento actual assume uma gravidade muito maior, uma vez que, tendo o governo experimentado em novembro as consequências do seu desleixo pelo combate ao comunismo, já agora não lhe dá tregua. O motivo que me traz á redacção d'"O IMPARCIAL" é o seguinte: Hoje á tarde, tendo chegado ás minhas mãos um exemplar do primeiro numero d'"O Cenáculo", órgão official do gremio do Gymnasio da Bahia que circulou no dia 11, logo me interessei pela leitura das suas paginas, deparando no centro da primeira, em destaque, com um appello "A Mocidade desta Casa". Da sua rápida leitura notei que o autor a nymo tambem sofre a fobia do verde (excellent característico dos rubros) pois logo no inicio desaconselhando aos gymnasiannos a "demagogia chlorofilada". Mais adiante, o jornalista-zinho, por signal que titubeante, confuso e asneirente escrevia: "Nós, a juventude que estuda, que trabalha, que sofre, não podemos, nem devemos pensar que tudo isto é só com as outras pessoas, que acontece; que a gente por ser moço, ser

COM DESTINO A
CAPITAL DA RE-
PUBLICA

Embarcaram no "Arlanza" o governador do Estado e o Secretario da Fazenda

O dr. Delsuc Moscoso vae á Argentina

Passageiros do "Arlanza" seguiram, hontem, com destino á metropole do país os srs. cap. Juracy Magalhães, governador do Estado, e dr. Gileno Amado, secretario da Fazenda.

Pelo mesmo paquete da Mala Real Inglesa viajaram para o sul os srs. dr. Cezar de Araujo, illustre clinico contraneco, e o engenheiro Delsuc Moscoso, superintendente da E. F. de Nazareth e um dos organizadores da Cooperativa Instituto de Pecuaria.

O dr. Delsuc visitará a Republica Argentina, tendo oportunidade de conhecer de perto o adiantamento alcançado pela industria pastoril nas terras platinas.

Os srs. cap. Juracy Magalhães, Gileno Amado e Delsuc Moscoso viajam em companhia de suas exmas. familias.

O cons. Correia de Menezes, presidente da Assembléa, assumirá as funções de chefe do executivo, na ausencia do governador do Estado.

Viajava clandestinamente

Passou, hontem, por este porto, vindo da Europa, o paquete inglez "Arlanza", em cuja visita, a Inspectoria de Policia do Porto impediu o desembarque do clandestino lusitano, José Pedro dos Santos, embarcado em Lisboa.

— RIPAS —
VENDE-SE RIPAS DE
— BOBINAS —
Trata-se na Gerencia
— desta folha —

Homenageado o arcebispo da Bahia

A manifestação da "Colligação Catholica Brasileira", no Rio, a D. Augusto Alvaro — As homenagens que estão sendo preparadas ao eminente prelado nesta capital

rá, para onde fôra res-
sr. José Cavalcanti,
funcionario dos Cor-
tegraphos.

agios
— Na Igreja matriz
o será celebrada ama-
corrente, missa de
elo fallecimento do d.
urinho Teixeira, mar-
pelo seu esposo, dr.
Teixeira, estimado e
clínico nesta capi-
seus demaes parentes.
acto religioso, que se
8 horas, estão sendo
todos os amigos da
tutada.

ntes
do "Arlanza" seguiu,
ra a Capital da Re-
cirurgião-dentista dr.
iz Gonçalves.

to viajante foi acom-
seus filhos, os aca-
bernando e Humberto
alves.
hontem, para o sul-
te inglez "Arlanza",
Armando Carneiro da
Hello Simões, dr.
dr. Rogerio de Fas-
car Vascconcellos Ri-
Herbert Parentes For-
leno Amado, dr. Nino
aptista, dr. Delsuc
de Oliveira, dr. Pedro
dr. Cesar Araujo, dr.
eck dr. Aurladio Ca-
r. Peixoto Antunes
ico Geraldo Leal dos
Mauricio Zimelzon,
nds, dr. Azis Maroh,
Vianna, Jayme Vian-
tocha Netto, Silino de
Carlos M. Chastinet,
Branco, Joseph Dubi-
ghone, Joseph Hal-
ricio Halpern, Dirceu
muel Seberentick, Au-
al, Antonio Rofful-
rito, Evonio Marques,
s Diniz Gonçalves,
Diniz Gonçalves, Fer-
iz Gonçalves, Max
Antonio Silva, José
Aloysio de Almeida,
Sampaio, Luiz Souza
theco de Oliveira, José
Simão Roizen e d. d.
o, Carmen Sampaio,
dos Santos, Maria Vi-
garida Vianna Gra-
a, Heloysa Carneiro da
da Lopez, Anella Ta-
do, Maria Celia Ana-
Amado, Edith Moscoso
Marietta Rocha Net-
ara Moreira Chastinet,
Costa, Olga Chegnon-
Chegnon, Anna Hal-
a Zimelzon, Laurinda
ardes Machado, Maria
Stella Correia, Lu-

Propriedade da CIA P...
E GRAFICA DA BAHIA
Fundada em 1911
Rua Rey B...
Edificio pr...
Tel. — "O IMPARCIAL"
Endereço:
Calça Postal — 111
Direção e Redacção — 111
Gerencia — 111
Sucessor: Sr. R...
Praca Floriano, 11 — 111
Agentes e correspondentes
Estados e Municípios
Assinaturas — 111
Anno com supplemento
Semestre com supplemento
Anno sem supplemento
Semestre sem supplemento

O Director do "O IMPARCIAL" encontra-se na Redacção das 12 ás 15 e ás 18 e ás 21 horas, á disposição de quem tenham a tratar assumptos em relação a assignatura e a correspondencia deve ser entregue ao Director do "O IMPARCIAL".

CONCORRETORES DE F...
Além dos srs. J. D. ...
gerente do "O IMPARCIAL"
Henrique Góes — extrinsecos
zados de publicidade desta
vidamente credenciados, en-
derão ser admitidos todos
sumptos referentes a publi-
annuncios ou qualquer outro
retribuida, de interesse de
quem, apresentando-se com
corrector ou representante
do "O IMPARCIAL", exhibir a
vel carteira de identidade
cial firmada pelo Director
e com os necessarios
identidade.

"O IMPARCIAL" não ap-
desaproveita os conceitos
de seus colaboradores
assignados.

"Os factos e prolas
sas os attentados da
do povo, serão aqui
do sem subterfugio, sem
sem pusillanimidade".
Programma do "O IMPARCIAL"
de Maio de 1935.

Bahia, 11 de Junho

A nova directo-
Beneficencia
xeiro

Em sessão de
realizada a 14 de
na Sociedade
Netral elego e
vos administradores
cicio de 1936 —
ordem:
assembleia geral

Pass
do
Palat

O inter-
dad Clp

Passo
por est
anunci
per", d
to Cam
meado
para as
tervent
O dis
exerceu
só no C
rante a
aerop
cumpr
deste E
ridades

Cont

A po
do dr

Occu-
no da
Clement
mo dire
Bahia e
sua circ
Sua p
benemer
bercuola
teressa
penhada
dadas at
xia da U
Foi us
los conce
dos

Falará
feira em
anti-tube
cios da
nha, o d

130

Estará, mesmo, Luís Carlos Prestes clandestinamente, na Bahia?

A policia do Rio disse teve mysteriosa denuncia, e parece que já se communicou com a do Estado

Uma revista parisiense diz estar habilitada a provar que o ex-ministro russo, no Uruguay, Alex Minkin, era o distribuidor de fundos para a propaganda vermelha, na America do Sul

Uma carta mysteriosa ao sr. Filinto Müller



LUIS CARLOS PRESTES

RIO, 2 (Pelo Aéreo) — Estamos informados, apesar do rigoroso sigillo que se guarda, a respeito do assumpto, nas rodas do Palácio da Relação, que o Cap. Filinto Müller, o operoso Chefe de Policia do Distrito Federal, a quem se deve a salvação do regimen e a eficiente defesa das nossas instituições, pelo seu trabalho, ininterrupto e perfeito, de descoberta e frustração dos planos communistas, teria, hontem, a noite, recebido uma carta, entregue, em mão propria de um seu official de Gabinete, por individuo desconhecido, que lhe declarava ser a mesma procedente de Matta Grosso, e escripta pelo senador Vespasiano Martins, amigo do chefe e seu correligionario na politica daquelle Estado.

Guardando o documento, que estava, naturalmente, fechado, o tinha a nota de "particular", no envelope, o referido auxiliar do sr. Filinto Müller, logo que este chegou á repartição denhe conhecimento da ocorrência.

ERA UMA CARTA DENUNCIA

Abrindo, alli mesmo, a correspondencia, o Chefe de Policia verificou a mentira do intermediario da dita. A carta não era de quem o referido portador affirmára, bem como não trazia assinatura alguma, sendo datada de Nietheroy.

Começava o seu autor, pedindo desculpas de não firmar o que trazia ao conhecimento do Capitão Müller, mas explicava que aquelle procedimento era devido a justa precaução, em bem da sua propria segurança pessoal, pois, se fosse identificado, seria, fatalmente, sacrificado pelos seus ex-companheiros de credo. Dizia, mais, ter-se afastado das extremistas, por haver sido traído por um dos "leaders" do movimento, e que, convencido da infamia dos processos dos mesmos, que o illudiram, até á ultima hora, passava a dar conhecimento á policia de que Luís Carlos Prestes não estava nem no Paraguay nem em nenhuma outra parte do estrangeiro. Fugira para Minas, tendo estado em Pirapóia em 17 de Janeiro, com o nome de José Januario. Dalli deveria ter seguido com rumo ao interior bahiano, pois sempre acreditou na conveniencia de preparar um golpe, partido da região do São Francisco.

Pelas minucias que ainda colhi, o denunciante deveria ter dito, ainda, ao destinatario que, a estas horas, se Prestes não mudou de intenção, estaria entre os municípios de Carinhanha e Lapa, já com outro nome, de Hermogenes Calazebra, não mais usando barbas, desde Maio de 1935.

Pelo que pude mais obter, a Policia do Rio ter-se-ia comunicado com a da Bahia, mandando a Segurança Social daqui cinco emissarios de confiança para Pirapóia, a fim de realizar importante diligencia.

Ao que se afirma, se Prestes estiver mesmo na zona, será colhido, na certa, a não ser que se metta pelos sertões do Estado de Goyaz.



O ULTIMO RETRATO DO FAMOSO EX-MINISTRO ALEXANDRE MINKIN

RIO, 4 (Argos) — Telegrammas de Paris dizem que o hebdomdatario "Gringoire" publica um artigo intitulado "Os Soviets enxotados do Uruguay" no qual observa textualmente: "A expulsão de um embaixador cujas funções se limitam á organização da guerra civil e da revolução não poderia ser considerada como um acto de ruptura mas, simplesmente, como uma operação policial".

O jornal lembra, então, a actividade dos agentes officiaes sovieticos em diferentes países a partir de 1918 e cita a expulsão "manu militari" da legação dos Soviets de Berna, a expulsão da Arcos de Londres em 1927, o rompimento de relações entre o Mexico e Moscou em 1930 e finalmente a expulsão em 1931 da Yuyamorg de Buenos Aires. Conclue com estas palavras:

"O que o distincto representante do Uruguay em Genebra, sr. Guani, não acrescentou mas nós estamos habilitados a precisar, é que o camarada Minkin era o distribuidor official dos fundos de propaganda communista destinados a fomentar a revolução na America do Sul".

Ainda as eleições municipais

OS EXAMES VESTIBULARES